



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Mariana Monteiro Marques

**O papel dos media na criação de
distância:**

Um estudo comparativo entre a crise dos
refugiados de 2015 e a guerra na Ucrânia

Dissertação no âmbito do Mestrado em Relações Internacionais –
Estudos da Paz, Segurança e Desenvolvimento, orientada pelo
Professor Doutor Bernardo Teles Fazendeiro e apresentada à
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Julho de 2023



FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

O papel dos media na criação de distância:

Um estudo comparativo entre a crise dos refugiados de 2015 e a guerra na Ucrânia

Dissertação no âmbito do Mestrado em Relações Internacionais - Estudos da Paz,
Segurança e Desenvolvimento, orientada pelo Professor Doutor Bernardo Teles
Fazendeiro e apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra para
obtenção do grau de Mestre.

**Mariana Monteiro Marques
Coimbra, julho de 2023**

Agradecimentos

Chegou, finalmente, o momento de agradecer a todos aqueles que me ajudaram a chegar à meta deste longo caminho entre Coimbra e Bordéus.

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor Bernardo Teles Fazendeiro pela sua capacidade de me tranquilizar durante as (muitas) reuniões ao longo deste ano, assegurando-me que estava a fazer um bom trabalho, e por mergulhar comigo neste tema. A sua preciosa ajuda e aconselhamento foram fundamentais.

Em segundo lugar queria felicitar e agradecer aos meus amigos e colegas FIFPOs, com quem, ao longo desta jornada de cinco anos, partilhei dúvidas e receios, mas, também, muitas alegrias e celebrações, quando mais uma temporada de avaliações terminava. Estou, principalmente, grata à Luísa e ao Bruno por serem os melhores amigos que eu podia pedir e por estarem sempre dispostos a ajudar-me e a ouvir as minhas incertezas. Foi com eles que partilhei os melhores momentos, tornando a minha jornada académica muito mais especial.

Por fim, quero agradecer à minha família por sempre me fazerem acreditar que sou capaz de atingir todos os objetivos a que me proponho. Mas, em particular, à minha mãe pelo seu amor, presença e apoio constantes e incondicionais, a ela devo tudo o que sou hoje e o que conquistarei no futuro.

Resumo

A presente dissertação tem como grande objetivo perceber se o jornalismo escrito tem um papel na criação de distância entre os leitores europeus e os refugiados. Esta questão surgiu, pois, a resposta europeia ao número de refugiados provocados pela guerra na Ucrânia, levantou várias dúvidas sobre a natureza dos argumentos e das políticas direcionadas aos refugiados, quando comparados com a crise de refugiados de 2015, marcada pela intensificação do número pessoas, principalmente de nacionalidade síria, a tentar alcançar as costas europeias. Esta distinção entre refugiados é observada também nos media, que representam os ucranianos como próximos e semelhantes à população ocidental sendo, por isso, merecedores de apoio e solidariedade, ao contrário do que tem vindo a acontecer em relação aos refugiados do Norte de África e do Médio Oriente. Estes comportamentos contribuíram para o questionamento da forma como os media têm um papel para construção do “outro”, sobre o poder do seu discurso na representação da sociedade e da sua influência junto do público. A cobertura mediática, através da reiteração do discurso dominante da ênfase da diferença leva os refugiados a posicionarem-se a uma grande distância da empatia ocidental. Esta distância acaba por justificar o comportamento diferenciado por parte dos media aos olhos do público, no qual determinados refugiados são merecedores de uma representação complexa e outros limitam-se a serem alvo de uma cobertura noticiosa incompleta e, muitas vezes, sensacionalista. Esta construção do “outro” está relacionada com o conceito de Orientalismo de Edward Saïd, que pode ser considerado um exemplo de geopolítica crítica, uma vez que grande parte do trabalho de Saïd debruça-se sobre a forma como a geografia não é algo natural e como os discursos têm influência na criação de espaços e na associação de determinadas características às pessoas que neles habitam. Esta ideia materializa-se no seu conceito de geografias imaginativas. Sendo assim, a noção de distância é algo que surge frequentemente na ideia de construção do “outro” e de como aqueles que ocupam um espaço diferente têm automaticamente características diferentes das “nossas. Esta dissertação propõe, então, analisar se a imprensa escrita recorre a este comportamento orientalista, por meio da criação de distância, através de uma comparação entre a cobertura jornalística sobre a crise de refugiados e a guerra na Ucrânia. Conclui-se que o jornalismo escrito realmente contribui para a criação de distância entre os leitores

e os refugiados, mas que ao contrário do que a literatura apontava, esta criação é muito mais subtil e não tanto através de representações extremistas e racistas.

Palavras-chave: Refugiados; Ucrânia; Síria; Orientalismo; Distância;

Abstract

This master's dissertation intends to analyse if written journalism has a role in the creation of distance between European readers and refugees. This question arose due to the European response to the number of refugees caused by the war in Ukraine seeking refuge in European countries. This response rose doubts about the nature of the arguments and policies towards refugees, when compared to the 2015 refugee crisis, created by the increase of the number of people, mainly of Syrian nationality, trying to reach European shores. This distinction between refugees it's not only political, but it also happens in the media, which represents Ukrainians as close and similar to the Western population and therefore deserving of support and solidarity, unlike what has been happening with refugees from North Africa and the Middle East. This behaviour raised questions about the way media contributes to the construction of the "other", about the power of their discourse in representing society and their influence on the public. Media coverage, through the reiteration of the dominant discourse that emphasises difference, leads refugees to position themselves at a great distance from Western empathy. This distance ultimately justifies media's differentiated behaviour in the eyes of the public, in which certain refugees are worthy of complex representation and others are narrow to an incomplete and often sensationalist news coverage. This construction of the 'other' is related to Edward Saïd's concept of Orientalism, which can be considered an example of critical geopolitics, since much of Saïd's work focuses on how geography is not natural and how discourses influence the creation of spaces and consequently the association of certain characteristics with the people who inhabit them. This idea materialises in his concept of imaginative geographies. As such, the notion of distance is something that often comes up in the constructing the 'other' and how those who occupy a different space automatically have different characteristics. This dissertation then proposes to analyse whether the written press, specifically online newspapers, resorts to this orientalist behaviour, through the creation of distance, by comparing the news coverage on the 2015 refugee crisis and the war in Ukraine. This comparison allowed to conclude that written

journalism does contribute to the creation of distance between readers and refugees, but that contrary to what the literature pointed out, this creation is much more subtle and nuanced and not so much through extremist and racist representations.

Keywords: Refugees; Ukraine; Syria; Orientalism; Distance

Índice de Tabelas

Tabela 1. Tabela para a análise de artigos sobre refugiados sírios e refugiados ucranianos	47
Tabela 2. Elementos criadores de distância presentes nos artigos sobre refugiados sírios	58
Tabela 3. Elementos criadores de distância em artigos sobre refugiados ucranianos.....	58

Sumário

Introdução.....	8
1. Quadro teórico.....	15
1.1 Os refugiados pela lente dos media: uma representação orientalista	15
1.2 A geopolítica crítica e a criação subjetiva do espaço	22
1.3 O questionamento do conhecimento dominante pela teoria pós-colonial.....	27
1.4 Orientalismo – a criação de um espaço geográfico dividido entre “nós” e “eles”.....	29
1.5 Geografias imaginativas e a dramatização da distância	32
Capítulo 2. O papel dos media na sociedade.....	37
2.1 Definição e evolução dos media	37
2.2 A capacidade de <i>agenda-setting</i>	42
2.3. O peso do poder político e dos interesses comerciais.....	44
2.4 Metodologia.....	46
Capítulo 3. Os media e a criação do “outro” através da distância.....	51
3.1 Contextualização histórica	51
3.1.1 A crise dos refugiados de 2015	51
3.1.2 As origens da Guerra na Ucrânia	54
3.2 Uma análise comparativa entre notícias sobre refugiados sírios e refugiados ucranianos	57
3.2.1 Os artigos sobre os refugiados sírios.....	60
3.2.2 Os artigos sobre refugiados ucranianos	63
3.3 Considerações finais.....	64
Conclusão	67
Apêndices	77
Apêndice I: Elementos criadores de distância nos artigos analisados sobre refugiados sírios.....	77
Apêndice II: Elementos criadores de distância nos artigos analisados sobre refugiados ucranianos	82
Referências bibliográficas dos artigos:	87

Introdução

A nível mundial, o século XX foi caracterizado por um grande fluxo de movimentos migratórios, com enfoque na Europa. Em 1950, foi fundado o Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) como a resposta do sistema internacional de estados ocidentais à migração internacional forçada e ao deslocamento de milhões de pessoas, provocado pela segunda guerra mundial e o início da guerra fria. Assim, a Convenção de 1951 definia refugiado como um indivíduo que

(...) em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele ¹ (ACNUR, 1951).

Em 1967, o protocolo foi revisto e a Convenção de 1951 foi emendada, sendo removidas as referências específicas a datas e sítios, isto porque, a partir da segunda metade deste século, começamos a assistir a vários acontecimentos que tiveram um impacto na paisagem internacional, entre os quais os movimentos de descolonização em África e na Ásia, a Revolução Comunista Chinesa e a guerra civil na Argélia. Estes eventos geraram grandes movimentos de pessoas em busca de asilo e desafiaram o pensamento convencional sobre o estatuto de refugiado. Heather Johnson identifica três processos sobrepostos de transformação da imagem do refugiado, ao longo dos últimos 60 anos. Estes são (1) a radicalização do refugiado, com uma mudança global do regime de refugiados, de um foco eurocêntrico para um foco no Sul Global e uma mudança na solução associada, que passou de ser preferencialmente a integração para a repatriação e proteção preventiva; (2) a vitimização do refugiado, ou seja, uma mudança na imaginação do refugiado como uma figura política poderosa para uma vítima indiferenciada, sem voz e sem agência política e, por fim, (3) a feminização do refugiado, com uma mudança na figura imaginada de um homem para mulher. A imagem típica do refugiado como um homem sozinho ou com a sua família a fugir da perseguição política começou a ser substituída por massas de populações a tentarem fugir da guerra à procura de abrigo na Europa (Johnson, 2011).

¹ Para uma definição mais detalhada consultar a Convenção relativa ao estatuto de refugiados de 1951 do ACNUR.

Na conjuntura internacional atual, a situação dos refugiados é uma questão importante a resolver, sendo que o número de refugiados e requerentes de asilo tem vindo a aumentar. Segundo dados do ACNUR, no final de 2022, em todo o mundo existiam 35,3 milhões de refugiados e 62,5 milhões de pessoas internamente deslocadas, devido a guerras e conflitos. Sendo que menos de 20% dos refugiados e apenas uma fração das pessoas internamente deslocadas estavam a viver na Europa (UNHCR, 2023). Contudo, as soluções preferencialmente escolhidas para lidar com a situação dos refugiados como a construção de muros, o enclausuramento em campos de refugiados, e o repatriamento forçado não parecem corroborar com as normas estabelecidas internacionalmente.

De acordo com o Pew Research Center, em 2014, foram submetidas cerca de 600 mil candidaturas a asilo na União Europeia (UE), Noruega e Suíça, registando um aumento de 47% face ao ano anterior. Em 2015, o número de candidaturas aumentou mais uma vez, alcançando 1.3 milhões, o que se traduziu num aumento de 122%. Apesar de neste aumento se destacarem alguns países como o Iraque e o Afeganistão, era a Síria que representava a maior percentagem de refugiados à procura de asilo na Europa (29%) (Pew Research Center, 2016). Desta forma, 2015 foi o ano em que os jornalistas reportaram o maior movimento de pessoas entre fronteiras, através de uma cobertura diária e exaustiva. Rapidamente estes fluxos de refugiados e migrantes começaram a ser referidos como a “crise de refugiados/migrantes da Europa” (Georgiou & Zaborowski, 2017). Uma vez que o conceito foi adotado amplamente pelos media e pelo poder político, será também utilizado nesta dissertação, mas com o entendimento de que os media tiveram uma grande influência no enquadramento destes acontecimentos como uma “crise”.

Face ao aumento do número de refugiados a tentar atravessar as fronteiras europeias, os estados têm vindo a adotar medidas de securitização, através de um controlo mais apertado das fronteiras. Para além das justificações relacionadas com o receio pela insegurança, o argumento de que as economias europeias não têm capacidade para absorver tantos cidadãos novos é utilizado para justificar estas medidas apertadas. Contudo, recentemente, a resposta à guerra na Ucrânia leva a crer que a Europa tem duplos critérios relativamente ao acolhimento de refugiados, uma vez que, em poucos meses, já tinha recebido mais de um milhão de ucranianos, espalhando-se uma onda de ações solidárias por todo o continente. A julho de 2023, quase um ano e meio após o início da guerra, o número de refugiados ucranianos que havia entrado na Europa rondava os 6 milhões (UNHCR, 2023). Todavia há que fazer a ressalva que após a invasão da

Ucrânia pela Rússia em fevereiro de 2022 foi ativado, pela primeira vez, o Dispositivo de Proteção Temporário. Este dispositivo, criado devido aos conflitos armados nos Balcãs Ocidentais, constitui um mecanismo de urgência, ativado em situações excepcionais, que concede proteção a pessoas deslocadas, atribuindo-lhes determinados direitos, como a possibilidade de trabalhar de forma legal nos países de acolhimento (Conselho Europeu, 2023). Isto faz com que a nível do direito internacional, as pessoas deslocadas devido à guerra da Ucrânia não sejam, legalmente, consideradas refugiados, uma vez que usufruem de uma série de direitos a que normalmente os refugiados não têm acesso. No entanto, do ponto de vista moral e aos olhos dos cidadãos, estas pessoas continuam a ser considerados refugiados, por isso, durante esta dissertação o termo “refugiado” será utilizado para descrever aqueles que fugiram da Ucrânia devido à guerra. Para além do mais, a própria ativação deste mecanismo, faz-nos perceber que existe, desde logo, uma resposta e posição política diferente por parte dos países europeus face aos refugiados sírios e ucranianos.

Posto isto, é importante entender o que causa estes comportamentos e critérios diferenciados em relação ao acolhimento de refugiados. Serão uns mais merecedores que outros? Nas palavras da repórter da NBC News, Kelly Cobiella, partilhadas por vários outros repórteres “(...) estes não são refugiados da Síria. Estes são cristãos e brancos”. Declarações como estas fazem levantar questões sobre a influência dos media na opinião pública e nos processos de decisão política, nomeadamente, através das suas representações e enquadramentos. Contudo, uma vez que este tipo de reportagem faz parte de apenas um determinado tipo de media, seria interessante perceber se acontece noutros segmentos, como, por exemplo, na imprensa escrita.

Segundo Georgiou & Zaborowski (2017) no caso da crise dos refugiados, os media tiveram um papel mais relevante do que o habitual. A escala e rapidez dos acontecimentos em 2015 tornaram os decisores políticos dependentes da informação divulgada pelos media, para compreenderem o que estava a acontecer e tomarem decisões. Também a falta de conhecimento e contexto sobre aqueles que chegavam à Europa, por parte do público, fez com que estes dependessem exclusivamente dos media para obter informação sobre a situação. “Assim a análise da cobertura mediática da “crise de refugiados/migratória” é crucial para entender: (1) as narrativas da “crise”; (2) as

tendências geográficas; (3) os desafios para a formulação de política, especialmente em relação ao discurso de ódio e liberdade de expressão²” (Georgiou & Zaborowski 2017).

A framing research (investigação sobre enquadramentos), importante paradigma socio-científico da investigação sobre a comunicação de massas, que será explorada mais à frente, ajudou-nos a perceber de que forma os media adquiriram um papel importante na definição dos temas de debate público. Desde os anos 90 que este ramo de investigação tenta mostrar que os media têm um papel fundamental na definição da forma como as audiências entendem um assunto de interesse público. É dentro do paradigma crítico-cultural dos media, que os académicos criaram e estudam a ideia de representação. Este conceito ajudou os especialistas a ultrapassarem a ideia de que as mensagens são simplesmente um retrato ou um reflexo da realidade. Na verdade, as representações estão inseridas nos contínuos fluxos dos media, estabelecendo normas e senso comum sobre pessoas, grupos e instituições na sociedade. Construir representações é, portanto, um ato de poder, uma vez que elas informam o público sobre como interpretar o mundo, moldando as suas imaginações (Fürsich, 2010). Vários académicos defendem que o poder dos media não é o de influenciar a forma como as pessoas pensam, mas sobre o que pensam, através do fornecimento de apenas parte da informação (Entman, 1998).

Relativamente aos refugiados não-ocidentais, os académicos dos meios de comunicação culturais demonstraram que as notícias e os meios de comunicação de entretenimento estereotipam grupos minoritários, pessoas não brancas e não pertencentes à elite, ao excluírem-nas da cobertura jornalística ou oferecendo-lhes representações limitadas. As diferentes plataformas ligadas à comunicação social retratam frequentemente as minorias como diferentes, exóticas, especiais ou anormais. Sendo assim, as representações de diversas minorias nos meios de comunicação atuais estão, frequentemente, ligadas a imaginários históricos racistas, como a literatura e ciência colonial. Mesmo que os media contemporâneos tentem evitar estes retratos simplistas, as práticas de produção e ou a pressão económica mantêm esta representação problemática e limitada do mundo (Fürsich, 2010).

Vários académicos ligados aos estudos culturais partem do trabalho de Edward Saïd, para perceber o impacto destas representações estereotipadas. Alguns destes académicos têm trabalhado com as significações negativas dos árabes e muçulmanos,

² Tradução livre da autora

mobilizadas através das representações dos media sobre os migrantes, refugiados e cidadãos de minorias étnicas (Kyriakides, 2017). A pesquisa sobre os meios de comunicação internacionais mostra que a cobertura ocidental sobre os países em desenvolvimento é quase sempre despoletada por crises, catástrofes e desastres naturais, enfatizando a imagem caótica do mundo em desenvolvimento, sem salvação, numa constante necessidade de apoio do Ocidente. Esta cobertura tem tendência para seguir a agenda da política externa do governo no poder e apoia-se nas fontes da elite nacional para explicar eventos internacionais. Ao estudarem os media, os académicos prolongam a ideia de Saïd, de que o discurso hegemónico relativo à definição do “Outro”, produz efeitos não só na literatura, tal como ele observa na sua obra *Orientalismo*, mas também na cobertura mediática contemporânea do Médio Oriente, através de elementos antimuçulmanos e anti árabes, que reavivem e prolongam o “Outro oriental” (Fürsich 2010). As representações da comunicação social obrigam o público a posicionar-se numa distinção binária entre “nós” vs. “eles”, *insider vs. outsider*, colonizado vs. colonizador, normal vs. desviante, ocidental vs. “o outro” (Cottle, 2002). Estas representações polarizantes objetificam, coletivizam e, por isso, desumanizam a imagem dos refugiados e migrantes, tendo, igualmente, impacto nas políticas que lhes são dirigidas (Smets & Bozdağ, 2018).

De acordo com a literatura, estes retratos discriminatórios são, empiricamente, comprováveis se compararmos a Guerra da Síria e a Guerra da Ucrânia, relativamente às representações dos refugiados pelos media. Sendo assim, parece que se verifica uma criação do “outro” com laivos orientalistas em relação aos refugiados sírios, mas que não se verifica com os refugiados ucranianos, tal como é possível provar através do exemplo da repórter da NBC, acima citado. Assim, esta dissertação pretende perceber se o mesmo acontece na imprensa escrita e de que forma.

A hipótese principal é a de que os media têm uma abordagem orientalista, uma vez que, através da reiteração do discurso dominante e da utilização de determinados elementos que serão enumerados mais tarde, presentes em artigos de imprensa escrita, contribuem para a construção de distância física e emocional entre os leitores europeus e os refugiados. Desta forma, o conceito central da dissertação é o de distância e a forma como a utilização da mesma constitui um ato orientalista. Tendo isto em conta, foram definidas as seguintes perguntas que vão guiar a argumentação desta dissertação: “De que forma se verifica um

tratamento diferente entre refugiados sírios e refugiados ucranianos? E de qual modo este tratamento pode ser observável através da criação de distância pelos media?”

Uma vez que analisar a totalidade dos media não seria exequível tendo em conta que se desdobram em imensos formatos, a pesquisa foi reduzida à imprensa escrita, nomeadamente, a jornais *on-line*. Esta escolha está relacionada com determinadas características deste segmento, entre as quais o seu fácil acesso e o facto de ser a fonte de informação de muitos outros tipos de media. A escolha dos países dos jornais a analisar recaiu sobre França e Reino Unido, por razões que serão enumeradas mais à frente, mas que se prendem sobretudo com o fator de não proximidade com os países de origem dos refugiados. Como parece haver um tratamento diferente por parte dos media em relação aos refugiados, em que os refugiados sírios, ao contrário dos ucranianos, parecem ser estereotipados e representados como massas sem individualidade, será adotada uma perspetiva pós-colonial, em particular de Orientalismo. Esta escolha acontece na medida em que o Orientalismo estuda a forma como o conhecimento ocidental produzido sobre o espaço conhecido como “Oriente” foi criado através de ideias pré-concebidas e da exotização das pessoas que ocupam estes espaços. Esta área de conhecimento legitimou a dominação e colonização europeias sobre os povos não ocidentais.

Tendo em conta as perguntas propostas, no primeiro capítulo serão estudados os trabalhos de geopolítica crítica sobre a criação e desenvolvimento de espaços políticos e a forma como estes persistem. Estes ideias serão de seguida relacionadas com o conceito de “Orientalismo”, desenvolvido por Edward Saïd, olhando não só para as representações do mundo não-ocidental, mas também para a forma como as geografias são politicamente construídas contribuindo para criação de distância entre “nós” e o “Outro”. Num segundo capítulo, será feita uma breve contextualização histórica sobre os media, com enfoque na imprensa escrita. Será analisado de que forma os media exercem influência sob a opinião pública, ou seja, o que lhes confere poder. E, por fim, no terceiro capítulo/estudo de caso, proceder-se-á à comparação de notícias de imprensa escrita sobre os refugiados resultantes da guerra da Síria e da guerra da Ucrânia, através de uma perspetiva de construção de distância, de modo a tentar perceber se existe uma diferença entre a representação mediática dos mesmos. Esta metodologia surge depois de discussão teórica sobre orientalismo, sobretudo a partir da conceção de espaço e de distância que lhe estão associados, e da análise dos media através da importância das suas representações. Contudo será estudado apenas um tipo de media, a imprensa escrita e não de opinião, de

modo a tentar perceber se a criação de distância é transversal a todos os formatos mediáticos ou se se verifica somente em alguns.

Sendo assim, esta organização permitirá perceber de que forma a teoria nos informa sobre os processos de construção do “outro” e como a distância pode ser instrumentalizada para esse fim. De seguida, uma vez que, contemporaneamente, a construção de conhecimento sobre o “outro” é, igualmente, levada a cabo pelos media, a sua análise contribuirá para perceber de que forma estes têm influência sobre os assuntos que chegam ao debate público. Tudo isto permitirá finalmente realizar uma análise e consequente comparação entre a cobertura noticiosa dos refugiados sírios e ucranianos para perceber se a imprensa escrita através da criação de distância, têm um comportamento orientalista. Desta forma, chegar-se-á à conclusão que apesar da imprensa escrita ter de facto, um papel na construção de distância, estes processos acontecem de forma mais nuançada do que a literatura indicava, não existindo uma diferença tão vincada entre os grupos de refugiados como poderia parecer. Sendo assim, esta dissertação tem dois grandes objetivos, em primeiro lugar indagar a existência de uma distinção entre refugiados, de acordo com a sua origem, pela imprensa escrita e, em segundo lugar, perceber de que forma esta distinção está ligada a comportamentos orientalistas através da construção de distância, por parte da imprensa escrita

1. Quadro teórico

A pergunta de partida surgiu do consenso na literatura, como se verá de seguida, de que existe de facto uma diferença na representação mediática dos refugiados sírios e ucranianos. Esta representação, através de elementos como a agregação, desumanização e distinção entre o “bom” e o “mau” migrante, perpetua a recriação do “outro”. A literatura permitiu, também, perceber que o “outro” pode ser contruído através da enfatização da distância. Isto quer dizer que, apesar de existirem espaços mais distanciados da Europa do que aqueles definidos como “Oriente”, os media, através de determinados elementos discursivos, representam-nos como estando a uma grande distância física, mas principalmente imaterial, ou seja emotiva e social do público europeu. Desta forma, o conceito que resulta deste capítulo é o de distância, que, conseqüentemente, vai guiar todo o trabalho. Este conceito contribuirá para responder às perguntas inicialmente propostas, sendo utilizado como elemento principal para comparar a cobertura jornalística dos refugiados.

1.1 Os refugiados pela lente dos media: uma representação orientalista

Nas últimas duas décadas, a população global forçosamente deslocada cresceu para além do dobro. Nesta evolução, destaca-se o ano de 2015 e a “crise de refugiados”, provocada pela chegada de refugiados principalmente vindos da Síria. Este aumento do número de pessoas deslocadas foi acompanhado por uma tendência de securitização das fronteiras em muitos países europeus. Nestes países, os partidos da direita radical e populistas representam a chegada dos refugiados e migrantes do Sul Global como uma ameaça existencial à identidade cultural e à integridade da soberania nacional (Xu, 2020).

Deste modo, nos últimos anos são vários os trabalhos que propõe uma análise do papel dos media na representação dos refugiados, uma vez que, tal como já foi referido, estes tiveram um papel especialmente importante no enquadramento da crise de refugiados de 2015. Estes estudos focam-se sobretudo nos refugiados vindos do Norte de África e do Médio Oriente, através da comparação da cobertura noticiosa em um ou mais países. Atualmente começam, também, a surgir investigações sobre a representação dos refugiados ucranianos, provocados pela invasão da Ucrânia pela Rússia, mas ainda são escassas, comparativamente aos anteriores. Neste estado de arte, o objetivo será perceber de que forma os espaços geográficos influenciam o discurso utilizado pelos media na representação de migrantes e refugiados, para depois perceber de que forma este discurso

utiliza a distância para criar uma divisão entre os leitores europeus e os refugiados e pessoas deslocadas.

Van Dijk mostra que os media desempenham o importante papel de intermediários na reprodução do discurso público, influenciando a maior parte dos debates sobre grupos étnicos e sobre a construção e recriação das atitudes e conhecimentos na mente do público (van Dijk, 1987). Por sua vez, Man Xu defende que os media têm um papel essencial na crise global de refugiados ao reproduzir imagens e narrativas dos migrantes e dos refugiados que os definem como merecedores ou não merecedores de cidadania e direitos (Xu, 2020). Para tal, as estratégias mais utilizadas nas representações negativas de refugiados e migrantes são processos linguísticos de agregação, coletivização e funcionalização (KhosraviNik, 2010).

Esta representação pouco individualizada, contribui para que o público sinta menos empatia com a situação daqueles que procuram refúgio na Europa. Mesmo antes da crise de refugiados, a Comissão Europeia mostrou, através de um relatório, de 2011, que a repetição de determinados termos divisivos, como “nós” e “eles”, e a construção de diferenças ao longo de linhas raciais, religiosas, ou de género tiveram um impacto negativo nas atitudes em relação aos refugiados. O relatório sugere que os estereótipos negativos são, em parte, resultado da cobertura da imprensa, reforçada por uma linguagem inflamatória e desumanizadora sobre os migrantes, que também é usada no discurso de partidos políticos anti-imigração e de figuras políticas comuns (Matar, 2017). Esta ausência de empatia e a representação desumanizadora dos refugiados remete-nos para a existência de uma diferença e, conseqüentemente, distância entre “nós” e “eles”. Relativamente à representação mediática, Nina Arif sublinha, igualmente, a relevância dos rótulos sobre os refugiados e migrantes atribuídos pelos media. A autora defende que o trabalho teórico de Saïd fornece um enquadramento para a compreensão sobre de que forma acontece a desumanização do “Outro”, associado a um espaço geográfico diferente, devido à racialização presente na cobertura mediática dos migrantes (Arif, 2018). Estes mecanismos de construção de diferenças segundo linhas raciais e religiosas, de utilização de termos polarizadores e divisivos e de estereótipos negativos, voluntaria ou involuntariamente, acabam por contribuir para o aumento da distância entre o “outro” e as populações ocidentais.

Isto vai ao encontro do que vários autores definem como a construção de subalternidade e marginalização, sendo que, para analisar estas práticas discursivas, são

importantes dois processos: de *Othering* (processo de construção de alteridade) e de securitização. *Othering* é um conceito desenvolvido por autores pós-coloniais, pela noção de orientalismo de Edward Saïd e de subalterno de Gayatri Spivak, que se entende como:

a construção interseccional de determinados grupos sociais frequentemente minoritários e racializados, como “outros” homogêneos e inferiores através da ênfase da “raça” ou da “diferença cultural” e através estereótipos específicos de género e sexualidade (Santos *et al*, 2019).

Como securitização, entende-se o processo de construção social que coloca um aspeto da política regular na arena da segurança, recorrendo a uma retórica de ameaça e perigo, com o objetivo de justificar a adoção de medidas extraordinárias (Sajjad, 2018). Ambos os processos podem ser identificados nos discursos sobre os refugiados.

Ao analisar a reação ocidental à migração irregular vinda do Norte de África e do Médio Oriente, há evidência de reportagens e discursos populares sensacionalistas, que produziram imagens apocalípticas de um êxodo sem fim de africanos e muçulmanos à procura de refúgio na Europa. O uso de linguagem que interliga migrantes com contágio, criminalidade e ameaça à segurança permitiu um apoio inquestionável às políticas restritivas, sublinhando que a abordagem inevitável para lutar contra a imigração ilegal é através do controlo e da contenção. O discurso oficial e não oficial utiliza termos como “ilegal” e “clandestino”, conferindo um sentimento de suspeita sobre todos os refugiados. Na Europa assiste-se a uma narrativa obcecada pela insegurança, com o objetivo de preservar a noção de identidade europeia e, ao mesmo tempo, enfatizar a ameaça social e económica que o “Outro” constitui (Sajjad 2018). Contudo, tal como afirma um relatório encomendado pelo ACNUR, produzido por investigadores da Universidade de Cardiff, há variações na forma como os media *mainstream* cobrem os assuntos sobre a migração. O relatório concluiu que a Suécia parece ser o país como uma cobertura mais positiva em relação aos refugiados e migrantes, enquanto o Reino Unido tem a cobertura mais negativa e polarizada, apesar de isto ser mais evidente nos media de direita, que são alegadamente mais violentos nas suas campanhas contra refugiados. No Reino Unido, na imprensa com uma orientação política à direita, os temas sobre refugiados e anti-imigração são continuamente reforçados através de enquadramentos mediáticos, assim como em editoriais e artigos de opinião. A conclusão geral é de que a cobertura mediática varia muito, por exemplo o uso de enquadramentos humanitários é mais utilizado na Itália do que no Reino Unido, Alemanha e Espanha e os enquadramentos de securitização são mais comuns em Espanha e no Reino Unido (Matar 2017).

Kotilainen & Pellander, ao analisarem a representação mediática dos refugiados na Finlândia, escolheram a noção de merecimento, que tem na sua base, uma narrativa orientalista e essencialista daquilo que os refugiados devem ser e como devem parecer. Em 2015, a aparência distintiva daqueles que procuravam asilo, que usavam sapatilhas e tinham smartphones foi mal recebida na Europa. Nesse período, na Finlândia o debate público focou-se em imagens de imigrantes, difundidas pelos media, a segurarem *iPhones* e outros bens materiais considerados inapropriados para um refugiado. Alguns artigos finlandeses fizeram referência específica à aparência dos refugiados e o jornal mais difundido no país, o *HS*, publicou uma peça afirmando que é esperado que os refugiados pareçam famintos e pobres (Kotilainen & Pellander, 2021). Desta forma, este enquadramento dos migrantes como o “Outro” é reforçado, ao invés de ser desconstruído. Neste sentido, Saïd defende que os media constituem uma forma de neocolonialismo.

Relativamente à construção do “Outro”, Man Xu segue a argumentação de Kyriades defendendo que os discursos dominantes nos jornais racializam os refugiados através de uma dupla de vítima/excluído, mantendo as premissas orientalistas nos sistemas de conhecimento ocidental. A sua análise mostra que as notícias que tentam “dar voz” aos refugiados verificam-se mais nos jornais com uma inclinação política à esquerda. No entanto apesar da tentativa de humanizar os refugiados, estes artigos também perpetuam a sua imagem orientalista, como vítimas passivas sem agência e história (Xu, 2020). Mesmo aqueles que parecem dar voz aos refugiados, acabam por não contar a história através da sua perspetiva (Arif, 2018). Os investigadores demonstraram que no Canadá e no Reino Unido ocorreu uma mudança discursiva nas últimas duas décadas, que transformou o refugiado de vítima, em necessidade de assistência humanitária para uma imagem de ameaça à segurança e de intruso ilegal. Este processo foi causado em parte pela islamofobia e a guerra ao terror, após o ataque de 11 de setembro, que radicalizou o mundo islâmico e as identidades muçulmanas, através da construção política do terrorismo. Estas narrativas tornaram-se prevaletentes nos guiões discursivos para deslegitimar os direitos dos migrantes e refugiados do Médio Oriente (Xu, 2020). Desde aí, “terror” e “medo” passaram a fazer parte do vocabulário da imprensa ocidental para descrever as experiências dos cidadãos europeus confrontados com os ataques terroristas no Ocidente, contudo raramente integram o vocabulário que descreve as experiências das populações vítimas de conflitos e de guerra (Santos *et al*, 2019).

Todavia, tal como já foi referido, mesmo que o discurso que associa, imediatamente, terrorismo e ameaça aos muçulmanos tenha um impacto bastante negativo no seu acolhimento, o discurso de humanitarismo também não é ideal. Isto, porque, a narrativa de vítima produz uma imagem fixa dos refugiados como objetos passivos, sem agência que requer que estes provem o seu merecimento através da demonstração de pureza moral e vulnerabilidade. Assim, a representação de refugiados como vítimas passivas estabelece a imagem do Ocidente como o salvador ativo. Esta representação de vítima reproduz o discurso orientalista da superioridade ocidental sobre o “outro” não-ocidental, e esconde a injustiça persistente e as remanescências do passado colonial presentes nos regimes de asilo no Ocidente, que contribuem para a atual crise global de refugiados no Sul Global, que se repercute no Ocidente (Xu, 2020).

Assim, a antiga tradição orientalista de como lidar com o islão e com muçulmanos traduz-se numa perceção do primeiro como uma entidade homogénea opressiva e o segundo como um grupo de pessoas sem agência, incapazes de transformar a sua própria cultura, sem história e à procura de salvação vinda do exterior. Sendo que esta narrativa tem sido predominante. Tazreena Sajjad (2018) dá o exemplo do Reino Unido que decidiu aceitar 20 000 sírios durante um período de 5 anos, nomeadamente crianças com deficiência, mulheres que foram vítima de violação e homens que sobreviveram à violência. Estes grupos de refugiados seriam, então, resgatados pelos salvadores ocidentais. Tal acontece porque são principalmente as pessoas que transmitem uma imagem de vitimização que têm a capacidade de gerar empatia. É dada uma ênfase ao excecionalismo de determinado migrante para provar o seu valor, especialmente quando é muçulmano. Desta forma, é feita a distinção entre “bom” e “mau” migrante. Num enquadramento altamente racializado, em que o “mau muçulmano” é visto como a personificação de uma espécie inferior que é capaz de matar com impunidade, em intervenções lideradas pelo Ocidente, em que apenas raros atos por atores singulares ou a morte de “bons refugiados”, como mulheres e crianças no Mediterrâneo, gera empatia na Europa. Contudo, o enquadramento do “bom refugiado muçulmano”, ainda tem pouco peso numa narrativa dominante moldada pela conexão entre religião, conflito e violência, presente no imaginário da consciência pública ocidental (Sajjad 2018).

Entende-se, então, que é impossível dissociar o orientalismo das representações sobre os habitantes vindos do espaço geográfico conhecido como “Oriente”. De acordo com este espaço, como vimos nos artigos e relatórios analisados, os refugiados e

migrantes são representados de forma diferente. Os artigos mostram que se verifica sempre a presença de uma polarização entre eles e a população ocidental. Neste sentido, também não lhes é permitido determinados comportamentos considerados tipicamente ocidentais como uso de *smartphones*, sendo que isto é utilizado para os descredibilizar e desacreditar. Estas diferenças, presentes no tratamento e nas representações dos refugiados, favorecem e intensificam o sentimento de distância entre o público europeu e o “outro”.

Tal como os mapas antigos tinham poder sobre aqueles que mapeavam, as tecnologias de comunicação também o têm. Segundo Specht “A televisão colonizou o espaço, os telemóveis deslocaram o espaço doméstico e os smartphones deslocaram o local de trabalho.”³ Sendo assim, a geografia tem uma longa conexão com as teorias da comunicação e ciências sociais. Durante as décadas de 1950 e 60, os geógrafos começaram a considerar mais atentamente as interações entre os locais e as pessoas dentro desses locais (Specht 2018). A rápida difusão das telecomunicações registada na altura foi um dos focos da análise, atraindo a atenção de uma larga gama de cientista sociais (Burgess & Gold, 1985). Assim, as teorias geográficas e as teorias sobre os media tornaram-se interligadas com a ascensão do trabalho de McLuhan que debateu a implicação geográfica das comunicações (Specht 2018).

Desta forma, Lefebvre assume que o espaço é produto da prática social e histórica:

espaço não é um objeto científico livre de ideologia e de política; sempre foi político e estratégico. (...) Espaço tem sido moldado por elementos históricos e naturais, constituindo, no entanto, um processo político. Espaço é político e ideológico. É um produto cheio de ideologias⁴ (Lefebvre, 1997 apud Ek, 2006).

Os mapas são, então, instrumentais na formação e subjugação do “Outro”. A visão cartográfica objetifica o “Outro” e rouba-lhe a liberdade como sujeito. Os mapas solidificam relações e imobilizam aqueles que são mapeados. Assim o olhar cartográfico, não é uma forma de ver o mundo, mas um meio de difundir dominação através de modelos de poder facilitados pelo colonialismo. Isto posiciona aqueles que produzem os mapas numa posição divina e retira aos que são mapeados a sua autodeterminação, limitando a sua insurreição. Os mapas foram usados como ferramentas de possessão, permitindo o aumento do controlo e do alcance dos monarcas e dos proprietários de terras, a partir do

³ Tradução livre da autora

⁴ Tradução livre da autora

início da expansão marítima europeia no século XVI. Nesta altura, o poder de mapear e de coletar, analisar e visualizar a informação estatística permanecia nas organizações governamentais, contudo o poder do olhar geográfico já não está restrito a estas posições de autoridade. Com a ascensão e difusão das ferramentas digitais de análise de dados e de mapeamento no final do século XX, os modos de observação que derivam do olhar cartográfico ficaram impregnados nestas novas ferramentas. Isto permitiu diversificar e expandir quem poderia participar na produção deste olhar (Specht & Feigenbaum 2018). Desta forma, compreende-se que os media adquiriram um papel na manutenção da dominação do poder da geografia e do mapeamento através da representação dos diferentes espaços geográficos e das pessoas que neles habitam.

Atualmente, alguns investigadores começam a comparar a cobertura mediática da crise dos refugiados e os refugiados ucranianos como é o caso de Nina Rosstalnyj. Rosstalnyj, através da comparação da cobertura mediática em 2015 e 2022, mostra que as notícias sobre os refugiados vindos do Médio Oriente não são nuançadas e não fornecem contexto suficiente sobre as razões que provocaram a fuga, corroborando com aquilo que já foi mencionado sobre os refugiados não-ocidentais não serem “dignos” de uma representação complexa. Com os refugiados ucranianos, o contexto é claro e não há dúvidas sobre quem é o agressor, por isso, segundo a autora, é fácil apoiar a vítima inocente. Esta vontade de abrir fronteiras aos refugiados ucranianos não é apenas baseada em razões humanitárias, consistindo, também, numa declaração de união ocidental contra a Rússia (Rosstalnyj, 2022).

O enquadramento da crise também é importante para comparar os discursos. Em 2015, o fluxo migratório era a própria crise, ou seja, a chegada de refugiados era o principal problema. Desta forma, o debate girava em torno da questão de como lidar com aqueles que tentavam atravessar as fronteiras até à Europa. No caso atual, o problema não é a fuga das pessoas, isto constitui apenas um sintoma de uma crise muito maior produzida pela Rússia. Em 2015 o autoritarismo crescente, os abusos dos direitos humanos, regimes opressivos que provocaram a deslocação das pessoas não eram reconhecidos como razões suficientes para uma crise que obrigasse as pessoas a procurar asilo. Outra diferença é a forma como as redes sociais parecem influenciar a suposta aproximação entre refugiados e utilizadores internacionais. As imagens partilhadas sobre a Síria em 2015 foram alvo de ódio e desinformação, potencialmente aumentando as atitudes negativas invés de

construir conexões. O oposto aconteceu com a guerra na Ucrânia onde os refugiados e os que permaneceram para lutar receberam grande solidariedade por parte do público ocidental (Rosstalnyj 2022).

Posto isto, é possível compreender que é criada uma fronteira imaterial entre “nós” e “eles”, mesmo quando “eles” apresentam características semelhantes às “nossas”. Há um estabelecimento daquilo que é permitido a “nós”, mas não a “eles” refugiados, e que ditará se são ou não “merecedores” e “dignos” da empatia dos países ocidentais de acordo com o lugar que habitam. Através da revisão da literatura conclui-se que os refugiados, migrantes e requerentes de asilo são, de facto, representados de forma desigualitária, principalmente através de métodos discursivos. Tal acontece porque, através do discurso mediático, quer seja através de tendências sensacionalistas e xenófobas (Matar, 2018), a utilização da parêntese vítima vs *outsider* (Xu, 2020), de palavras como terror e violência (Santos *et al*, 2019) ou através do sentimento de suspeita, é criada uma distância entre “nós” e os “outros”, que define a forma como os refugiados são representados, de acordo com o espaço geográfico que ocupam, que no caso dos refugiados sírios é definido como o “Oriente”. Isto alerta-nos para a forma como a geografia e a criação de espaço permanecem poderosas na subjugação do outro e como os media são um instrumento de perpetuação desta dominação.

1.2 A geopolítica crítica e a criação subjetiva do espaço

As análises já produzidas sobre a representação dos refugiados pelos media permitem-nos perceber quão importante é o discurso (seja através de comparações exóticas ou coberturas pouco detalhadas ou sensacionalistas) para criar divisões geográficas na mente do público, sobre quem merece acolhimento e solidariedade ou precisamente o contrário, fronteiras encerradas, muros e cercas de arame farpado. Através da utilização de adjetivos impessoais e de agregação, que se concretizam numa cobertura noticiosa pouco complexa, os media tratam os refugiados vindos do Médio Oriente e do Norte de África como massas de indivíduos sem história, desejos e objetivos válidos. Mas como se verifica esta divisão mundo, no mapa e na mente da população ocidental?

Tendo em conta a importância dada, pelos teóricos, acima mencionados, ao tipo de discurso utilizado pelos media na representação dos refugiados, migrantes e requerentes de asilo, é possível depreender que alguns elementos discursivos têm o poder

de construir, na mente do público, espaços distintos de acordo com a diferença e o exotismo que contribuem, conseqüentemente, para a criação e ênfase da distância. Assim sendo, o “Outro” é construído através da noção de que o espaço o seu espaço não é o mesmo que o “nosso”. Esta premissa de construção do espaço é objeto de estudo da geopolítica crítica.

Na perspectiva de Gearóid Tuathail,

“a geografia é sobre poder. Apesar de às vezes ser considerada inocente, a geografia do mundo não é um produto da natureza, mas um produto das histórias de lutas entre autoridades, em relação ao poder de organizar, ocupar e administrar espaço.”⁵ (Tuathail, 1996).

É aqui que podemos relacionar a geopolítica crítica com o trabalho produzido por Edward Saïd sobre a forma como a geografia não é algo espontâneo, mas sim premeditado, quando o autor afirma:

“Comecei por assumir que o Oriente não é um facto inerte da natureza. Não está ali, do mesmo modo que o Ocidente também não está ali.(...) esses lugares, regiões e setores geográficos que constituem o Oriente e o Ocidente, enquanto entidades geográficas e culturais – para já não dizer históricas – são criações do homem.” (Saïd 2004:5).

Ao longo da história, os sistemas imperiais, desde a Roma e Grécia antiga à China e ao Mundo Árabe, exerciam poder através da capacidade de impor ordem e significado num determinado espaço. Na Europa do século XVI, os estados centralizados dos novos monarcas começaram a organizar o espaço à volta do princípio de absolutismo real intensificado. Em regiões, dentro ou fora do domínio da coroa, o poder da autoridade real sob o espaço era estendido e aprofundado pelas recém-criadas e poderosas burocracias dos tribunais e exércitos. Isto resultava, frequentemente, em violência, uma vez que as ambições jurisdicionais da autoridade real chocavam contra a resistência de certos lordes regionais e locais. Assim, neste contexto de luta, a cartografia e outras formas descritivas de conhecimento, que tomavam o nome de geografia no período moderno recente, eram, inevitavelmente, políticas. Para os opositores deste expansionismo, a geografia era uma imposição estrangeira e uma forma de conhecimento concebido pelas capitais imperiais dedicado à territorialização do espaço, estabelecidas pela autoridade real. Desta forma, Tuathail fala da geografia como uma “escrita ativa da terra pelo estado imperial centralizador e em expansão”, que procurava apoderar-se do espaço e organizá-lo, de forma a corresponder às próprias visões culturais e aos interesses materiais (Tuathail, 1996).

⁵ Tradução livre da autora

Atualmente, a luta entre estados centralizadores e centros autoritários de um lado, e margens rebeldes e culturas dissidentes do outro, permanece. Apesar da maior parte do planeta ter sido já apropriada, o processo de disciplinação do espaço pelos estados modernos continua a acontecer e permanece muito contestado. As jurisdições de estados centralizadores tentam eliminar as contradições e complexidades de pessoas e nações marginalizadas. Os mapas idealizados do centro confrontam-se com as geografias vividas das margens, em que as visões controladoras da cartografia da primeira provocam frequentemente conflito, guerra e deslocamento. O aumento, em números absolutos, de pessoas deslocadas a partir da segunda metade do século XX é testemunha da persistência das lutas pelos espaços. O autor afirma que as lutas pela liderança, administração e domínio de espaço são uma parte inevitável da política global contemporânea (*ibid*).

No final do século XIX, um novo horizonte de “geopoder” estava a surgir, enquanto os últimos espaços por reclamar, sem estado, estavam a ser rodeados e encurralados pelos projetos coloniais dos impérios expansionistas. À medida que os espaços em branco, eurocentricamente imaginados, do globo sucumbiam à autoridade soberana de instituições governamentais e da ciência imperial, a superfície da terra surgiu, pela primeira vez, como um sistema de “espaços fechados”, isto é, uma ordem geográfica quase completamente ocupada e cartografada. O surgimento desta nova ordem de espaço, juntamente com os efeitos transformativos da mudança tecnológica no exercício do poder imperial no espaço, provocou o surgimento de um distinto género de “geopoder” nas capitais das grandes potências, denominado de geopolítica.

O termo de geopolítica é considerado um nome imperfeito para um conjunto de práticas dentro da sociedade civil das grandes potências, que pretende explicar o significado das novas condições globais de espaço, poder e tecnologia. Dá nome a um conjunto heterogéneo de esforços intelectuais para pensar sobre as dimensões geográficas e implicações dos efeitos transformativos das tecnologias de transportes, comunicações e *warfare* na acumulação e exercício de poder dentro da nova ordem mundial de “espaços fechados” (Tuathail, 1996).

Mohamed Al-Mahfedi define a geopolítica como a prática através da qual os intelectuais de *statecraft* e de cultura política dão significado ao mundo da política e ao espaço que o seu estado ocupa no sistema internacional. O termo foi utilizado no século XX para descrever a relação ampla entre geografia, estados e políticas de poder mundiais. Convencionalmente, a geopolítica era uma forma de poder e conhecimento que procurava

analisar o poder mundial para a auxiliar a prática de *statecraft* das grandes potências. Ao estar incorporada nos projetos imperialistas de vários estados, ao longo do século, a geopolítica criou visões mais compreensíveis da política mundial (Al-Mahfedi, 2011).

Segundo John Agnew e Stuart Corbridge⁶, o discurso geopolítico moderno começa no encontro entre os Europeus e os “outros” durante o período conhecido como “Época das Descobertas”, quando começou a ser utilizado um esquema de moderno/atrasado e europeu/não-europeu para dividir o mundo. Na mesma linha de pensamento, Simon Dalby defende que o momento principal do discurso geopolítico é a divisão do espaço entre o “nosso” e o “deles”. Sendo que esta divisão adquiriu uma função política de incorporar e regular, ao distinguir “nós” “deles” e o “mesmo” do “outro” (Dalby, 1997). Esta divisão desenhada de acordo com a ideia de que o “nosso” espaço é diferente do “deles” implica a existência de distância entre os europeus e “outro”.

Dentro da disciplina de geopolítica como um todo, há um campo de pesquisa que problematiza a produção e uso do conhecimento geográfico em várias ordens de poder e no espaço, conhecido como geopolítica crítica. Este termo dá nome ao movimento heterogêneo de perspectivas teóricas e agendas associadas ao pós-estruturalismo ou pós-modernismo. De acordo com Tuathail (1996), a geopolítica não é algo concreto, uma vez que representa várias fusões de geografia e política, nem conveniente, pois é sobrecarregada pelas diferentes significações que o termo atrai, representando várias constelações de problemáticas geopolíticas (Dalby & Tuathail, 1996).

Na perspectiva de Tuathail, a geopolítica crítica promete a possibilidade de uma nova e transformativa reconceptualização dos conceitos, preocupações e modos de pensamento tradicionais que definiram o estudo de geopolítica por quase um século. A geopolítica crítica permite um novo grau de politização dos conhecimentos em geografia e, inversamente, um novo grau de “geografização” do estudo da política global. Procura ultrapassar as fronteiras e desafiar o que é considerado identidades essenciais, quer sejam comunidades imaginadas ou fronteiras filosóficas herdadas. Tuathail pretende radicalizar e deslocar o conceito de geopolítica, situando-o dentro do pós-estruturalismo (Tuathail, 1994). Assim, a geopolítica crítica auxilia na compreensão da forma como os media são

⁶ John Agnew e Stuart Corbridge apud Tuathail, G. Ó. (1996). Introduction. *Critical geopolitics: The politics of writing global space* (Vol. 6). U of Minnesota Press.

uma ferramenta mais recente de difusão de um determinado conhecimento/entendimento dominante que subjuga o “outro”.

Como já referido, a geografia não é, então, considerada um dado natural, mas constitui uma relação entre poder e conhecimento. Para Foucault⁷, poder e conhecimento implicam diretamente um ao outro. “Não há uma relação de poder sem a constituição correlativa de um campo de conhecimento, nem nenhum conhecimento que não pressuponha ou constitua ao mesmo tempo relações de poder”. Histórias de conhecimento devem situar-se dentro do contexto histórico e geográfico de relações de poder. “*Longe de impedir o conhecimento, o poder produ-lo*⁸”.

Na mesma linha, Saïd, ao refletir sobre a problemática geral de império, cultura e geografia, aponta que “nenhum de nós está completamente livre da luta pela geografia”. Esta luta, como o autor sugere, não é uma luta direta sobre dar nome a espaços ou a propriedade de terra, apesar de serem assuntos importantes. Não é, também, apenas um assunto militar. A luta pela geografia é um conflito entre imagens e imaginações em competição, tendo em conta a força material das fronteiras discursivas entre um “eu” idealizado e um “outro” demonizado, ou seja, entre “nós” e “eles”. Vista da fronteira colonial, a geografia é uma competição entre diferentes formas de ver o mundo e não apenas uma batalha de tecnologias e regimes da verdade (Saïd 2004). O ponto de encontro da geopolítica crítica e o orientalismo está no poder dos discursos na criação de conhecimento:

o orientalismo é uma certa vontade ou intenção de compreender, nalguns casos de controlar, manipular, ou até incorporar, aquele que é um mundo manifestamente diferente (ou alternativo e novo); é, acima de tudo, um discurso que de modo algum se relaciona em correspondência direta com o poder político, mas que é produzido e existe numa troca desigual com diferentes tipos de poder (...) (Saïd 2004:14).

A teoria de Edward Saïd, inserida no pós-colonialismo e que estabelece a existência de processos de orientalização e de construção de subalternidade na representação mediática dos refugiados, pode ser usada para percebermos de que forma os media instrumentalizam o conhecimento dominante para perpetuar e enfatizar determinadas diferenças que os refugiados apresentam e, assim, justificar a inação

⁸ Tradução livre da autora. Foucault, M. apud Tuathail, G. Ó. (1996). Introduction. *Critical geopolitics: The politics of writing global space* (Vol. 6). U of Minnesota Press.

verificada pelos atores ocidentais relativamente aos refugiados sírios. O orientalismo pode, desta forma, ser considerado um caso específico de geopolítica, uma vez que acaba por ser uma forma de definir um dado espaço, neste caso o “Oriente”, que não é um espaço exato no mapa, mas na mente de população ocidental. Às pessoas que habitam neste espaço são atribuídas e exacerbadas determinadas características e diferenças que contribuem para a criação de distância.

1.3 O questionamento do conhecimento dominante pela teoria pós-colonial

Da mesma forma que Saïd escolheu olhar para o que literatura ocidental produziu sobre o espaço geográfico denominado de Oriente, o objetivo desta dissertação é utilizar a mesma lente para analisar as representações dos media, especificamente da imprensa escrita, sobre os refugiados. Posto isto, poderá surgir a questão de porquê utilizar uma teoria sobre o Oriente, para analisar algo que acontece no Ocidente, neste caso as representações dos media. Mas, tal como Saïd afirmou no início de *Orientalismo*, “o orientalismo é – e não se limita a representar – uma dimensão considerável da moderna cultura político-intelectual, e neste sentido tem menos que ver com o Oriente do que com o “nosso” mundo” (Saïd, 2004: 14). Assim, a análise de Saïd ajuda mais a perceber os processos de produção de pensamento e conhecimento ocidental do que na interpretação daquilo que acontece no espaço dito oriental. “Nunca se preocupa com o Oriente a não ser como causa primeiro daquilo que expõe. Aquilo que diz e escreve, por ser dito e escrito, pretende demonstrar que o orientalista está fora do Oriente, tanto do ponto de vista existencial como moral” (*ibid*:23). Tal como Saïd apela aos seus leitores do chamado Terceiro Mundo, deve ser tido em conta o papel do discurso cultural ocidental, que é muitas vezes considerado como superficial, mas que é, na verdade, muito poderoso. A influência do discurso na produção de conhecimento não é apenas estudada pelo pós-colonialista Edward Saïd, mas, também pela geopolítica crítica, nomeadamente pelos pós-estruturalistas Gearóid Ó Tuathail e Simon Dalby, já mencionados.

Deste modo, em primeiro lugar, é necessário entender o que é a teoria pós-colonial nas Relações Internacionais. Com a descolonização de África e da Ásia uma parte importante da população mundial viu-se livre do domínio colonial europeu. Este processo

impulsionou uma série de estudos sobre o novo cenário do sistema internacional. Contudo estes estudos produzidos na periferia, constrangidos pelo protecionismo teórico, demoraram a entrar no *mainstream* das Relações Internacionais. O surgimento desta teoria, no século XX, foi, então, favorecido pela onda de transformações, pelo surgimento de movimentos de libertação nacional, pela queda de vários impérios coloniais e a consequente descolonização do continente asiático e africano. Naquele momento era necessário refletir sobre o efeito que estas relações de dominação tinham provocado não só nas formas de produção de conhecimento, mas, também, nas mentalidades. Sendo assim, uma das principais premissas do pós-colonialismo é a de que as percepções ocidentais sobre o não-Occidente são resultado do legado da colonização europeia e do imperialismo (Nair, 2017).

O pós-colonialismo propõe uma visão mais complexa de conceitos que servem para reproduzir o status quo, como: poder, estado e segurança, que são característicos das teorias tradicionais. Por exemplo: o conceito de soberania foi imposto e, juntamente com ele, os contornos do estado moderno foram impostos ao mundo colonizado pelos poderes europeus, no entanto, o conceito de soberania é tomado por garantido pelos académicos do realismo e liberalismo. As teorias *mainstream* veem o sistema internacional como anárquico, ao passo que os teóricos pós-colonialistas veem como hierárquico. O colonialismo e imperialismo contribuíram para um longo processo de dominação do Ocidente sobre o resto do mundo, sendo que a dominação cultural, política e económica continua a caracterizar a política mundial (*ibid*).

Segundo Siba Grovogui (2013), o pós-colonialismo pretende participar na criação de verdades baseadas em modos de significação e formas de conhecimento ou de representação, que permitam justiça, paz e o pluralismo político. Assim, contesta visões universalistas, tais como humanistas e racionalistas e os seus modos de significação, principalmente quando estas reivindicam que a Europa possuía as formas mais apuradas de raciocínio, legislação e valores morais. O pós-colonialismo rejeita, desta forma, a ideia de que a população nativa colonizada possui características essencialistas⁹ e intemporais. Ideia esta que é utilizada pelos poderes ocidentais para a aquisição e manutenção de poder. O pós-colonialismo enaltece, então, a relação entre liberdade e política,

⁹ Essencialismo: a ideia de que identidades e culturas têm as suas próprias características e são impermeáveis às características das outras. “O conjunto de características físicas, psicológicas e sociais, o qual se manteria inalterável ao longo da história e formaria o “caráter coletivo” de um povo.” (Ramalho, 2015).

principalmente na produção de conhecimento e elaboração de políticas. Considera inaceitável e disfuncional que um único grupo de perspectivas, vontades, desejos, valores e interesses eurocêntricos permanecem hegemônicos na política global e no desenvolvimento da ordem internacional, moralidade internacional e lei internacional. O aspecto principal do pós-colonialismo repousa, assim, no facto de que as experiências dos conquistados e colonizados não são as mesmas que as dos conquistadores e colonizadores (Grovoqui 2013).

A ambição do pós-colonialismo é, portanto, desfazer o legado do imperialismo e colonialismo europeu de forma a transformar a ordem internacional e as noções associadas de comunidade, sociedade e moralidade. Pretende produzir novas formas de conhecimento baseadas na compreensão empática das trajetórias da sociedade humana. Assim, o pós-colonialismo transmite uma sensação de possibilidades éticas e políticas após a época colonial. Verifica-se uma procura pela conexão das fronteiras entre “nós” e o “outro”, para relacionar os campos da cultura e identidade, com o objetivo de eliminar a violência e ultrapassar os legados das classes hegemónicas, da exclusão de género e da dominação e exploração colonial (*ibid*).

1.4 Orientalismo – a criação de um espaço geográfico dividido entre “nós” e “eles”

Como já referido, Edward Saïd é uma figura importante da teoria pós-colonial, tendo desenvolvido o conceito de “Orientalismo”, onde denuncia o modo específico adotado pelo Ocidente para abordar e representar o mundo não-ocidental. O Orientalismo não se refere apenas à área de estudo que lida com o espaço a leste da Europa, principalmente o Médio Oriente. É, também, uma técnica de poder baseada em linguagem e processos de tradução de identidades, culturas e religião do Médio Oriente.

(...) era quase uma invenção europeia, e tinha sido desde a Antiguidade um lugar romanesco de seres exóticos, de memória evocadoras, de paisagens e experiências extraordinárias. (...) é a fonte das civilizações e línguas europeias, o adversário cultural e uma das imagens mais profundas e recorrentes do outro. (Saïd 2014:1).

Através desta técnica, os intelectuais europeus e ocidentais criaram um espaço mítico que se assemelha apenas ligeiramente ao espaço que descrevem (Grovoqui, 2013).

O Orientalismo foi, assim, uma tradição académica e uma área de interesse definida por viajantes, companhias comerciais, governos, campanhas militares,

historiadores ocidentais eleitores de romances e de relatos de aventuras exóticas para quem o Orientalismo é um tipo específico de conhecimento sobre lugares, povos e civilizações específicos. As experiências dos europeus convergiam em aspetos essencialistas do “Oriente”, como o carácter, o despotismo e a sensualidade “oriental”. Saïd conclui que estas formas de produção de conhecimento acabavam por perpetuar ideais racistas preconcebidas sobre o Oriente, uma vez que estes intelectuais apresentavam visões racistas, imperialistas e quase totalmente etnocêntricas. O orientalismo ajudou e foi ajudado pelas pressões culturais que tinham a tendência de tornar mais rígido o sentido de diferença e, conseqüentemente, distância entre as partes europeias e não europeias do mundo. Saïd defende que o Orientalismo é essencialmente uma doutrina política imposta ao “Oriente” porque este era mais fraco que o “Ocidente”. Esta suposta fraqueza permitia exacerbar a diferença e distância em relação ao “Oriente”. A própria presença de uma área como o Orientalismo, sem equivalente sobre o Ocidente, sugere a força relativa entre o “Oriente” e do “Ocidente”. A informação associada à palavra oriental, de sensualidade, tendência para o despotismo, mentalidade aberrante, hábitos de imprecisão e atraso, parecia ser moralmente neutra e objetivamente válida, tendo um estatuto de exatidão semelhante ao da cronologia histórica ou da localização geográfica (Saïd 2004).

As teses sobre o atraso, a degeneração e a desigualdade do Oriente em relação ao Ocidente associavam-se facilmente, no início do século XIX, às ideias sobre as bases biológicas de desigualdade racial. As classificações raciais encontravam no orientalismo um fácil aliado. A estas ideias juntou-se o darwinismo que parecia sublinhar a validade científica de separação entre raças avançadas e raças atrasadas, ou europeias/arianas e orientais/africanas. Assim, a questão do imperialismo do século XIX projetava a tipologia binária das raças, culturas e sociedades avançadas e atrasadas (*ibid*). Hoje em dia, esta tipologia binária é também observada nas representações dos media dos refugiados sírios e ucranianos, tal como indica a literatura estudada.

No mesmo sentido da marginalização que Saïd fala na sua teoria, Spivak identifica a reprodução do poder colonial na negação da voz do subalterno nas decisões que definem a sua vida. Defende que o discurso humanitário permite certas práticas de repressão em nome da ética ocidental. Contudo, os esforços do Ocidente, que aparentam ser benevolentes, silenciam o subalterno e reafirmam as diferenças coloniais entre o ocidental civilizado e o bárbaro oriental (Georgiou, 2018). Tal como vimos na literatura, apesar de

uma parte significativa dos jornais difundirem narrativas anti-imigração, existem jornais que têm uma visão mais humanitária e que apelam à empatia ocidental. Contudo, mesmo grande parte destes jornais, com uma inclinação política centro-esquerda, acabam por não adotar o ponto de vistas dos refugiados na cobertura noticiosa da sua situação. Neste contexto de ultramediatização da crise dos refugiados, o facto de haver uma hipervisibilidade dos refugiados é uma contradição, uma vez que continuam fortemente silenciados. Aos refugiados não é permitido que verbalizem os seus direitos políticos, mas apenas que apelem à humanidade comum. Este apelo à empatia reproduz o poder dominante e reduz o refugiado à condição de vítima, a quem é negado o reconhecimento de agência política (Georgiou 2018).

Neste sentido, Saïd ilustra a forma como as representações dos que foram colonizados foram institucionalizadas como instrumentos de dominância colonial. As histórias orientalistas evidenciam os estereótipos que produziram as crenças europeias e que influenciaram a política contemporânea.

“O orientalismo pode ser debatido e analisado como uma instituição corporativa que lida com o Oriente – que se relaciona com ele emitindo juízos sobre ele, autorizando visões dele, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o orientalismo é um estilo ocidental para dominar e reestruturar e exercer autoridade sobre o Oriente.” (Saïd 2004:3).

Desta forma, Saïd utiliza o orientalismo para ilustrar as lutas entre as sociedades imperiais pelo conhecimento e poder, desafiando as fronteiras entre “nós” e os “outros”, através da produção de alternativas para repensar estas categorias (Grovoqui 2012).

No seu livro, *Orientalismo*, Saïd expõe, igualmente, a transformação da imagem do árabe durante o século XX, que passou de um inofensivo nómada, montado num camelo, para a imagem de derrota e de um alvo fácil, sendo agora, desde a guerra Israelo-árabe de 1973, representado como uma ameaça. O árabe passou a ser visto como um elemento que atrapalha a vida de Israel e do Ocidente e como um obstáculo a ultrapassar para a criação e expansão do estado de Israel. Numa determinada literatura sobre o Oriente, a Palestina é retratada, nomeadamente por Lamartine, como um espaço vazio à espera de ser habitado, sendo que as populações, supostamente nómadas que lá existiam, não tinham qualquer direito àquele território “e, por conseguinte, nenhuma realidade cultural ou nacional” (Saïd 2004:339). Não é aceitável para o mundo ocidental que os árabes sejam detentores de reservas petrolíferas, justificando, assim, intervenções

externas, nomeadamente dos Estados Unidos da América. No cinema e na televisão são associados à luxúria e representados como sádicos e vis. Também na representação mediática, Saïd aponta que, nas notícias e reportagens fotográficas, os árabes são representados em grandes grupos, sem individualidade e experiência pessoal. “(...) massas enfurecidas, miseráveis, ou gestos irracionais (e, como tal, desesperadamente, excêntricos)” (*ibid*:340). Além do mais, Saïd critica a plataforma oferecida pelos media, onde são reproduzidos discursos de ódio, por *experts* e políticos:

“especialistas do negócio das guerras têm estado as omnipresentes CNNs e Foxs deste mundo, juntamente com uma miríade de profissionais de rádio evangélicos e de direita e inúmeros jornalistas de tabloides ou até mesmo de jornais de qualidade mediana, todos eles interessados em reciclar as mesmas ficções inverificáveis e as mesmas vastas generalizações, de maneira a agitar a América contra o demónio estrangeiro” (*ibid*).

Tendo em conta que esta dissertação pretende estudar a forma como os media, ao reproduzirem o discurso dominante, contribuem para a construção do “outro”, através da exacerbação do sentimento de distância é crucial analisar a parte do orientalismo que se baseia fortemente na produção de conhecimento geográfico no centro imperial. Uma vez que, na perspetiva de Saïd, qualquer representação do “Oriente” é necessariamente espacial. Para além das técnicas de mapeamento que tiveram um papel no projeto imperial, Saïd está interessado em provocar os domínios culturais e simbólicos do conhecimento geográfico, uma vez que a política cultural do espaço é um ponto central do seu estudo. Questiona os conhecimentos comuns de espaço, neste caso o “Oriente” para destabilizar a ordem espacial e racial na qual o conhecimento ocidental é produzido. Neste sentido, Saïd desenvolveu o conceito de geografias imaginativas, essencial para perceber de que forma a geografia não é algo natural, mas sim definida no imaginário público. Neste imaginário, são atribuídas a determinadas populações, certas características, tendo apenas o local de origem como critério para estas representações. No contexto desta dissertação, o conceito de geografias imaginativas pode ser relacionado com a visão pós-estruturalista de geopolítica crítica que defende que a geografia é definida voluntariamente por discursos dominantes e determinadas visões do mundo.

1.5 Geografias imaginativas e a dramatização da distância

A virada pós-moderna e a reconceptualização do espaço em teoria social encorajaram vários investigadores e teóricos culturais a aumentar, ou mesmo substituir,

o espaço material por metafórico, em que as imaginações geográficas têm um papel importante no espaço e nas relações sociais. Edward Saïd tem sido um contribuidor importante para tal. O autor pretende reformular as sensibilidades espaciais para além dos termos geográficos tradicionais, num sentido epistemológico mais amplo. Incita a imaginar novas topografias, em que culturas, profissões e áreas de experiência, tornam-se híbridas e interpenetram-se, ao que ele dá o nome de “histórias entrelaçadas e territórios sobrepostos” (Al-Mahfedi 2011).

Do seu ponto de vista, a história não é pré-estabelecida uma vez que pode ser influenciada pelas ideias e não apenas pelos aspetos económicos, como proposto pelos marxistas ortodoxos. O seu conceito de geografias imaginadas evoluiu da sua crítica ao campo de conhecimento sobre o “Oriente” chamado de Orientalismo. Neste termo, “imaginadas” não significa falsas nem inventadas, mas sim percecionadas. Refere-se à perceção de espaço criado através de certas imagens, textos e discursos. Desta forma, os media, ao enfatizarem determinadas características e diferenças entre “nós”/refugiados ucranianos e o “outro”/refugiados sírios, muitas vezes, atribuindo-lhes um carácter exótico, reforçam a ideia de que o “nosso” espaço é diferente do espaço do “outro” e, assim, contribuem para a sensação de distância.

O conceito de geografias imaginadas pode ser visto como uma forma de construção social, equivalente ao conceito de comunidades imaginadas de Anderson. O argumento principal de Saïd na sua obra *Orientalismo* é de que a cultura ocidental produziu uma visão do “Oriente” baseada numa imaginação particular, popularizada pelos estudos académicos orientais, pela literatura de viagem e pela perspetiva colonial sobre o espaço a que corresponde (*ibid*). Saïd defende que o “Oriente”, como um espaço e área, foi feminizado como um território aberto e virgem, sem capacidade ou conceito de governo ou de liderança organizada. As geografias imaginadas são, desta forma, vistas como ferramentas de poder e uma forma de controlar e subordinar áreas. O poder é visto como estando nas mãos daqueles que têm o direito de objetificar aqueles que percecionam. O sujeito e o espaço “oriental” foram transformados de um espaço imaginado para um território material objetificado, sofrendo de exploração colonial e imperial (Saïd, 2004). Do ponto de vista do caso de estudo desta dissertação e de acordo com o consenso encontrado na literatura, os media usam também estas ferramentas de forma a perpetuar este domínio sobre o espaço, contribuindo para a marginalização e para o distanciamento dos refugiados vindos do Médio Oriente.

Para perceber de que forma o conceito de geografias imaginadas se relaciona com o orientalismo é necessário compreender duas características importantes das geografias imaginativas. A primeira é a dramatização da distância e da diferença envolvidas no processo das geografias imaginativas. Saïd defende que as divisórias e compartimentos ajudam a demarcar mais claramente um espaço familiar, que é “nosso”, do espaço que é “deles”. Esta distinção é arbitrária e não depende do reconhecimento dos “outros” da “nossa” distinção entre a “nossa” terra e a “deles”. O autor defende que isto é suficiente para estabelecer uma distinção nas nossas mentes (os não-ocidentais tornam-se “eles” e os ocidentais tornam-se “nós” no que respeita à relação com o território). O centro do projeto geográfico de Saïd baseia-se na sua explicação de como a própria noção de distância não é fixa, uma vez que é criada e tornada inteligível através de práticas culturais. Saïd chamou a atenção para o papel privilegiado da cultura na constituição do mapa geográfico e reforça o grande alcance do imperialismo europeu clássico dos séculos XIX e XX, que ainda projeta as suas sombras nos tempos atuais. Estas representações foram construídas à volta de concepções essencialistas dos “outros”, não-ocidentais, que associam diferença a inferioridade e que serviram para informar e legitimar as estratégias geopolíticas de controlo e colonização pelos países ocidentais, à medida que subjugavam outros territórios à conquista militar e exploração comercial (Al-Mahfedi 2011).

A segunda característica do conceito de geografias imaginativas pode ser encontrada na explicação de Saïd de como as geografias imaginativas “ajudam a mente a intensificar o seu sentido de si próprio”. Saïd defende, na sua obra, que o orientalismo não é um projeto imperial inocente de criação de significado, mas que, na verdade, ajudou a produzir os súbditos do imperialismo europeu. Assim, as geografias têm um papel na formação do sentido de espaço, através das perceções de pertença ou não pertença. Para Saïd, há uma conexão entre a espacialidade de várias geografias imaginadas e a produção de identidade. É possível dizer que espaço e subjetividade são mutuamente constitutivas (*ibid*).

Derek Gregory, também, mostra como a geografia é implicada nos nossos julgamentos culturais que estão na base do exercício contínuo do poder colonial. As construções interligadas de diferença e distância continuam a autorizar o desencadeamento de violência contra “outras” pessoas e espaços. Gregory insiste que as geografias imaginativas são “performances de espaço” e que dominaram o mapeamento geopolítico. (Gregory 1994).

O conceito de Saïd de geografia imaginativa celebra, então, a recetividade pós-moderna no sentido que rejeita a ideia de um espaço fechado. Saïd defende que “a terra é o nosso mundo em que não existem espaços vazios e inabitados, assim como ninguém está fora ou para além da geografia, ninguém está completamente livre da luta pela geografia”. Esta luta é complexa porque não é apenas militar, é, também, sobre ideias, formas, imagens e imaginário. Ao mesmo tempo que estava bastante interessado na produção e circulação das geografias imaginativas do Oriente, Saïd insistia que o orientalismo não era apenas uma leve fantasia europeia sobre o “Oriente”, mas um corpo criado de teoria e prática no qual, durante muitas gerações, houve um investimento material considerável. Na perspetiva orientalista, o que deu ao “mundo Oriental” identidade e inteligibilidade não foram os seus próprios esforços, mas uma série de manipulações complexas de conhecimento através do qual o “Oriente” era identificado pelo “Ocidente”. Foi principalmente isto que implicou profundamente o discurso de Orientalismo no poder colonizador (Al-Mahfedi, 2011).

A geopolítica crítica mostra-nos, então, que a geografia não é algo naturalmente imposto, mas que é definido voluntariamente por discursos de atores poderosos, entre os quais os media, que, tendo a capacidade de chegar todos os dias à população, através da televisão, rádio e *internet* conseguem associar determinadas características a grupos de pessoas, de acordo com o espaço em que se situam. Assim, moldam as perceções do público sobre os diferentes espaços geográficos e de quem lá habita. Desta forma, o “Outro” é criado espacialmente. Quando escolhem mencionar determinados elementos como o modo de travessia ou comportamentos culturais nas notícias sobre pessoas deslocadas contribuem para que se construa uma noção de distância na mente dos leitores em relação a determinados refugiados, que talvez não aconteça com outros.

Sendo assim, esta dissertação não pretende estudar as próprias raízes do Orientalismo, mas sim de que forma o Orientalismo, ou seja, a construção do “outro”, através de determinados comportamentos jornalísticos, se verifica na cobertura noticiosa dos refugiados. Para tentar entender como tal acontece, a análise terá em conta a componente espacial dos discursos, nomeadamente, a forma como é criada distância a partir da reprodução do discurso dominante sobre “outro” pelos media, em particular pela imprensa escrita. Tendo em conta a componente espacial do orientalismo a utilização e exagero da distância toma um lugar central na comparação entre os refugiados ucranianos e sírios. Posto isto, no próximo capítulo será relatada a importância dos media na

construção de representações orientalistas, que criam distância, para depois, apresentar a metodologia que irá guiar a presente dissertação.

Capítulo 2. O papel dos media na sociedade

A presença maciça da comunicação social na sociedade é um facto inegável no mundo em que vivemos. No dia a dia, seja através da televisão, jornais, rádio ou redes sociais, o público é bombardeado com informação, que nem sempre é o retrato mais fiel da realidade. Durante o seu desenvolvimento, os meios de comunicação adquiriram o papel de intermediários entre os cidadãos e aquilo que se passa no mundo, arrecadando uma posição muito importante. Tal como já vimos anteriormente, no caso da representação dos refugiados, verifica-se um tratamento diferente, de acordo com as suas origens. Os refugiados ucranianos são alvo de notícias com detalhes complexos, enquanto os refugiados do Médio Oriente e Norte de África são vítimas de uma representação limitada, que os demonstra como massas, sem características individuais. Deste modo acabam por contribuir para a construção do “outro”.

Através da forma como relatam ou escolhem omitir um evento, os *media* posicionaram-se, assim, num lugar considerável da sociedade. É importante, então, antes de passar ao capítulo empírico, em que serão comparadas as coberturas jornalísticas sobre os refugiados ucranianos e sírios, compreender o que permitiu aos meios de comunicação chegar a esta posição. Assim sendo, o intuito deste capítulo é justificar a escolha dos media como atores para o estudo da criação do “outro”, através da distância, em detrimento de outro tipo de representações. Parte deste capítulo será também dedicada à imprensa escrita, que será analisada no estudo de caso.

2.1 Definição e evolução dos media

Em primeiro lugar, é fundamental definir o que são os media. Segundo Mehraj et al (2014), como meios de comunicação, entende-se os veículos/canais utilizados para transmitir e disseminar informação, entretenimento, notícias, conteúdos educativos e imagens. Desta forma, incluem a televisão, rádio, jornais, cartazes e *internet*, entre outros formatos (Mehraj et al 2014). A palavra “media” surgiu pela primeira no dicionário de inglês de *Oxford* na década de 1920, sendo que mais tarde, na década de 1950, foi declarada uma revolução da comunicação. Contudo, as preocupações sobre os meios de comunicação remontam à Antiguidade. Na Grécia e Roma Antiga, a retórica era muito valorizada, continuando a ser estudada na Idade Média e no Renascimento, assim como, no século XVIII e XIX, enquanto outras noções, como opinião pública e “massas” surgiam. Todavia, foi a invenção da prensa no Ocidente, no século XV, por Gutenberg,

que teve um dos maiores impactos na produção e difusão do conhecimento. A prensa assegurou a perduração do trabalho produzido na era do Renascimento, tornou a informação mais acessível e impediu a ocultação de conhecimento e ideias, como tinha acontecido na Idade Média. De acordo com Elizabeth Einstein, a prensa estandardizou e preservou o conhecimento que na era da circulação oral e do manuscrito era mais fluído. Em segundo lugar, encorajou a crítica da autoridade, fazendo com que visões incompatíveis sobre o mesmo tema fossem possíveis. No entanto, na perspetiva de Einstein, a prensa deve ser vista como um catalisador, ao invés de um agente de mudança, uma vez que apenas assistiu às mudanças sociais, não as tendo criado (Briggs & Burke 2005). Mais tarde, a imprensa ganhou um maior destaque quando Edmund Burke, em 1787, afirmou, numa sessão no parlamento inglês, que na galeria da imprensa se encontrava o “Quarto Poder”, para além dos três poderes tradicionais identificados por Montesquieu.

Posteriormente, no início do século XIX, o desenvolvimento de Friedrich Koenig de juntar um motor a vapor à prensa resultou na industrialização dos media impressos, permitindo que a capacidade de produção aumentasse exponencialmente. O aumento da eficiência da produção foi acompanhado pela ascensão dos jornais diários. Estes foram importantes para as sociedades americanas, crescentemente urbanizadas, do século XIX, que começaram a ser capazes de obter informação através de uma fonte mais segura. Com uma sociedade que tinha mais tempo livre e dinheiro, graças à industrialização, os media ajudavam a população a decidir o que fazer com ambos. Um pouco mais tarde, durante a década de 1830, surgem os *penny papers* (jornais de centavos), precursores dos atuais tabloides. Eram publicações de muito baixo custo que serviam como uma fonte mais barata, mas sensacionalista de informação diária. Estes jornais davam primazia a homicídios e outros assuntos mais entusiasmantes em detrimento de notícias políticas. Ao passo que os jornais convencionais pretendiam atrair uma audiência mais educada e com maior poder financeiro, os *penny papers* tinham como público-alvo um segmento maior e menos instruído de leitores (LibreTexts, 2023).

Na primeira metade do século XX, principalmente com o eclodir das duas guerras mundiais, o interesse académico focou-se na propaganda (Briggs & Burke 2005). O início deste século foi marcado pela explosão de uma das primeiras e principais formas de media de massas não impressas, isto é, a radio. Os rádios tornaram-se amplamente disponíveis na década de 1920 e permitiram, pela primeira vez, que um grande número de pessoas

ouvisse, em simultâneo, o mesmo conteúdo. Constituiu uma excelente oportunidade para a publicidade que obtinha agora um maior alcance. O impulso consumista provocado pela rádio levou a níveis de consumo nunca antes vistos, contudo, a Grande Depressão provocou uma diminuição drástica dos mesmos (LibreTexts, 2023).

O período após a segunda guerra mundial foi marcado nos EUA pelo surgimento da televisão. Num intervalo de 7 anos, dois terços dos lares estadunidenses tinham pelo menos um televisor. A televisão tornou-se, então, o segmento principal dos media de massas. A difusão da televisão trouxe a comunicação visual e estimulou o surgimento de uma teoria interdisciplinar sobre os media. Os debates sobre os media na segunda metade do século XX encorajaram a reavaliação da invenção da impressão e de todas as outras tecnologias que eram tratadas, num momento inicial, como tendo apenas benefícios (Briggs & Burke 2005).

Contudo, dada a importância e influência que a rádio e a televisão adquiriram, os media impressos tiveram de adaptar-se à nova paisagem mediática. Mesmo assim, estes eram mais duráveis e flexíveis em termos de tempo, ao contrário dos media de transmissão que tinham calendários mais fixos, tendo de ser consumidos no imediato, pelo menos até ao surgimento dos gravadores de vídeo nos anos 1990 (LibreTexts, 2023). Todavia, foi o avanço da *Internet* na década de 1990 que veio revolucionar o mundo, tornando-se o meio de comunicação que agrega todos os media. Estes desenvolvimentos digitais obrigaram os media tradicionais, como os jornais a repensarem os seus modelos de negócios.

Mesmo assim, o jornalismo escrito, sendo a base de todos os media, é ainda considerado relevante e credível, estando associado ao trabalho de investigação. A principal função do jornalismo é, então, manter um sistema de controlo de poderes, através da difusão pública da informação. Nos últimos anos, os jornais desenvolveram uma relação próxima com a *internet*, procedendo à sua digitalização, o que permitiu ao público aceder a informação de forma gratuita. No entanto, estas transformações tiveram um impacto no jornalismo, por um lado nas rotinas jornalísticas de produção de informação e, por outro, nos formatos de difusão. Ao mesmo tempo, verificou-se uma queda nas vendas dos jornais impressos, que se pensava que poderia ser compensada pela publicidade *on-line*. Não obstante, atualmente, acaba por haver uma maior aposta nas edições *on-line*, que também já começam a ser pagas, em detrimento das impressas (Dias, 2021). Sendo assim, e uma vez que, segundo o Fórum Económico Mundial, 72% dos

utilizadores da União Europeia acedem à informação e às notícias via *on-line* (Ellerbeck, 2022), o capítulo empírico consistirá na comparação de notícias de imprensa escrita *on-line*.

Posto isto, tornou-se globalmente aceite que os media tiveram consequências sociais e culturais importantes, no entanto, a natureza e o escopo destas consequências são controversos Briggs & Burke (2005). Os académicos interrogam-se sobre a consequências políticas e psicológicas, tentando perceber se favorecem determinados políticos em detrimento de outros e, por outro lado, se aproximam as pessoas ou encorajam o seu distanciamento e retiro para o mundo privado.

Assim sendo, os media podem servir várias funções aos indivíduos, relacionadas com a satisfação das necessidades individuais. Uma parte da investigação sobre os meios de comunicação tem catalogado os vários usos e benefícios que os membros da audiência relatam do seu consumo. Estes são maioritariamente: Informação, ao tomarem conhecimento sobre acontecimentos relevantes na sociedade e no mundo, a procura de conselhos, a satisfação de curiosidades e a aprendizagem; Identificação pessoal, uma vez que encontrar reforço dos valores pessoais e identificar-se com outros indivíduos, permite à audiência conhecer-se melhor; Integração e interação social, ao obterem conhecimento sobre as circunstâncias dos outros cidadãos e identificarem-se com elas e, até um certo ponto, ao servir como um substituto de uma companhia real (relações parassociais). E, por fim, Entretenimento, uma vez que os media podem funcionar como um escape aos problemas pessoais, permitindo libertação emocional e prazer cultural e estético (Grossberg 2005).

Segundo Grossberg (2005), a *Internet* e o desenvolvimento dos *media* tecnológicos tornaram possível transportar os meios de comunicação a espaços que lhes eram até então interditos, mudando fundamentalmente as interações. Nas últimas décadas, com a revolução da *Internet*, a paisagem mediática tem vindo a sofrer alterações, com as plataformas digitais a ganharem cada vez mais espaço, contudo a televisão continua a ocupar um lugar importante (*ibid*). Segundo dados da Marketeer, apesar do consumo de conteúdos através da televisão ter baixado, em Portugal, entre 2013 e 2019, de 85% para 83%, este continua a ser o principal meio de transmissão de informação e entretenimento à escala global (Marketeer, 2020).

Todavia, de acordo com Stuart Hall¹⁰ deve ser tido em conta que a produção e receção de mensagens dos media são dois processos independentes e autónomos dentro do circuito de comunicação. Não devemos supor que aquilo que a audiência interpreta corresponde ao significado que o produtor da mensagem quis comunicar. A forma como uma audiência particular interpreta um texto é determinado, de uma forma complexa, pela sua posição social e pelos interesses e recursos que atribui ao texto (Grossberg, 2005).

Dado que os *media* são uma presença tão ativa no quotidiano das populações, começaram a surgir, no século XX, estudos sobre o seu impacto na sociedade, na vida dos cidadãos e no poder político. Os primeiros estudos sobre a persuasão dos media tiveram lugar nos anos 1940. Estes primeiros estudos não encontraram efeitos relevantes dos media, concluindo que estes tinham um impacto mínimo no comportamento da população, uma vez que apenas fortaleciam as predisposições e as perspetivas dos indivíduos já existentes. Contudo, estas teorias enfrentaram desafios empíricos relativamente à endogeneidade da exposição aos media. Isto é, a escolha dos jornais de notícias que as pessoas leem, as estações de radio e canais de televisão que ouvem e veem reflete as crenças e atitudes preexistentes. Assim, se olharmos para dois jornais com um posicionamento político particular e comparamos o comportamento dos leitores, não é possível determinar se o comportamento é diferente porque, ao ler os jornais, a audiência mudou o seu comportamento, ou se foram as suas atitudes políticas preexistentes que determinaram a escolha daquele jornal, em particular. Em contraste, os estudos empíricos mais recentes sobre os efeitos dos media baseiam-se na ideia de encontrar alguma fonte de variação exógena na exposição aos media, para garantir que o consumo auto selecionado não está a enviesar os resultados (Enikolopov & Petrova 2018).

Mesmo assim, é possível falar do impacto dos media, que James Potter entende como uma mudança no resultado/comportamento de uma pessoa ou entidade social, após exposição a uma mensagem dos media. Potter propõe que a comunicação social de massas seja definida como organizações que usam canais tecnológicos para distribuírem mensagens com o propósito de atrair uma audiência crescente e condicionar esta audiência a exposições repetitivas a um determinado assunto (Potter, 2011).

¹⁰ Stuart Hall apud Grossberg L. (2005). *The Power of the Media*. Media Making Mass Media in a Popular Culture

Assim sendo, para compreender o que permite aos media chegar a esta posição de destaque na sociedade, a análise será realizada através do ponto de vista da sua capacidade em definir quais assuntos chegam ao público, ou seja, a sua capacidade de canalizar a discussão para determinados temas e desviá-la de outros.

2.2 A capacidade de *agenda-setting*

De acordo com Andrea Prat (2014), a produção de notícias é central no processo democrático, uma vez que os cidadãos recebem informação política através dos media e usam-na para decidirem em quem votar. Ao escolherem o que relatar e como relatar, os media são capazes de afetar as visões da audiência e conseqüentemente as suas escolhas eleitorais. Desta forma, uma parte importante da evidência empírica mostra que os media de massa têm um impacto relevante nos resultados políticos, uma vez que são a principal fonte de informação política e de formação de opinião para o grande público. Sem a presença ativa nos media, as propostas políticas ou os candidatos têm mais dificuldade em angariar apoio público (Prat 2014). O primeiro trabalho de investigação empírico ligado ao conceito de *agenda-setting* (a capacidade de os media darem mais atenção a determinados assuntos, ignorando outros) abordou a questão da influência dos media no eleitorado durante campanhas políticas. As campanhas políticas em diversos países mostram que os media são o palco por excelência da política.

Strömberg¹¹ mostrou que o acesso à radio nos EUA na década de 1930 aumentou a participação nas eleições governamentais e teve um impacto positivo nas despesas públicas. DellaVigna e Kaplan demonstraram, igualmente, que os canais de televisão politicamente enviesados, como a *Fox News*, são capazes de influenciar resultados eleitorais, dado que esta cadeia televisiva fez aumentar a percentagem de votos de George W. Bush em 0.5 pontos percentuais. Tendo em conta que os resultados destas eleições foram tão renhidos, os autores estimam que a *Fox News* pode ter mudado o resultado das mesmas (DellaVigna e Kaplan 2007). Também Chiang e Night¹² concluíram que os apoios específicos a determinado candidato, por parte dos jornais, têm um impacto nos

¹¹ Strömberg D. apud Enikolopov, R.S., & Petrova, M. (2018). Mass media and its influence on behaviour.

¹² Chiang & Night apud Enikolopov, R.S., & Petrova, M. (2018). Mass media and its influence on behaviour.

resultados eleitorais, apesar deste efeito ser mais forte se o apoio não for expectável, por exemplo se um jornal com inclinações democráticas apoiar um candidato republicano (Enikolopov & Petrova, 2018).

Na mesma linha de pensamento de *agenda-setting*, Robert Entman enfatiza o poder dos enquadramentos na transmissão de notícias. Neste contexto, enquadrar envolve selecionar alguns aspetos da realidade percecionada e torná-los mais salientes num texto comunicativo, de forma a promover uma determinada definição, interpretação, avaliação moral e ou recomendação. Saliência significa tornar uma parte da informação mais perceptível, significativa e memorável para o público. Assim, um aumento na saliência aumenta a probabilidade de os recetores perceberem o significado da notícia, processá-la melhor e, portanto, guardá-la na sua memória (Entman, 1993). Determinados comunicadores usam os enquadramentos de forma estratégica, com o objetivo de influenciar resultados, ao levar as audiências a aceitar interpretações que favorecem os seus interesses e objetivos. Walter Lippmann¹³, criador da teoria de enquadramentos, defende que os cidadãos não adquirem grande parte do seu conhecimento político através da experiência pessoal, mas sim através dos media e das elites que eles retratam. Os media, sendo o principal meio de contacto simbólico entre o público e o ambiente político, têm uma grande influência sob as perceções, opiniões e comportamento dos indivíduos (Entman et al 2009). Kahneman e Tversky¹⁴ oferecem um dos mais citados exemplos sobre o poder do enquadramento ao enaltecer algumas características da realidade e omitindo outras. Eles demonstram que os enquadramentos selecionam e chamam a atenção para aspetos particulares da realidade descrita, o que significa que direcionam a atenção para longe de outros aspetos. A omissão de potenciais definições problemáticas, explicações, avaliações e recomendações pode ser tão crucial como as inclusões no direcionamento da audiência. Assim, estes enquadramentos têm a capacidade de controlar a opinião pública (Entman 1933).

Sofia José Santos atribui, igualmente, uma importância aos *media* através do seu papel na construção das representações. “Isto porque na impossibilidade de

¹³ Lipman, W. apud Entman, R. M. Matthes, J. Pellicano, L (2009). Nature, sources and effects of news framing. Em Wahl-Jorgensen, K; Hanitzsch, Thomas. The Handbook of Journalism Studies. New York: Routledge, 175-190.

¹⁴ Kahneman & Tversky apud Entman, R. (1993). Framing: toward clarification of a fractured paradigm

experienciarmos todas as realidades em primeira mão, confiamos, em grande medida, nos media para conhecer geografias, agendas e experiências que de outra forma não conheceríamos”. Ou seja, aquilo que chega às audiências passa em primeiro lugar por um processo de filtragem, que pode ser denominado de *gatekeeping*¹⁵, definindo assim qual informação deve ser transmitida e qual perspectiva sobre essa informação é mais válida para o interesse público. Na Europa, como já mencionado anteriormente, as representações dos refugiados são geralmente negativas. Estes são apresentados com características negativas e como uma ameaça ao estilo de vida e aos valores ocidentais dos países de acolhimento (Santos, 2019). Os media fazem uma escolha ao oferecem ao público uma representação incompleta dos refugiados, que oculta as suas características individuais, que os representam como massas que invadem o continente europeu e que representam um risco para as sociedades ocidentais. Desta forma, os media criam uma determinada narrativa, enquadrando e omitindo informação de maneira que seja mais difícil para o público criar empatia com os refugiados e migrantes. Esta dificuldade em criar empatia é um dos reflexos da enfatização da distância pelos media.

2.3. O peso do poder político e dos interesses comerciais

O efeito CNN enquadra-se nesta perspectiva que olha para os *media* como *gatekeepers* e *agenda-setters*, uma vez que analisa a forma como a cobertura contínua dos maiores eventos nas redes de televisão, como a CNN, pode influenciar as agendas políticas domésticas e externas. Baseia-se na forma como a escolha do conteúdo a relatar e a sua transmissão repetitiva, por parte dos meios de comunicação, é capaz de criar uma resposta política específica face a determinados acontecimentos. Este conceito surgiu na década de 1990, quando a CNN cobriu a intervenção militar no Iraque, na Somália e na Bósnia. Estas intervenções foram vistas como as respostas dos decisores políticos à cobertura mediática do sofrimento humano, como as imagens dos refugiados a fugirem das forças de Saddam Hussein no Kuwait. As representações dos media do sofrimento humano eram vistas como uma pressão sobre os decisores políticos, para intervirem com propósitos humanitários. Ao passarem estas imagens dramáticas, repetidamente, os media provocam a opinião pública, que por sua vez leva os decisores políticos a procederem a

¹⁵ « A atividade de tentar controlar quem recebe determinados recursos, poderes ou oportunidade e quem não recebe. » Cambridge Dictionary. Tradução livre da autora

uma intervenção militar. No entanto, a eficácia política do efeito CNN tem vindo a ser desafiada. Alguns académicos desafiam a ideia de que o efeito transforma os repórteres em decisores políticos, defendendo que as intervenções militares são apenas uma extensão dos poderes políticos tradicionais a usarem o contexto humanitário como uma capa em busca dos seus próprios interesses políticos e económicos. Estas críticas ao efeito questionam se os medias são, de facto, independentes (Benabid, 2021).

Atualmente a ideia de contrapoder é mais invocada do que a noção de quarto poder no que toca aos meios de comunicação. Segundo Mário Mesquita¹⁶, as instituições são vistas como parte de um sistema de pesos e contrapesos, característicos dos regimes democráticos. Como podemos verificar através de casos muito célebres como o *Affaire Dreyfus* ou o Caso Watergate, em que os jornalistas tiveram um papel essencial no desenrolar dos acontecimentos. Contudo, o contrário também aconteceu com deturpações e manipulação de informação por jornalistas (Lopes 2023).

Por fim há que ter em consideração, igualmente, que, apesar dos *media* terem o poder de decidir aquilo que é discutido pela sociedade e sob que forma, o campo das notícias é caracterizado por lutas pelo poder, sendo que a informação não escapou ao processo de comercialização. Para além das pressões do foro económico, publicitário e concorrencial, os jornalistas sofrem constrangimentos económicos da parte da organização onde estão inseridos, influência das fontes governamentais e de outros meios de informação. No campo jornalístico assistimos a um crescente domínio da componente comercial, com pressões relacionadas com a produção de lucro. A introdução de publicidade dentro das emissões de informação teve um impacto evidente na forma e no conteúdo dos jornais televisivos. Os eventos e os temas não são escolhidos de acordo com a sua importância ou consequências sociais, mas em função da atração que podem despertar. Assim a informação não é tratada de forma a esclarecer e fornecer as partes essenciais para compreender os assuntos, mas de maneira a satisfazer a curiosidade geral (Trudel 1990).

Apesar de não haver consenso entre os académicos sobre o poder e influência dos media, é inquestionável, que ao terem a capacidade de definir aquilo que é falado e o que não é falado nas notícias, os meios de comunicação exercem uma grande influência sobre

¹⁶ Mario Mesquita apud Lopes, R. (2004). O poder dos media na sociedade contemporânea <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/04/lopes-rita-media-e-poder.pdf>

assuntos que a sociedade considera e debate. Até ao momento, é possível perceber que a distância pode ser utilizada para explicar a existência de orientalismo nas representações dos media. Tal acontece uma vez que os media têm um papel na instrumentalização e projeção da distância geográfica e social. Tendo em conta que, dentro dos segmentos mediáticos, a imprensa escrita é utilizada por uma grande parte dos cidadãos europeus como fonte de informação, será o ângulo utilizado para comparar a resposta ocidental aos refugiados sírios e aos refugiados ucranianos

2.4 Metodologia

A literatura permitiu compreender que as representações sobre o espaço não ocidental, seja através de discursos dominantes, imagens, conhecimento científico ou mapas, produzidas sobre o espaço não ocidental tiveram e continuam a ter um papel na criação e subordinação do “outro”. Por outro lado, foi possível concluir que, atualmente, também os media exercem um papel relevante nestes processos, neste caso, na recriação da imagem do refugiado na mente do público, através do discurso, nomeadamente pela ênfase geográfica e social. Principalmente porque estes foram excepcionalmente importantes durante a crise dos refugiados, uma vez que, devido à rápida sucessão de acontecimentos, tornaram-se a única fonte através da qual os poderes políticos e o público podiam aceder à informação e, assim, fazer sentido daquilo que estava a acontecer (Georgiou & Zaborowski, 2017).

Deste modo, o segundo capítulo permitiu compreender a importância das representações dos media, ao definirem os assuntos que chegam ao debate público, e perceber que a sua influência é exercida através do processo ao qual autores como Robert Entman atribuem o nome de *framing* (enquadrar). De seguida, o capítulo empírico consistirá numa comparação de notícias de jornais *on-line*, sobre os refugiados provocados pela guerra da Síria e pela guerra na Ucrânia. A escolha da imprensa escrita está relacionada com o facto de esta ser a base de todos os media e por ser um formato que, aos olhos da sociedade, é ainda uma das fontes mais confiáveis de obtenção de informação. Este formato distingue-se de outros na medida, uma vez que é dada primazia ao conteúdo escrito e não tanto a representações visuais como imagens e vídeos. Por outro lado, foram evitados artigos de opinião, pelo seu carácter extramente pessoal.

Esta comparação servirá para perceber se, tal como a literatura sugere, os média têm um posicionamento orientalista através do seu papel na criação de distância. Como distância foi escolhida a definição do dicionário *on-line* Priberam¹⁷ que a estabelece como:

intervalo entre dois pontos, dois lugares, dois objetos; grande diferença (desproporção); afastamento, posição de pouco ou menos envolvimento emocional ou afetivo; período de tempo que medeia entre dois factos, duas ocasiões ou épocas e Diferença entre duas categorias sociais. Priberam

Tendo em conta esta definição foram estabelecidos 5 elementos criadores de distância, estes são: menção à distância física/modo de travessia; referência ao tipo de roupa/gadgets utilizados; utilização de metáforas e alegorias e distância social, reunidos na tabela nr.1. Cada elemento desta tabela, se confirmado, poderá ajudar a explicar de que forma se concretiza a criação de distância.

Tabela 1. Tabela para a análise de artigos sobre refugiados sírios e refugiados ucranianos

Artigos	Elementos criadores de distância	Exemplo (citação)
	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	
	Referência ao tipo de roupa/gadgets utilizados	
	Utilização de Metáforas/Alegorias	
	Menção a hábitos culturais diferentes	
	Distância “social”	
	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	

Como distância social foi tida em conta a definição de Hodgetts e Stolte que a associam

“à extensão à qual as pessoas experienciam um sentido de familiaridade (proximidade e intimidade) ou falta de familiaridade (afastamento e diferença) entre eles próprias e as pessoas pertencentes a diferentes grupos sociais, étnicos, ocupacionais e religiosos”¹⁸ (Hodgetts & Stolte, 2014).

Muito presente ao longo desta dissertação, a diferença é mais uma vez associada à definição de distância, neste caso, social. Estes elementos associados a distância, acima referidos, foram escolhidos tendo em consideração a literatura analisada, na qual vários artigos fazem menção ao sentimento de afastamento em relação aos refugiados, mas,

¹⁷Definição retirada do dicionário *on-line* Priberam <https://dicionario.priberam.org/dist%C3%A2ncia>

¹⁸ Tradução livre da autora

também, a diferenças culturais como crenças religiosas, barreira linguística e posição da mulher na sociedade.

Ao mencionar a extensão da viagem dos refugiados e os seus obstáculos, enfatizando a dificuldade da travessia, os artigos contribuem para a intensificação do sentimento de distância entre os leitores e os refugiados. Por outro lado, de uma perspectiva não tão física, mas mais emocional, a ausência, nos artigos, do sentimento de empatia em relação aos refugiados, faz como que os leitores se posicionam a uma maior distância destes, não sendo capazes de simpatizar com a sua condição.

Com o objetivo de obter uma amostra mais ampla foram escolhidos quatro jornais de dois países, a França e o Reino Unido. Esta decisão foi tomada de forma a evitar países que tivessem uma relação história com o país de origem dos refugiados, principalmente com a Ucrânia, uma vez que é o país mais próximo. Contudo, era importante que os países escolhidos, estivessem na Europa e tivessem sido impactados pela crise de refugiados de 2015 e pela chegada dos ucranianos em 2022. A escolha recaiu, portanto, em França e no Reino Unido por corresponderem a estas características. Por outro lado, pretendia-se um resultado não enviesado e, por isso, foram escolhidos jornais situados no espectro político amplo da direita, o *Daily Mail* e o *Figaro* e da esquerda, o *The Guardian* e o *Le Monde*. Segue-se uma breve contextualização que justifica a escolha destes quatro jornais.

Segundo Paul Harris, o lançamento do *Daily Mail*, no final do século XIX, constituiu a fundação do jornalismo moderno. Era considerado um jornal ousado e radical que levava, pela primeira vez a informação a milhões de lares, a um preço acessível, sendo, atualmente, impresso em formato tabloide. (Harris, 2013). Nos tempos atuais, o jornal é reconhecido pelo seu posicionamento político de centro-direita e é considerado representativo da classe média inglesa. Defende valores conservadores e tradicionais, advogando contra os valores liberais. Já o *The Guardian*, foi lançado em 1919, em formato semanal, com o objetivo de chegar a uma audiência internacional. Relativamente ao seu espectro político, foi considerado, por uma sondagem realizada pelo YouGov, como o jornal britânico posicionado mais à esquerda, tendo já apoiado o Partido Trabalhistas e os Democratas Liberais em determinadas ocasiões. Relativamente aos jornais franceses, o *Le Figaro* tendo sido criado em 1866, é o jornal francês mais antigo ainda em circulação. É considerado o principal jornal conservador de França, estando frequentemente relacionado com controvérsias em relação à sua independência editorial

(Eurotopics, s.d.). Em contrapartida, o *Le Monde* é o mais recente dos quatro jornais mencionados, datando do ano de 1944. Apesar de já ter sido considerado centro-esquerda, tem-se verificado mais moderado nos últimos anos, tendo como principal audiência os leitores que se posicionam a meio do espectro político. Desta forma, é, também, reconhecido pela independência das suas linhas editoriais (New World Encyclopedia, 2022).

Para facilitar a pesquisa dos artigos dos jornais acima mencionados foi utilizada a plataforma Nexis UNI através de algumas palavras-chave como “*refugees Syria*” e “*refugees Ukraine*” e onde foi possível estabelecer dois intervalos. Para o caso dos refugiados sírios foi escolhido o período de 1 de janeiro de 2015, uma vez que foi o ano em que a crise se intensificou na Europa, e 31 de março de 2016, mês em que foi assinado um acordo entre a UE e a Turquia. Este acordo definiu que o país tomaria as medidas necessárias para impedir que os migrantes e refugiados viajassem de forma irregular da Turquia até às ilhas gregas. Deste modo, quem chegasse à Grécia de forma irregular poderia ser “devolvido” à Turquia. Assim, por cada refugiado devolvido, os estados-membro da UE aceitariam um refugiado que estivessem a aguardar dentro das fronteiras turcas (Corrao, 2019). O segundo intervalo de tempo foi estabelecido tendo em consideração o início oficial da guerra na Ucrânia, 24 de fevereiro até ao presente, mais propriamente dia 31 de maio de modo a permitir tempo suficiente para a pesquisa e análise das notícias. Os resultados desta análise estão sumariados nas tabelas 1 e 2¹⁹.

Ora, é essencial que estas questões sejam estudadas uma vez que, através da ênfase da distância, o público europeu sente uma menor empatia com os refugiados, o que resulta numa menor pressão pública sob o poder político que, conseqüentemente, impede soluções duradouras que não passem pela marginalização destas pessoas. No entanto, é importante referir que a análise será sobretudo qualitativa e que não serão feitas inferências estatísticas, nem serão testadas hipóteses. Embora o objetivo seja analisar o conteúdo dos artigos, será, igualmente, estudada a quantidade de vezes que algo é referenciado em relação a um grupo de refugiados em comparação a outro, de modo a inferir a existência de distância. O objetivo não é testar a existência de alguma diferença entre a esquerda e a direita, mas perceber qual o tipo de conteúdo presente nos jornais

¹⁹ Os resultados completos da análise dos artigos podem ser consultados em Anexos.

posicionados em ambos espectros políticos e de que forma estes constroem o “outro” através da instrumentalização da distância.

Capítulo 3. Os media e a criação do “outro” através da distância

3.1 Contextualização histórica

A presente dissertação pretende comparar a cobertura mediática da chegada dos refugiados sírios à Europa, na altura daquilo que foi denominado de “crise dos refugiados”, em 2015 e a cobertura dos refugiados ucranianos resultado da Guerra na Ucrânia. Esta comparação será realizada através da conceção de distância enquanto uma forma de geografia imaginativa, dentro do Orientalismo e de que forma tal, estando presente na imprensa escrita, contribui ou não para cimentar as clivagens na representação dos refugiados. Contudo, em primeiro lugar, interessa saber as causas destes acontecimentos. movimentos.

3.1.1 A crise dos refugiados de 2015

A crise de refugiados que se registou na Europa em 2015 está principalmente associada à chegada de refugiados sírios. Segundo a ACNUR, depois de uma década de conflito, a Síria permanece o maior desafio em termos de refugiados e requerentes de asilo do mundo. Desde 2011, mais de 14 milhões de sírios foram forçados a fugir do seu país à procura de um lugar seguro, sendo que 6.8 milhões permanecem internamente deslocados. Para perceber as causas desta crise temos, então, de recuar, evidentemente, às origens do conflito. Apesar de na Europa, de um modo geral, considerar-se que a “crise” teve início em 2015, uma vez que foi quando o continente começou a sentir de forma mais aguda as consequências do conflito sírio, a ACNUR considera que a crise de refugiados síria teve início em março de 2011. Tudo começou quando a população de Daara, uma cidade a sul do país saiu à rua para protestar contra a prisão e tortura de um grupo de jovens depois destes terem realizado grafitis revolucionários contra o governo. Estas demonstrações pró-democracia foram violentamente reprimidas pelas forças governamentais gerando protestos por todo o país que exigiam a renúncia do presidente Bashar Al-Assad²⁰. A julho de 2011, centenas de milhares de pessoas tomavam as ruas do país, em protesto. Os movimentos de oposição acabaram por se armar, num primeiro momento para se defenderem e mais tarde para expulsar as forças de segurança governamentais das suas áreas de habitação. Desta forma, a violência escalou e o país

²⁰ Estas demonstrações populares contra o poder autocrático inserem-se nos movimentos revolucionários que se verificaram no início da década de 2010 em vários países do Norte de África e do Médio Oriente, que ficaram conhecidas como Primavera Árabe.

caiu numa guerra civil. O conflito começou a ganhar características sectárias, com a maioria sunita contra o presidente xiita, para além disto, a ascensão do grupo jihadista Estado Islâmico acrescentou uma nova dimensão, tornando o conflito ainda mais complexo (UNHCR, 2023).

Segundo as Nações Unidas, até junho de 2013 estima-se que tenham morrido 90 mil pessoas sendo que esse número aumentou para 250 mil em agosto de 2015. Foram reportadas graves violações dos direitos humanos como execuções públicas, decapitações, amputações e o uso de armas químicas contra civis. Metade da população da Síria pré-guerra está deslocada devido à violência desde o início da guerra civil. Neste momento, a população que permaneceu no país ultrapassa graves dificuldades, como se pode comprovar nos seguintes dados: 70% da população necessita de assistência alimentar e 90% vive abaixo do limiar de pobreza.

O conflito tem evoluído desde o seu início, com várias potências mundiais a envolveram-se. O que começou com uma revolução, inserida na Primavera Árabe, contra um líder autocrático, tornou-se numa guerra por procuração, com a participação de várias potências mundiais e regionais. O Irão gastou mais de mil milhões de dólares por ano para reforçar o poder de Assad, através de conselheiros militares, armamento, linhas de crédito e transferências de petróleo. A Rússia lançou uma campanha militar contra os oponentes de Assad, lançando vários ataques aéreos. O governo contou, igualmente, com o apoio do grupo islamita Hezbollah. Por outro lado, a oposição predominantemente sunita atraiu o apoio da Turquia, Arábia Saudita, Qatar, Jordânia e no Ocidente dos EUA, Reino Unido e França. Já o Estado Islâmico aproveitou o caos e tomou controlo de várias áreas da Síria e do Iraque, onde proclamou a criação de um califado em julho de 2014 (UNHCR, 2023).

Posto isto, existem vários fatores que explicam o porquê de 2015 ter sido considerado o pior ano para a Europa, com a chegada, em número sem precedentes, de refugiados sírios. Em primeiro lugar, após quatro anos de guerra, a situação do país e as condições de vida daqueles que lá permaneciam continuavam a deteriorar-se, fazendo com que mais cidadãos abandonassem o país e criando, entre os refugiados sírios que estavam nos países próximos, uma sensação de perda de esperança em voltar para a Síria num futuro próximo. Por outro lado, os países de acolhimento vizinhos como a Turquia, o Líbano e a Jordânia não eram vistos como uma solução a longo prazo, uma vez que os refugiados não estão autorizados a trabalhar legalmente, estando dependentes da ajuda

humanitária e tendo os seus movimentos limitados (Kingsley et al, 2015). Existia uma pressão, particularmente entre os sírios que restavam da classe média, para chegar à Europa, onde teriam mais oportunidades, acesso a segurança e onde a possibilidade de construir um futuro parecia mais exequível. Verificou-se, igualmente, um aumento da partida de jovens homens de modo a evitar o recrutamento militar que passou a ser obrigatório nesta altura (Yahya, 2015). O terceiro motivo principal prende-se com a ajuda humanitária, uma vez que os corpos da ONU começaram a ver os seus fundos esgotarem-se, tornando não só as condições daqueles que viviam nos campos muito duras, assim como dos sírios que viviam fora dos campos, mas que eram dependentes dos subsídios da ONU. Em 2015, a ACNUR fez um apelo de 5.5 mil milhões de euros para apoiar os refugiados sírios, contudo conseguiram apenas 24% deste valor. Também, do ponto de vista financeiro, volvidos quatro anos desde o início da guerra, um maior número de pessoas começava a ter um montante suficiente de dinheiro para realizar a travessia até à Grécia. Por fim, verificou-se uma mudança na rota mais utilizada para a travessia do Mediterrâneo. Ao invés da travessia a partir da Líbia até Itália, os refugiados começaram a preferir a rota do Balcãs, desde a Turquia até à Grécia. Esta rota era menos arriscada, uma vez que a travessia do mar Mediterrâneo era mais curta e o preço cobrado pelos contrabandistas mais barato (Kingsley et al, 2015). Contudo todas as rotas constituíam um grande perigo. Em abril de 2015 cerca de 600 pessoas afogaram-se no Mediterrâneo, quando um barco virou em direção a Lampedusa, sendo que a operação de salvamento italiana e maltesa apenas conseguiu salvar cerca de 50 de 700 pessoas a bordo. Em agosto, as autoridades austríacas encontraram os corpos de 71 migrantes e refugiados numa carrinha de refrigeração abandonada perto da fronteira austríaca com a Hungria (Spindler, 2015).

É importante lembrar que apesar de, principalmente em 2015, este assunto ter dominado na comunicação social e no discurso político europeus, os países que acolheram o maior número de refugiados não estão no continente. Segundo a ACNUR, os países que mais acolheram refugiados sírios são a Turquia, Paquistão, Líbano, Irão, Etiópia e Jordânia. Sendo que na Europa, em 2015, a comunidade de refugiados representava apenas 0,2% da população total²¹ (Perre et al, 2018).

²¹Por 1000 habitantes, a Turquia tem 35 refugiados, Jordânia tem 89 e o Líbano 173. No caso da União Europeia, existiam apenas 2 refugiados por 1000 habitantes em 2015, sendo que atualmente este número é muito menor (European Commission, 2022).

3.1.2 As origens da Guerra na Ucrânia

Apesar de muitos especialistas e investigadores no Ocidente afirmarem que esta guerra na Ucrânia é uma escolha do presidente Vladimir Putin, este afirma que a decisão da NATO, em 2008, a favor da adesão da Ucrânia trouxe uma ameaça existencial às fronteiras russas. Por outro lado, há também quem defenda que as raízes estão no fim da guerra fria e na resposta inadequada do ocidente depois do colapso da URSS (Nye, 2022). Contudo a história comum dos dois países é antiga e deve ser tida em conta.

A Ucrânia e a Rússia partilham um passado agitado cujo início data o século XVIII, quando o território que corresponde à atual Ucrânia passou a fazer parte do império russo. Dois séculos mais tarde, em 1918, a Ucrânia declarou independência, contudo, grande parte do seu território voltou a ser absorvida pelo Exército Vermelho e transformada numa das repúblicas da União Soviética em 1921 (Muzamil, 2022). Durante esta fase a Ucrânia foi um pilar da URSS, sendo a segunda república mais populosa e poderosa, de lá vinha grande parte da produção agrícola, da indústria de defesa e militar (Masters, 2023). No entanto, as políticas da URSS, que penalizaram os agricultores que não aceitaram as medidas coletivistas, acabaram por resultar numa fome generalizada, conhecida por Holodomor, que por sua vez intensificou o sentimento nacionalista ucraniano durante a década de 1930. No final do século XX, em 1991, quando a URSS se desintegrou, a Ucrânia reclamou de novo a sua independência, o que constituiu um grande golpe para a Rússia (Muzamil, 2022). Desde aí, a política da Ucrânia é marcada pela vontade de traçar o seu caminho como um estado soberano e independente, tentando aliar-se de forma mais próxima e equilibrada com as instituições ocidentais, isto é, com a União Europeia e a NATO, mas também com a Rússia (Masters, 2023). Após a desintegração da URSS, a União Europeia (UE), os Estados Unidos da América (EUA) e a Rússia tinham diferentes planos para o futuro da Europa de Leste. A Rússia queria manter a sua esfera de influência, a UE pretendia uma vizinhança europeia unificada e hegemónica e os EUA queriam ser um jogador central na manutenção da comunidade Euro-atlântica.

Com raízes no pós-Guerra Fria, a crise ucraniana escalou no inverno 2013-2014 quando o presidente Viktor Yanukovich, sob pressão dos seus apoiantes em Moscovo, descartou os planos para formalizar uma relação económica mais próxima com a UE. Muitos ucranianos viram esta decisão como uma traição por parte de um governo

incompetente e corrupto, iniciando uma série de protestos pelo país, conhecidos como *Euromaidan*, que provocaram o afastamento de Yanukovich. Arseniy Yatsenyuk foi apontado como líder do governo provisório, reconhecido internacionalmente, especialmente pelos EUA. Tal foi visto com desagrado pela Rússia, que afirmava que o governo provisório era ilegítimo e que tudo estava a ser planeado para levar a cabo um golpe de estado fascista. A Rússia mais tarde usaria este argumento para justificar as ações militares no território ucraniano, com o objetivo de proteger os russos e os falantes de russo que estavam sob ameaça dentro do território ucraniano (Muzamil, 2022). Ao mesmo tempo surgiram demonstrações pró-Rússia, que Putin usou como uma oportunidade para começar a pensar na estratégia de como “devolver a Crimeia à Rússia”. A 27 de fevereiro de 2014, as tropas russas capturaram lugares estratégicos na Crimeia e instalaram um governo pró-russo. A Crimeia foi formalmente anexada a 18 de março. Parte da região do Donbass foi também capturada por grupos paramilitares apoiados pela Rússia. Contudo, ao contrário de na Crimeia, a Rússia continuou a negar oficialmente o seu envolvimento no Donbass até lançar a invasão à Ucrânia em 2022 (Masters, 2023).

Em relação à invasão de larga escala da Rússia à Ucrânia, a fevereiro de 2022, alguns analistas veem como o culminar do ressentimento em relação à expansão da NATO após a guerra fria para a antiga esfera de influência da União Soviética. Os líderes russos alegam que os EUA e a NATO violaram as promessas que tinham feito nos anos 1990 de não expandir a aliança para o antigo bloco soviético. Eles viam este alargamento como uma imposição humilhante, à qual a Rússia nada poderia fazer. Apesar de ter sido criado um conselho NATO-Rússia, as expectativas divergiam e a Rússia esperava mais desta relação. A decisão da NATO na cimeira de 2008 de incluir a Ucrânia e a Geórgia como potenciais futuros membros, confirmou a pior expectativa de Putin sobre o Ocidente. Nesta cimeira, o presidente russo avisou os EUA que juntar a Ucrânia à aliança seria um ato hostil. Meses mais tarde a Rússia entrou em guerra com a Geórgia, para mostrar que estariam dispostos a usar a força para assegurar os interesses do seu país (Nye, 2022).

Apesar permanecer fora da NATO, a Ucrânia foi fortalecendo os laços com a organização nos anos que se seguiram, manteve exercícios militares anuais com a aliança e em 2020 obteve um estatuto especial para os aliados não-membros mais próximos, declarando a sua vontade de se tornar um membro efetivo. Nas semanas que antecederam

a invasão de 2022, a Rússia fez várias exigências ao nível de defesa à NATO e aos EUA, para que parassem de expandir a aliança, que procurassem um consenso com a Rússia e removesses as armas nucleares dos EUA na Europa. Os líderes da aliança afirmaram que estavam abertos a relações diplomáticas, mas não estavam dispostos a fechar as portas da NATO a eventuais membros. Outros especialistas dizem que o fator mais importante a motivar Putin foi o receio que a Ucrânia continuasse a desenvolver-se como uma democracia moderna estilo ocidental, uma vez que iria enfraquecer o regime russo e prejudicar a sua vontade de reconstruir uma esfera de influência no leste da Europa (Masters, 2022).

Em fevereiro de 2022, Putin ordenou, então, uma invasão à Ucrânia, que ele esperava ser uma vitória rápida, enviando tropas desde sul, através da Crimeia, leste da Rússia e a norte da Bielorrússia, com o objetivo de tomar controlo das maiores cidades, incluindo a capital, depor o governo e assim “desnazificar” e desmilitarizar a Ucrânia. Contudo, passado mais de um ano a guerra continua, com milhões de ucranianos deslocados e sem um fim à vista. Segundo alguns especialistas as ações da Rússia na Ucrânia são o culminar de várias humilhações provocadas pelo Ocidente, principalmente pelos EUA nos últimos 30 anos (Muzamil, 2022). Nye (2022) afirma que segundo aquilo que Putin e vários biógrafos escreveram, umas das principais causas é a recusa em ver a Ucrânia como um estado legítimo. Putin lamenta a separação da União Soviética e, devido às afinidades culturais próximas dos dois países, considera a Ucrânia um estado falso. Aos olhos de Putin a Ucrânia tem sido ingrata tendo em conta o fortalecimento das suas relações comerciais com a União Europeia e a revolução *Euromaidan* (Nye, 2022).

Após entender os acontecimentos que originaram um número tão significativo de refugiados, proceder-se-á à análise e comparação de artigos sobre refugiados sírios e sobre refugiados ucranianos com o objetivo de verificar se o jornalismo escrito contribui para a construção do “outro” através da distância.

3.2 Uma análise comparativa entre notícias sobre refugiados sírios e refugiados ucranianos

A escolha do estudo de caso partiu da ideia de que os media, neste caso através do discurso, uma vez que não foram analisadas imagens, têm um papel na construção do “outro”, por via da utilização de elementos que contribuem para a construção e exacerbamento da distância.

Depois da análise de mais de cento e setenta notícias de quatro jornais diferentes, dois britânicos, o *Daily Mail* e o *The Guardian* e dois franceses, o *Le Monde* e o *Le Figaro*, existem algumas conclusões rápidas que podem ser tiradas. Há que relembrar que esta escolha de França e do Reino Unido está ligada ao facto de nenhum dos países terem um passado histórico próximo dos países de origem dos refugiados, ao contrário de outros países na Europa. Por outro lado, a decisão específica destes quatro jornais prendeu-se com o objetivo de ter diferentes posicionamentos políticos, ou seja, dois centro-direita e dois centro/centro-esquerda, de forma a obter um resultado mais amplo e não tão enviesado.

Como será possível observar ao longo deste capítulo, a análise dos artigos permitiu perceber que o papel do jornalismo escrito na criação de distância entre o público europeu e os refugiados é muito mais subtil e nuançado do que à partida poderia parecer. A procura por notícias escritas, cujos resultados podem ser verificados nas tabelas seguintes, foi realizada através da plataforma NEXIS UNI, e em dois intervalos de tempo, 1 de janeiro de 2015 a 31 de março de 2016 e 24 de fevereiro de 2022 a 31 de maio de 2023 respetivamente, cuja escolha já terá sido justificada. A pesquisa limitou-se a trabalho jornalístico escrito, evitando artigos de opinião e outros formatos.

Tabela 2. Elementos criadores de distância presentes nos artigos sobre refugiados sírios

Quantidade de artigos	Elemento criador de distância	Jornais
34/88 (38,6%)	Menção à distância física/Modo de travessia	Daily Mail – 11/34 (32%) The Guardian – 6/34 (17,6%) Le Figaro – 10/34 (29,4%) Le Monde – 7/34 (20,6%)
2/88 (2,3%)	Referência ao tipo de roupa/gadgets utilizados	Daily Mail – 1/2 (50%) The Guardian – 1/2 (50%)
0/88	Utilização de Metáforas/Alegorias	
3/88 (3,4%)	Menção a hábitos culturais diferentes	The Daily Mail – 2/3 Le Monde – 1/3
3/88 (3,4%)	Distância “social”	The Daily Mail – 3/3 (100%)
50/88 (56,8%)	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	Daily Mail – 9/50 (18%) The Guardian – 16/50 (32%) Le Figaro – 12/50 (24%) Le Monde – 13/50 (26%)

Tabela 3: Elementos criadores de distância em artigos sobre refugiados ucranianos

Quantidade de artigos	Elemento criador de distância	Jornais
24/88 (27,3%)	Menção à distância física (quilômetros percorridos) / Modo de travessia	Daily Mail – 4/24 (16,7%) The Guardian – 6/24 (25%) Le Figaro – 7/24 (29,2%) Le Monde – 7/24 (29,2%)
0	Referência ao tipo de roupa/gadgets utilizados	
0	Utilização de Metáforas/Alegorias	
2 (2,3%)	Menção a hábitos culturais diferentes	The Guardian – 1/2 (50%) Le Monde – 1/2 (50%)
0	Distância “social”	
62 (70,5%)	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	Daily Mail – 18/62 (29%) The Guardian – 15/62 (24,2%) Le Figaro – 15/62 (24,2%) Le Monde – 14/62 (22,6%)

Numa primeira análise, apesar de se verificar uma diferença entre os dois casos, esta não é abismal, com 56,85% do total de artigos analisados sobre os refugiados sírios a não apresentarem nenhum elemento criador de distância contra 70,5% no caso ucraniano. O elemento criador de distância que mais se verificou foi a menção à distância física e ao modo de travessia, isto é, 38,6% das notícias sobre os refugiados sírios e 27,3% das notícias sobre os refugiados ucranianos. Apenas 2,3% dos artigos referentes aos refugiados sírios fazem menção ao tipo de roupa e aos gadgets utilizados, enquanto nenhuma notícia sobre a guerra na Ucrânia faz referência. Os hábitos culturais diferentes e a distância social em relação aos refugiados sírios representam ambos 3%, já no caso ucraniano estes elementos representam 2,3% e 0%, respectivamente. Em nenhum dos casos se verificou a utilização de metáforas ou alegorias.

Ao analisar as notícias, tendo em conta a orientação política dos jornais, é possível depreender que os jornais no espectro político da direita, o *Daily Mail* e o *Le Figaro*, no caso dos refugiados sírios, têm um maior número de notícias com a presença de elementos criadores de distância, com dezassete (77,3%) e dez (45,5%), respectivamente, do que o *Le Monde* e o *The Guardian*, conhecidos por se posicionarem mais à esquerda. Contudo, mesmo entre os jornais considerados de direita, o *Daily Mail* destaca-se com a presença de todos os elementos associados a distância, exceto a utilização de metáforas/alegorias. Já os jornais posicionados no espectro político da esquerda apresentam uma diferença inferior, com sete das vinte e duas notícias analisadas do *The Guardian* (31,8%) a exibirem elementos como menção a distância física e a referência a roupa e gadgets e o *Le Monde* com oito entre as vinte e duas notícias analisadas (36,4%). Neste sentido estes dois últimos jornais são os que apresentam uma maior quantidade de artigos onde não está presente nenhum dos elementos criadores de distância, o *The Guardian* com dezasseis (32%), o *Le Monde* com treze (26%), o *Le Figaro* com doze (24%) e o *Daily Mail* com nove artigos (18%) num total dos 50 artigos que não apresentam nenhum elemento criador de distância.

Ao olhar para as notícias sobre os refugiados resultado da guerra na Ucrânia compreende-se que, de uma forma geral, existe um menor número de notícias com elementos criadores de distância relativamente aos artigos sobre refugiados sírios, sendo que nenhuma das oitenta e oito notícias analisadas refere o tipo de roupa/gadgets utilizados, faz uso de metáforas/alegorias ou de elementos associados a distância social. Nos artigos sobre refugiados sírios apenas não são utilizadas metáfora/alegorias (dentro

dos cinco elementos criadores de distância). Ao analisar do ponto de vista do posicionamento político dos jornais, percebe-se que os papéis se invertem, com o jornal *Le Monde* a mostrar o maior número de notícias com elementos criadores de distância, isto é, oito em vinte e duas (36,4%), seguido do *The Guardian* e o *Le Figaro*, ambos com sete (31,8%) e, por fim, o *Daily Mail*, com quatro (18,2%). Da totalidade de artigos analisados sobre ucranianos deslocados, 27,3% mencionam distância física e o modo de travessia, enquanto apenas 2,3% dos artigos fazem menção a hábitos culturais diferentes (um do *The Guardian* e um do *Le Monde*), estes dois sendo os únicos elementos criadores de distância presentes. Relativamente ao país de origem das publicações não se verifica uma diferença quantitativa relevante, uma vez que nenhum dos parâmetros mostra uma discrepância acentuada entre as publicações francesas e britânicas.

3.2.1 Os artigos sobre os refugiados sírios

Olhando agora para o conteúdo dos artigos analisados, mais uma vez, o que se destaca em ambos os casos é a referência ao modo de travessia e à distância percorrida. Quando as notícias sobre os refugiados sírios mencionam estes elementos, descrevem a perigosidade e morosidade das viagens pelas quais os refugiados sírios têm de se sujeitar para chegar à Europa. São utilizadas expressões como “viagem traiçoeira”²², “arriscar a vida para escapar”²³, “condições desesperantes”²⁴ e outras expressões que fazem referência ao destino de muitos daqueles que tentaram atravessar o Mediterrâneo, mas que acabaram por falecer sem chegarem ao seu destino. Tal acontece devido às travessias em barcos sobrecarregados, que não estavam aptos para atravessar o mar²⁵, ou em caminhões destinados ao transporte de produtos alimentares, apelidadas muitas vezes de “viagens da morte”²⁶. Estas expressões transmitem a impressão de que a viagem realizada pelos refugiados é de facto perigosa e difícil, constituindo a única alternativa, mas apenas para aqueles que têm a capacidade de pagar as quantias extremamente elevadas cobradas pelos contrabandistas (“os migrantes tiveram de pagar entre 3.000 e 4.000 euros por toda a viagem desde a Síria”). Do ponto de vista do jornalismo escrito, as referências à forma

²² A7 “encorajar mais pessoas a virem e fazerem jornadas traiçoeiras.”

²³ A8 “A visão lamentável de famílias a arriscar as suas vidas para escapar”

²⁴ A17 “(...)Eles foram então transportados, em condições desesperantes, pela Hungria e pela fronteira austríaca.”

²⁵ A10 “Mais de 1,800 homens, mulheres e crianças já morreram este ano a tentar atravessar o Mediterrâneo em barcos sobrecarregados e impróprios para navegar”

²⁶ B5 “pais não veem outra escolha senão deixar a região e embarcar naquilo que se tornou para muitos as “viagens da morte” até à Europa”

de travessia e à distância percorrida poderão não ser feitas deliberadamente de forma a criar distância, uma vez que a viagem é uma parte essencial, talvez a mais importante, em todo o processo de chegada dos refugiados à Europa. No entanto, ao mencionar a duração, os obstáculos e a forma que a viagem toma, por vezes mais do que uma vez no mesmo artigo, os jornalistas e as suas notícias acabam por criar o sentimento de distância entre “nós” europeus e “eles”.

No que toca aos restantes elementos criadores de distância, sem dúvida que se destaca o *Daily Mail*, conhecido pelo seu sensacionalismo, popular entre as massas britânicas. A distância social, exclusivamente utilizada por este jornal, é um elemento subtil, mas igualmente eficaz na criação de afastamento e falta de empatia entre os refugiados e os leitores. As notícias que fazem menção a este elemento falam principalmente de turistas que depois de muitos anos a passarem as suas férias nas ilhas gregas viam, pela primeira vez, os seus dias de descanso serem perturbados pelos refugiados e migrantes recém-chegados à Europa, cujos destinos finais ainda estavam por definir. Um dos artigos noticia o facto de vários restaurantes terem colocado barreiras para proteger os comensais da vista para os campos de refugiados improvisados²⁷, sendo que outro noticia a forma como os britânicos enfrentam o “horror” de estar na praia com campos de refugiados nas proximidades²⁸. Estas notícias demonstram que apesar de estarem no mesmo local, os turistas e os refugiados sírios encontram-se a uma grande distância social e material dos refugiados. No mesmo lugar em que os turistas, neste caso britânicos, estão a aproveitar os seus dias de férias, os refugiados vêm-se numa posição extremamente vulnerável, em campos improvisados, com poucas condições, sem saber qual será o seu próximo passo. A dúvida permanece sobre se chegarão aos países da Europa Central, ou se serão devolvidos aos países vizinhos da Síria, como a Turquia. Isto tem a capacidade de criar uma forte distância mental, uma vez que demonstra uma posição de pouco envolvimento emocional e afetivo, tal como consta na definição de distância.

A menção a hábitos culturais diferentes e a referência ao tipo de roupa e gadgets utilizados são fatores importantes a ter em conta, mais uma vez com o destaque para o *Daily Mail*. Os artigos deste jornal noticiam o facto de os refugiados acreditarem que

²⁷ A1 “Os restaurantes até colocaram barreiras para proteger os clientes da visão do campo de refugiados improvisado”

²⁸ A10 “Muitos dos migrantes estão agora a viver em campos improvisados perto das praias – para o horror dos britânicos em férias”

podem viver no Reino Unido mantendo os seus valores e crenças que, segundo o jornal, são contrários aos valores do resto da população, incluindo, por exemplo a subjugação da mulher, o casamento forçado, entre outros²⁹. Outro artigo chega mesmo a utilizar a expressão “*alien culture*”³⁰ e a barreira linguística como um entrave ao acolhimento de refugiados por famílias britânicas. Por outro lado, o *Le Monde* faz referência ao facto de os sírios, principalmente os que vivem em zonas rurais, preferirem não enviar as suas filhas para a escola a partir dos 12/13 anos³¹ e de os rapazes terem um fraco nível de escolarização, uma vez que são obrigados a trabalhar. Mais uma vez, as apresentações de hábitos diferentes criam uma sensação de distância entre os leitores europeus e os refugiados sírios. Por outro lado, algumas notícias chamam a atenção para o facto de alguns refugiados utilizarem *smartphones* ou até mesmo *Iphones*, mas de uma forma negativa, levando a crer que se estas pessoas deslocadas são, de facto, refugiadas, não deveriam ter na sua posse gadgets que são associados ao Ocidente.

De uma forma geral, a análise destas notícias permitiu perceber que as notícias dos jornais britânicos, principalmente do *Daily Mail* centravam-se particularmente sobre se o Reino Unido deveria ou não acolher refugiados dentro das suas fronteiras. Alguns dos artigos relatavam a preferência de certos cidadãos por refugiados cristãos. Já em relação do *Figaro* verifica-se uma diferença relativamente aos outros jornais, uma vez que uma grande parte das notícias retrata os refugiados de uma forma impessoal, apenas mencionando números. Estes artigos concentram-se nas questões à volta de quais países devem acolher os refugiados e em que quantidades, uma vez que, durante o pico da crise de refugiados na Europa, a hipótese de estabelecer uma quota para o número de refugiados que cada país deveria receber esteve várias vezes em cima da mesa. Apesar de não constar na tabela de elementos criadores de distância, esta impersonalização dos refugiados em números também é capaz de criar distância, uma vez que torna mais difícil o envolvimento emocional do leitor.

²⁹ A11“Além disso, foi ajudado pela loucura pernicioso do multiculturalismo que os induziu a acreditar que podem viver aqui sem abandonar os valores e crenças que estão totalmente em desacordo com aqueles aos quais o resto de nós adere. Isso inclui a sujeição das mulheres, a circuncisão feminina, o casamento forçado e a lei da Sharia”.

³⁰ A14 “Ele afirmou, no entanto, que seria errado para uma família refugiada mudar -se para a sua recém-restaurada casa devido à barreira linguística e à cultural estrangeira (alien)”

³¹ D15“Muitas famílias sírias, principalmente de origem rural, são reticentes em enviar as raparigas para a escola depois dos 12 ou 13 anos. Quanto aos rapazes, o seu nível de escolaridade é baixo porque na maioria das vezes têm de trabalhar”

3.2.2 Os artigos sobre refugiados ucranianos

Também no caso das notícias sobre os refugiados ucranianos o elemento criador de distância que se destaca é a menção ao método de travessia ou à distância percorrida, contudo de uma forma diferente do caso anterior. Segundo os artigos analisados, a travessia faz-se principalmente de carro³², comboio³³ e autocarro e em alguns casos, algumas partes do caminho a pé. É mencionado que a viagem é cansativa e difícil³⁴, por vezes com temperaturas negativas³⁵, contudo é possível verificar uma grande diferença relativamente às notícias que fazem referência às viagens dos refugiados sírios, em que quase todas mencionam o quão perigosas estas são, constituindo uma ameaça às suas vidas. Sendo que a travessia desde a Ucrânia até ao centro da Europa apresenta um número significativamente menor de obstáculos físicos e burocráticos. O jornal *The Guardian* é aquele com mais notícias que referem a modo de travessia, contudo não é perceptível uma diferença relevante no conteúdo entre os quatro jornais.

Apesar de várias notícias sobre os refugiados ucranianos fazerem referência ao método de travessia e à distância física, os exemplos usados não criam um sentimento de distância igual às notícias sobre os refugiados sírios. Isto porque fazer uma viagem de carro, autocarro ou comboio pela Europa tem um carácter muito mais comum para os eleitores europeus do que atravessar o Mediterrâneo num barco que não está preparado para tal.

O restante elemento criador de distância presente nestas notícias é a menção a hábitos culturais diferentes que, para os ucranianos deslocados, passa também pelos problemas de comunicação, sendo que o *Daily Mail* fala sobre os choques culturais e de personalidade, incluindo a dificuldade em chegar a acordo sobre as regras dentro do lar³⁶, mas também a barreira linguística³⁷, mencionado, igualmente, pelo *The Guardian*. Tal

³² F20 “As imagens nas redes sociais mostram filas de carros a dirigirem-se para oeste em direção à vizinha Polónia, Moldávia, Romênia, Eslováquia e Hungria. ”

³³ F11 “Com enormes filas de carros daqueles que fogem das estradas congestionadas e comboios de evacuação sobrelotados, com espaço apenas para ficar de pé e sem espaço suficiente para todos aqueles que querem fugir”

³⁴ E8 “Depois de uma árdua viagem pela Europa” ; H3 “Assim que chegam, depois de uma viagem exaustiva de quatro a sete dias, vê-se o cansaço, o artodoamento nos seus rostos”

³⁵ F22 “cerca de 400.000 ucranianos fugiram para oeste, ingressando na estrada com temperaturas negativas.”

³⁶ F8 “Outros fatores citados incluem custos, choques culturais e de personalidade, anfitriões que não estabelecem as regras da casa, mal-entendidos e problemas de comunicação.”

³⁷ H21 “Caímos sempre neste obstáculo, o meu marido, as minhas filhas e eu: a barreira da língua. É ela que nos impede de realmente nos projetarmos na França. ”

como já foi explicado anteriormente, a utilização destes elementos que mostram que “eles” têm hábitos diferentes de “nós” contribuem para a criação de distância. Mesmo assim, o entrave da barreira linguística é algo expectável quando se fala de pessoas de nacionalidades diferentes do país onde são acolhidos, o mesmo acontece com os refugiados sírios. Contudo, no caso destes refugiados, a menção à barreira linguística não é o único hábito cultural diferente mencionado. Verifica-se, igualmente, menções a diferenças relacionadas com a educação dos mais jovens, com a posição da mulher na sociedade e com crenças religiosas. Bastante mais presentes do que nos artigos sobre os refugiados ucranianos, estes elementos que enfatizam a diferenças entre os leitores europeus e os refugiados sírios contribuem para a sensação de distância emocional.

Embora não seja tão relevante para a questão central desta dissertação, várias notícias sobre os deslocados ucranianos destacaram que não foi dado o mesmo tratamento a ucranianos e a pessoas de outras nacionalidades a viver na Ucrânia. Principalmente pessoas racializadas viram negada a possibilidade de fugir do país em guerra, pelas autoridades fronteiriças. Denota-se, igualmente, que existe uma maior recetividade à possibilidade de os ucranianos permanecerem por tempo indeterminado nos países de acolhimento e de se integrarem do que no caso dos refugiados sírios. Mais uma vez, as notícias do jornal *Le Figaro* constituem maioritariamente atualizações sobre o número de ucranianos a sair do seu país e de que forma se repartem pelos países europeus. Já o *Daily Mail*, utiliza uma grande parte das notícias para publicitar o seu fundo de ajuda às vítimas da guerra na Ucrânia.

3.3 Considerações finais

Apesar daquilo que era esperado, tendo em consideração a literatura estudada, não se verifica na imprensa analisada uma diferença abismal entre a cobertura dos refugiados sírios e refugiados ucranianos. No entanto, apesar de mais subtil, ela está presente, seja num maior número de artigos sobre os refugiados sírios com elementos criadores de distância e com maior variedade, ou através da referência a hábitos culturais diferentes, para além da barreira linguística, como a menção às práticas religiosas distintas.

Posto isto, há que ter em consideração que o trabalho desenvolvido nesta dissertação partiu da ideia de que os media têm posições muito mais extremadas em relação aos refugiados sírios do que em relação aos refugiados ucranianos. Tal aconteceu graças ao facto de alguns artigos terem ganho destaque na imprensa mundial,

nomeadamente, um artigo de opinião³⁸ pelo jornal britânico *Sun*, onde Katie Hopkins comparou migrantes que atravessavam o Mediterrâneo a baratas e defendeu que estes deveriam ser acolhidos com disparos ao invés de botes salva-vidas. Outras reportagens mais recentes defendiam que, uma vez que os ucranianos tinham características semelhantes aos ocidentais, mereciam ser acolhidos. Contudo, a análise de cerca de 170 artigos de jornais *on-line* permitiu compreender que estas visões extremistas e xenófobas são uma exceção à regra e não o exemplo, no jornalismo escrito.

Desta forma, conclui-se que a imprensa escrita, através das suas representações dos refugiados e ucranianos deslocados têm um papel na criação de distância em relação aos leitores europeus. Ao dar uma importância desproporcional a determinados assuntos, como a menção constante ao modo de viagem ou ao mostrar desprendimento e afastamento afetivo, com as notícias sobre os turistas que veem as suas férias na Grécia arruinadas pelos refugiados, as artigos contribuem, de facto, para o sentimento de distância que constrói o “outro”, diferente dos leitores europeus. Contudo, apesar de estarem presentes vários elementos criadores de distância, estas notícias não têm elementos explicitamente racistas ou posição extremas. É interessante perceber que isto acontece, sim, de uma forma muito mais subtil do que à partida poderia parecer. Ao contrário do que seria a expectativa inicial, apesar de existir uma certa diferença entre os artigos sobre os refugiados sírios e os ucranianos deslocados, com os primeiros a serem representados com mais elementos criadores de distância e mais variados, esta não é abismal.

Todavia, deve-se ter em consideração que os media não se limitam ao jornalismo escrito, desdobrando-se em muitos outros formatos. Devido ao limite de espaço e tempo, esta dissertação delimitou-se ao jornalismo escrito, que apesar das mudanças nos últimos anos, continua a ter de obedecer às regras estabelecidas e é reconhecido por ter uma posição de maior sobriedade. Contudo, se forem analisados outros formatos como artigos de opinião ou reportagens em jornais televisivos de 24 horas, em que a continuidade da transmissão obriga os repórteres a serem mais criativos e onde produto final não é algo tão refletido, talvez o resultado fosse diferente. É, igualmente, importante notar que não foram analisadas imagens, sendo que estas têm um impacto relevante nas notícias e na opinião dos leitores. Por fim, deverá ser lembrado, uma vez que já foi mencionado

³⁸ Plunkett, J. (2015) *Katie Hopkins: Sun migrants article petition passes 200,000 mark*. The Guardian <https://www.theguardian.com/media/2015/apr/20/katie-hopkins-sun-migrants-article-petition-nears-180000-mark>

anteriormente, que os jornalistas são vítimas de uma grande pressão por parte dos grupos económicos e das elites que pretendem ter algo a dizer sobre aquilo que chega ao público e que isto pode, igualmente, ter um impacto no resultado final.

Conclusão

Atualmente o cenário internacional é caracterizado por um enorme fluxo de refugiados principalmente dentro e a partir do Sul Global, todavia, isto é algo relativamente recente. Durante a primeira metade do século XX, a imagem do refugiado estava associada a uma figura masculina, com uma forte agência política, no entanto os vários acontecimentos e mudanças que tiveram lugar após a segunda guerra mundial vieram mudar esta imagem típica. Os movimentos de descolonização em África e na Ásia e as várias guerras relacionadas transformaram a imagem que estava associada à migração forçada. Este período ficou marcado para massas de pessoas vindas de países em desenvolvimento a tentarem alcançar à Europa, em busca de segurança e de um futuro com melhores condições de vida. Com a intensificação do número de refugiados vindos do Norte de África e do Médio Oriente, sobretudo a partir do ano de 2015 com a chegada de refugiados sírios, os estados europeus ficaram em estado de alerta, reforçando o controlo de fronteiras e modificando os sistemas de asilo.

Contudo, quando a Rússia invadiu a Ucrânia em fevereiro de 2022, obrigando milhões de ucranianos a fugirem do seu país e a procurarem refúgio nos países europeus, verificou-se uma resposta política diferente. Os estados europeus rapidamente ativaram mecanismos que permitiram, não só a entrada destes refugiados, como, também, a oportunidade de obter um emprego de forma a conseguir manter uma vida estável longe de casa. Esta diferença na resposta não foi apenas política, uma vez que literatura alerta para o comportamento diferenciado dos media face aos refugiados. Ao passo que os ucranianos são representados de forma individualizada e complexa, os refugiados sírios são representados como massas, sem individualidade. Estas reações levaram os académicos a concluir que os media têm um papel na criação do “outro” de acordo com o espaço que este ocupa. Ao demonstrarem que o “outro” não é igual a “nós” e ao fazer menção a vários elementos que os diferenciam, os media demonstram um comportamento orientalista que, adotando um ponto de vista da geopolítica, muitas vezes está ligado à construção de distância entre os leitores europeus e os refugiados. A importância da criação do espaço neste contexto conduz-nos à geopolítica crítica e ao trabalho de Simon Dalby e Gearóid Ó Tuathail que defende que a geografia não é algo natural, mas artificialmente criado. Esta manipulação do espaço auxiliou os poderes coloniais e os discursos dominantes a submeter uma parte do mundo à sua conceção de espaço. Estes conceitos podem ser relacionados com as teorias pós-coloniais, mais concretamente com

o Orientalismo de Edward Saïd e o seu conceito de geografias imaginativas que pode ser relacionado com os preceitos da geopolítica crítica, defendendo que a geografia é definida no imaginário público, onde são atribuídas características a determinadas populações de acordo com o espaço que ocupam. Tendo em conta a literatura, parece, então que não é apenas o poder político hegemónico que detém esta influência, também os media, através de determinados elementos discursivos, perpetuam este domínio sobre as pessoas que não fazem parte do Ocidente, criando distância dentro da mente do público entre “nós” e “eles”. Tal acontece porque os medias arrecadaram o importante papel de intermediários entre o que acontece no mundo e os cidadãos, uma vez que são a principal fonte de informação política e de formação da opinião pública. Através da sua capacidade de *agenda setting* e de enquadramento da informação, os media são capazes de concentrar a atenção do público em determinados assuntos e desviá-la de outros. Assim, eles definem os principais assuntos discutidos pelo público.

Sendo os jornais a base de todo os media e do jornalismo, e apesar das pressões económicas, devido à queda de vendas associada à digitalização, o jornalismo escrito permanece uma fonte credível aos olhos da população. Atualmente, grande parte da população europeia acede às notícias via *on-line*, o que levou à decisão de analisar jornais *on-line* no estudo de caso. Um dos principais objetivos era verificar se, tal como os media em geral, a imprensa escrita, é, de facto orientalista, através da observação da existência de elementos que contribuem para a sensação de distância. Para estudar o papel da imprensa escrita na criação do “outro” através de elementos relacionados com distância, procedeu-se à comparação de notícias sobre refugiados sírios e refugiados ucranianos. A análise de cerca de 170 artigos de jornais franceses e ingleses permitiu perceber que, de facto os media têm comportamentos orientalistas através da criação de distância entre os leitores e os refugiados sírios, uma vez que a análise indicou a presença de um maior número de elementos criadores de distância nos artigos sobre os refugiados sírios do que sobre os refugiados ucranianos. Contudo, ao contrário do que se previa no início da dissertação, tendo em conta a literatura que relatava a existência de uma posição extremada por parte dos media, com elementos explicitamente racistas, o mesmo não se verificou nesta análise. Percebeu-se que, no que toca à imprensa escrita, mais concretamente a jornais *on-line*, a construção de distância é claramente menos vincada, e a diferença entre um grupo de refugiados e outro materializa-se de uma forma mais subtil. Os elementos que se registaram relativos à construção de distância em relação aos

refugiados sírios não são suficientes para afirmar que a imprensa escrita tem um comportamento explicitamente orientalista.

Contudo, os jornais são apenas uma pequena parte em todo o universo dos media. O que acontece na imprensa escrita pode não se observar noutros segmentos mediáticos, uma vez que existe um consenso na literatura acima mencionada de que os media contribuem para a construção do “outro”. Deste ponto de vista seria interessante analisar o que acontece noutros segmentos mediáticos. Serão principalmente os artigos de opinião que contribuem para a ideia, presente na literatura, de que os media são orientalistas? Por um lado, seria importante estudar o que origina este comportamento. Perceber se ele está relacionado com as pressões dos grupos económicos e das elites políticas ou se reflete a forma como a sociedade olha para os refugiados. Por outro lado, a “culpa” pode não ser do jornalismo em si, mas da forma como os líderes políticos instrumentalizam as imagens, tal como estuda o Efeito CNN, de modo a perseguir os seus objetivos políticos de forma camuflada.

Referências bibliográficas

ACNUR (1951). *Convenção Relativa Ao Estatuto Dos Refugiados* (1951). Obtido em novembro, 10, 2022 de https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf

Al-Mahfedi, M. H. K. (2011). *Edward Said's 'imaginative geography' and geopolitical mapping: Knowledge/power constellation and landscaping Palestine*. *The Criterion*

Arif, N. (2018). *Consenting to Orientalism when Covering Migration: How the British Media Dehumanises Migrants in the Context of the Syrian Civil War*. *Critical Hermeneutics*, 2(1), 27-54. <https://doi.org/10.13125/CH/3437>

Benabid, K. (2021) *What is the CNN Effect and why is it relevant today?* AlJazeera Media Institute

Briggs A. & Burke P. (2005). *A social history of the media : from gutenberg to the internet* (2ª ed.). Polity.

Burgess, J.A. and Gold, J.R., eds. (1985) *Geography, the Media and Popular Culture*, Abingdon: Routledge

Conselho Europeu (2023) *Infografia – Proteção temporária da UE para pessoas deslocadas*. Obtido em junho, 20, 2023 de <https://www.consilium.europa.eu/pt/infographics/temporary-protection-displaced-persons/>

Corrao, I. (2019). *Eu-Turkey Statement & Action Plan*. Legislative Train Schedule – European Parliament

Cottle, S. (2002) *Ethnic minorities and the media*. London and Thousand Oaks, CA: Sage

Dalby, S., & Tuathail, G.Ó. (1996). *The critical geopolitics constellation: problematizing fusions of geographical knowledge and power*. *Political Geography*, 15, 451-456.

Dalby, S., Routledge, P., & Ó Tuathail, G. (Eds.). (1997). *The Geopolitics Reader* (1^aed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203444931>

DellaVigna, S. and E. Kaplan (2007), “*The Fox news effect: Media bias and voting*”, *Quarterly Journal of Economics*, 122(3), 807-860

Dias, M. (2021) *O Jornal impresso na era digital - A prática do design como disciplina potenciadora de novos formatos e significados*. Universidade de Lisboa

Ek, R. (2006) *Media studies, geographical imaginations and relational space*. In: Jansson A and Falkheimer J(eds) *Geographies of Communication: The Spatial Turn in Media Studies*. Göteborg, Sweden: Nordicom,pp.43–65

Ellerbeck, S. (2022) *Most people get their news online - but many are switching off altogether. Here's why*. World Economic Forum. Obtido em maio, 12, 2023 <https://www.weforum.org/agenda/2022/09/news-online-europe-social-media/>

Enikolopov, R.S., & Petrova, M. (2018). *Mass media and its influence on behaviour*.

Entman, R. M. (1989). *How the Media Affect What People Think: An Information Processing Approach*. *The Journal of Politics*, 51(2), 347–370. <https://doi.org/10.2307/2131346>

Entman, R. M. Matthes, J. Pellicano, L (2009). *Nature, sources and effects of news framing*. Em Wahl-Jorgensen, K; Hanitzsch, Thomas. *The Handbook of Journalism Studies*. New York: Routledge, 175-190.

Entman, R.M. (1993). *Framing: toward clarification of a fractured paradigm*

European Commission. (2022). *Overall figures of immigrants in European society. Statistics on migration to Europe*. Obtido em julho, 2, 2023 de https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/promoting-our-european-way-of-life/statistics-migration-europe_en#RefugeesinEurope

Eurotopics (s.d.) *Le Figaro*. European press roundup. Obtido em julho, 21, 2023 <https://www.eurotopics.net/en/148679/le-figaro>

Fürsich, E. (2010). *Media and the representation of others*. *Int. Soc. Sci. J.* 61 (199), 113–130.

Georgiou M & Zaborowski, R. (2017). *Media coverage of the “refugee crisis”: A cross-European perspective*. Council of Europe. Obtido em novembro, 3, 2022 de <https://edoc.coe.int/en/refugees/7367-media-coverage-of-the-refugee-crisis-a-cross-european-perspective.html#>

Georgiou, M. (2018). *Does the subaltern speak? Migrant voices in digital Europe*. *Popular Communication*, 16(1), 45–57. doi:10.1080/15405702.2017.1412440

Gregory, D. (1994) *Geographical Imagination*. Oxford: Blackwell,

Grossberg L. (2005). *The Power of the Media*. Media Making Mass Media in a Popular Culture

Grovogui, S. (2013) *Postcolonialism*. International Relations Theories Discipline and Diversity

Harris, P. (2013) "The Story of the *Daily Mail*." *Daily Mail Historical Archive 1896-2004*. Cengage Learning

Historic Newspapers (2021) A History of the *Daily Mail*. Obtido em julho, 20, 2023 de <https://www.historic-newspapers.co.uk/blog/daily-mail-history/>

Historic Newspapers (2021) A history of the Guardian Newspaper. Obtido em julho 20, 2023 <https://www.historic-newspapers.co.uk/blog/history-of-the-guardian/>

Hodgetts, D., & Stolte, O. (2014). *Social Distance*. *Encyclopedia of Critical Psychology*, 1776–1778. doi:10.1007/978-1-4614-5583-7_559

Johnson, H. L. (2011). *Click to Donate: visual images, constructing victims and imagining the female refugee*. *Third World Quarterly*, 32(6), 1015–1037. <http://www.jstor.org/stable/41300304>

Kingsley, P, Rice-Oxley, M. & Nardelli A. (2015) Syrian refugee crisis: why has it become so bad? *The Guardian*. Obtido em maio, 2, 2023 de <https://www.theguardian.com/world/2015/sep/04/syrian-refugee-crisis-why-has-it-become-so-bad>

Kyriakides, C. (2017). *Words don't come easy: Al Jazeera's migrant–refugee distinction and the European culture of (mis)trust*. *Current Sociology*, 65(7), 933–952. <https://doi.org/10.1177/0011392116658089>

Le Monde. (2022). *New World Encyclopedia*. Obtido em julho, 20, 2023 de https://www.newworldencyclopedia.org/p/index.php?title=Le_Monde&oldid=1083812.

LibreTexts (2023). *Mass Communication, Media, and Culture*. LibreTexts Social Sciences

Lopes, R. (2004). *O poder dos media na sociedade contemporânea*. Universidade da Covilhã <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/04/lopes-rita-media-e-poder.pdf>

Marketeer. (2020). *Portugueses passam quase 5 horas por dia a ver TV*. Obtido em junho , 20, 2023 de <https://marketeer.sapo.pt/portugueses-passam-quase-5-horas-por-dia-a-ver-tv/>

Masters, J. (2023). *Ukraine: Conflict at the Crossroads of Europe and Russia*. Council on Foreign Relations. Obtido em junho, 3, 2023 de <https://www.cfr.org/backgrounder/ukraine-conflict-crossroads-europe-and-russia>

Matar, D. (2017) *Media Coverage of the Migration Crisis in Europe: a Confused and Polarized Narrative*. IEMed Mediterranean Yearbook 2017. European Institute of the Mediterranean. Obtido em novembro, 10, 2022 <https://www.iemed.org/publication/media-coverage-of-the-migration-crisis-in-europe-a-confused-and-polarized-narrative/>

Mehraj, H. K. et al. (2014). Impacts of Media on Society: A Sociological Perspective. *International Journal of Humanities and Social Science Invention ISSN (Online): 2319 – 7722*, www.ijhssi.org Volume 3 Issue 6

Muzamil, P. (2022). *Roots of the war: a peek into Russia-Ukraine conflict*. Outlook. Obtido em junho, 28, 2023 de <https://www.outlookindia.com/international/roots-of-the-war-a-peek-into-russo-ukraine-conflict-news-245495>

Nair, S. (2017). *Introducing Postcolonialism in International Relations Theory*. E-International Relations. Obtido em novembro, 10, 2022 de <https://www.e-ir.info/2017/12/08/postcolonialism-in-international-relations-theory/>

Nye, J. (2022). *What caused the Ukraine War*. Project Syndicate Obtido em maio, 10, 2023 de <https://www.project-syndicate.org/commentary/what-caused-russia-ukraine-war-by-joseph-s-nye-2022-10?>

Perre, N. De Vries, M. Richards, H. & Gkliati, M. (2018). *Refugee Crisis: three perspective on the makings of a crisis*. Refugee Law Initiative. Obtido em junho, 20, 2023 de <https://rli.blogs.sas.ac.uk/2018/04/16/refugee-crisis-three-perspectives-on-the-makings-of-a-crisis/>

Pew Research Center (2016). *Number of Refugees to Europe Surges to Record 1.3 Million in 2015*. Pew Research Center Obtido em julho, 22, 2023 de

<https://www.pewresearch.org/global/2016/08/02/number-of-refugees-to-europe-surges-to-record-1-3-million-in-2015/>

Potter WJ. (2011) *Conceptualizing mass media effect*. J Commun. 61(5): 896- 915.

Prat A. (2014) How can we measure media power?. CEPR <https://cepr.org/voxeu/columns/how-can-we-measure-media-power>

Ramalho, W. (2015) *Uma crítica ao essencialismo identitário: a historiografia da mineiridade na primeira metade do século XX*. Universidade Federal de Minas Gerais

Robinson, P. (1999). The CNN Effect: Can the News Media Drive Foreign Policy? *Review of International Studies*, 25(2), 301–309. Obtido em abril 14, 2023 de <http://www.jstor.org/stable/20097596>

Rosstalnyj, N. (2022). *Deserving and Undeserving Refugees? An Analysis of the EU's Response to the "Refugee Crisis" in 2015 Compared to the Refugee Influx from Ukraine in 2022*. Department of International Relations, Central European University.

Routledge, P. (1997). *Introduction Anti-geopolitics The Geopolitics Reader* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203444931>

Saïd, E. (2004) *Orientalismo: representações ocidentais do Oriente*. trad. Pedro Serra. - 2ª ed. - Livros Cotovia, 2004

Sajjad, T. (2018). *What's in a name? 'Refugees', 'migrants' and the politics of labelling*. *Race & Class*, 60(2), 40–62. <https://doi.org/10.1177/0306396818793582>

Santos, R. Garraio J., Giuliani G., Roque S., Santos S. (2019). A “*crise dos refugiados nos media europeus: alteridades, securitização e desconstrução das alteridades*”. Mundo crítico. Revista 4. Obtido em abril, 6, 2023 de <https://mundocritico.org/revista/a-crise-dos-refugiados-nos-media-europeus-alteridades-securitizacao-e-desconstrucao-das-alteridades/>

Santos, S. (2019), "Alteridade, Securitização e Media: o poder de representação dos novos gatekeepers (De)Othering", *Alice News*

Smets, K., & Bozdog, C. (2018). Representations of immigrants and refugees: news coverage, public opinion and media literacy. *Communications: The European Journal of Communication Research*, 43(3), 293-299. <https://doi.org/10.1515/commun-2018-0011/html>

Specht, D. (2018) "Did You Find the World or Did You Make it Up? Media, Communications and Geography in the Digital Age", *Westminster Papers in Communication and Culture* 13(2), 1-13. doi: <https://doi.org/10.16997/wpcc.298>

Specht, D., & Feigenbaum, A. (2018). *From the Cartographic Gaze to Contestatory Cartographies*. In: Bargués-Pedreny, P., Chandler, D., & Simon, E. (eds.), *Mapping and Politics in the Digital Age*. Abingdon: Routledge.

Spindler, W. (2015). *2015: the year of Europe's refugee crisis*. UNHCR. Obtido em junho, 20, 2023 de <https://www.unhcr.org/news/stories/2015-year-europes-refugee-crisis>

Strömberg, D apud Enikolopov, R.S., & Petrova, M. (2018). *Mass media and its influence on behaviour*.

Trudel, L. (1990). *Le pouvoir des médias*. *Cahiers de recherche sociologique*, (14), 163–169. <https://doi.org/10.7202/1002096ar>

Tuathail, G. Ó. (1994) *(Dis)placing geopolitics: writing on the maps of global politics*. *Society and Space* 12, 525-546.

Tuathail, G. Ó. (1996). Introduction. *Critical geopolitics: The politics of writing global space* (Vol. 6). U of Minnesota Press.

UNHCR. (2023). *Refugee Data Finder*. UNHCR Obtido em junho, 20, 2023 de <https://www.unhcr.org/refugee-statistics/>

UNHCR. (2023). *Syria Refugee Crisis Explained*
<https://www.unrefugees.org/news/syria-refugee-crisis-explained/>

Van Dijk, Teun A. (1987). *Communicating Racism; Ethnic Prejudice in Thought and Talk*. Newbury CA: Sage

Yahya, M. (2015). *What's driving the refugee flows? The Roots of Europe's Refugee Crisis*. Carnegie Europe <https://carnegieeurope.eu/2015/10/01/roots-of-europe-s-refugee-crisis-pub-61465>

Apêndices

Apêndice I: Elementos criadores de distância nos artigos analisados sobre refugiados sírios

Artigo	Elemento criador de distância	Citação ³⁹
A1	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia Referência ao tipo de roupa/gadgets utilizados Distância social	“a maior parte dos migrantes atravessaram o canal de duas milhas desde Bodrum na Turquia em botes de borracha” “Os grupos mais ricos, principalmente sírios com smartphones e cartões de crédito ficam alojados em hotéis até 15euros por noite” “Os restaurantes até colocaram barreiras para proteger os clientes da visão do campo de refugiados improvisado”
A2	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
A3	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
A4	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	

³⁹ Todas as citações foram traduzidas da língua francesa ou inglesa pela autora.

A5	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Em contraste apenas 197,940 conseguiram fazer a perigosa travessia do mar durante todo o ano passado”
A6	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Os primeiros 100 refugiados sírios voaram até à Grã-Bretanha num voo charter”
A7	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“encorajar mais pessoas a virem e fazerem jornadas traiçoeiras.”
A8	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	““A visão lamentável de famílias a arriscar as suas vidas para escapar”” “mantê-los em campos de refugiados invés de os ver a fazer a travessia muito perigosa até à Europa.”
A9	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
A10	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia Distância social	“Mais de 1,800 homens, mulheres e crianças já morreram este ano a tentar atravessar o Mediterrâneo em barcos sobrecarregados e impróprios para navegar” “Muitos dos migrantes estão agora a viver em campos improvisados perto das praias – para o horror dos britânicos em férias”
A11	Menção a hábitos culturais diferentes	““Além disso, foi ajudado pela loucura perniciosa do multiculturalismo que os induziu a acreditar que podem viver aqui sem abandonar os valores e crenças que estão totalmente em desacordo com aqueles aos quais o resto de nós adere. Isso inclui a sujeição das mulheres, a circuncisão feminina, o casamento forçado e a lei da Sharia”.”
A12	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“onde a sua viagem em dois barcos de pesca começou”
A13	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Mais de 100 migrantes desembarcaram numa base militar britânica ontem no Chipre”
A14	Menção a hábitos culturais diferentes	“ele afirmou, no entanto, que seria errado para uma família refugiada mudar-se para a sua recém-restaurada casa devido à barreira linguística e à cultural estrangeira (alien)”
A15	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia Distância social	“um barco sobrecarregado que afundou apenas 30 minutos na viagem de 13 milhas de Bodrum até à ilha grega de Kos” “ enquanto os turistas, muitos deles britânicos, comem e bebem nos restaurantes à beira-mar de Bodrum, grupos de migrantes seguram os seus escassos pertences enquanto esperam para serem carregados para os barcos pelos contrabandistas”.
A16	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
A17	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“A viagem desde a sua terra natal destruída pela guerra, quase certamente os levou através da Turquia e da Macedônia até a Sérvia, de onde o caminhão de 7,5 toneladas havia partido. Eles foram então transportados, em condições desesperantes, pela Hungria e pela fronteira austríaca.”
A18	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	

A19	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
A20	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
A21	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
A22	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“invés de tentarem a perigosa viagem até à Europa que acabou de forma trágica para o Aylan”
B1	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B2	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B3	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B4	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B5	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“país não veem outra escolha senão deixar a região e embarcar naquilo que se tornou para muitos as “viagens da morte” até à Europa”
B6	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“isso impediria os refugiados de fazer a perigosa travessia do mar até à Grécia”
B7	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B8	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B9	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia Referência ao tipo de roupa/gadgets utilizados	“desencorajar pessoas de fazerem a perigosa viagem até à Europa” “Ele vai viajar com sete outros vizinhos, todos seguindo a mesma rota, primeiro a Grécia e depois a Alemanha ou Suécia” “um pequeno número irá tentar as perigosas rotas terrestres através de muitas frentes até chegar à Turquia” “foram deixados à sua sorte em dois barcos de pesca depois de viajarem desde a Turquia” “Muitos deles tinham iPhones e estavam muito bem vestidos”
B10	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B11	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B12	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B13	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“incentivaria gangs criminosos a persuadirem mais pessoas a optar pela jornada arriscada pelo Mediterrâneo e pelo leste da Europa a partir do Médio Oriente.”

B14	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Aquele “gatilho” impulsionou as pessoas que sentiam que nada tinham a perder a fazer as travessias marítimas e terrestres para a Europa, que estavam totalmente despreparadas.”
B15	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B16	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B17	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B18	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B19	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“desencorajar as pessoas a fazerem a viagem arriscada até ao Reino Unido”
B20	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B21	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
B22	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C1	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C2	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“os migrantes tiveram de pagar entre 3.000 e 4.000 euros por toda a viagem desde a Síria”, “O caminhão, que saiu de Budapeste na manhã de quarta-feira, chegou à fronteira por volta das 9h.”
C3	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C4	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Na verdade, o navio, oficialmente a caminho de Sète, foi reportado em Famagusta, no Chipre, em meados de dezembro e no início de dezembro em Tartous, na Síria.”
C5	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C6	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C7	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C8	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“As famílias estavam a investir em média US\$ 3.000 na viagem do filho mais engenhoso, e a rota clandestina já passava pelas ilhas gregas”
C9	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“O ritmo das passagens pela rota greco-turca acelerou consideravelmente até chegar a 5.000 a 10.000 pessoas por dia.”
C10	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Foi há alguns meses, num bote salva nas águas do Mediterrâneo.”

C11	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C12	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Um primeiro avião transportando refugiados sírios até o Reino Unido chegou a Glasgow, na Escócia, na tarde de terça-feira”
C13	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C14	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C15	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“O músico decidiu então viajar até Europa como muitos de seus congêneres. Um perigo no meio de milhares de outros migrantes” “Para evitar controlos de fronteiras, ele segue uma rota montanhosa difícil.” “Aeham Ahmad chegou agora à Áustria, tendo atravessado a pé ou de autocarro a Macedónia, a Sérvia, a Bósnia e depois a Croácia.”
C16	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C17	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C18	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Um comboio de Budapeste com cerca de 400 migrantes a bordo chegou à Baviera esta noite”
C19	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C20	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Um grande número pereceu a tentar cruzar o Mar Egeu da Turquia em busca de um futuro melhor na Europa.”
C21	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
C22	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“puderam finalmente deixar a hostil Hungria, cruzando a fronteira a pé, à chuva, de noite” “Este é o grupo de 1.200 migrantes que partiu a pé na sexta-feira ao meio-dia desde Keleti para a Áustria”
D1	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
D2	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
D3	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Aysha aventurou-se sozinha no longo caminho até a Europa, uma criança em cada mão e a terceira a pé. Do autocarro ao barco, comboio ou a pé”,
D4	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“encontraram a morte no Mediterrâneo, a fronteira mais perigosa do mundo”,
D5	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	

D6	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“aos refugiados que tentarão chegar à Grécia por mar” “quando o barco deles virou mesmo perto da costa”
D7	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
D8	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Os mais pobres embarcam em botes insufláveis os mais ricos partem na sua retaguarda, tal como os 70 sírios recém-chegados à ilha de Rodes (Grécia) a bordo de um barco de madeira com vários metros de comprimento, comprado coletivamente.”
D9	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
D10	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
D11	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
D12	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“desembarcam numa ilha grega depois de cruzar o Mediterrâneo em canoas improvisadas.” “Para evitar essa perigosa travessia, alguns migrantes optaram por uma rota improvável, menos direta, mas ainda assim mais segura: a fronteira russo-norueguesa, a porta de entrada mais a norte para chegar à Europa.”
D13	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
D14	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“eles primeiro passaram por Mersin, um importante porto no Mediterrâneo, e finalmente terminaram em Torbali, a quase 1.200 quilómetros de sua casa.”
D15	Hábitos culturais diferentes	“Muitas famílias sírias, principalmente de origem rural, são reticentes em enviar as raparigas para a escola depois dos 12 ou 13 anos. Quanto aos rapazes, o seu nível de escolaridade é baixo porque na maioria das vezes têm de trabalhar””
D16	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
D17	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Os migrantes sírios presos no Mali num desvio da longa jornada que esperam terminar na Europa”
D19	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
D20	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
D21	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	
D22	Não estão presentes nenhum dos elementos acima mencionados	

Apêndice II: Elementos criadores de distância nos artigos analisados sobre refugiados ucranianos

Artigo	Elemento criador de distância	Citação
E1	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E2	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Quando eles estão na Polónia ou na Moldávia, certifico-me de que eles tenham um hotel e comida por uma noite e depois levo-os para a Irlanda”
E3	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E4	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E5	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Anna escapou de autocarro e atravessou o rio Danúbio de ferry até à Romênia.”
E6	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E 7	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E8	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Depois de uma árdua viagem pela Europa”
E9	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E10	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E11	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E12	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E13	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Uma das suas novas residentes, Halyna Shapovalova, viajou de Kharkiv até Rosslare via Eslováquia, Áustria e França.”
E14	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E15	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E16	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E17	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	

E18	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E19	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E20	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E21	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
E22	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F1	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F2	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F3	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F4	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“a maioria dos quais chegou de comboio e carro.”
F5	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F6	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F7	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F8	Menção a hábitos culturais diferentes	“Outros fatores citados incluem custos, choques culturais e de personalidade, anfitriões que não estabelecem as regras da casa, mal-entendidos e problemas de comunicação.”
F9	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F10	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Refugiados que viajaram 1.400 milhas (2.250 km) até o Canal da Mancha”
F11	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Com enormes filas de carros daqueles que fogem das estradas congestionadas e comboios de evacuação sobrelotados, com espaço apenas para ficar de pé e sem espaço suficiente para todos aqueles que querem fugir”
F12	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F13	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F14	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“diz que duplicou o número de comboios diretos até à fronteira polonesa.”

F15	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F16	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F17	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F18	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F19	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F20	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“As imagens nas redes sociais mostram filas de carros a dirigirem-se para oeste em direção à vizinha Polónia, Moldávia, Romênia, Eslováquia e Hungria. ”
F21	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
F22	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“cerca de 400.000 ucranianos fugiram para oeste, ingressando na estrada com temperaturas negativas.”
G1	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G2	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G3	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G4	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G5	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G6	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G7	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Em comboios lotados, em carros e às vezes a pé com pouca bagagem, principalmente mulheres e crianças”
G8	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Desde o início da guerra na Ucrânia com afluxo de refugiados, os caminhos de ferro polacos aumentaram o número de comboios na fronteira ucraniana e tornaram o transporte gratuito para os ucranianos. ”
G9	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Alguns desembarcaram no aeroporto de Beauvais ou vieram de carro, apresentando-se principalmente na fronteira perto de Nice.”
G10	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“um bom número chega de carro”
G11	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	

G12	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G13	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G14	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G15	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G16	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G17	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G18	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Esta charmosa pequena cidade polaca, a 15 quilómetros da fronteira ucraniana, recebe desde e até Lviv.”
G19	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
G20	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Milhares de refugiados têm de atravessar este ponto de passagem em condições terríveis.”
G21	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Mas enquanto 40% dos que fogem da Ucrânia de carro chegam à França pela portagem de Turbie”
G22	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H1	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H2	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H3	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Assim que chegam, depois de uma viagem exaustiva de quatro a sete dias, vê-se o cansaço, o artodoamento nos seus rostos” “este senhor de 60 anos, que nunca tinha viajado na vida, acaba de, em poucos dias, atravessar cinco países, incluindo a Dinamarca”,
H4	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H5	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Refugiados ucranianos descem às centenas de comboios diretamente da Ucrânia ou via os países vizinhos como a Eslováquia e Romênia.”
H6	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H7	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H8	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Os refugiados em comboios completos, de autocarro, mas também de carro...”

H9	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H10	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“outros correm até às fronteiras, de carro ou em comboios sobrelotados”.
H11	Menção à distância física (quilómetros percorridos)/ Modo de travessia	“Então eu apanhei o autocarro. Havia principalmente mulheres e crianças, e muitos gatos e cães. Entrei em Varsóvia e depois na Alemanha. »”
H12	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H13	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H14	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H15	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H16	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“foi depois de uma viagem de duas semanas pela Polónia, e uma paragem em Dresden, Alemanha, que Lessya, Oleg e as suas duas filhas desembarcaram em Dijon,”
H17	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H18	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H19	Menção à distância física (quilómetros percorridos) / Modo de travessia	“Chegou à República Checa em março de 2022 num transporte humanitário. ”
H20	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	
H21	Menção a hábitos culturais diferentes	“Caímos sempre neste obstáculo, o meu marido, as minhas filhas e eu: a barreira da língua. É ela que nos impede de realmente nos projetarmos na França. ”
H22	Não estão presentes nenhuns dos elementos acima mencionados	

Código dos jornais : Daily Mail – A e E; The Guardian – B e F; Figaro – C e G; Le Monde – D e H

Referências bibliográficas dos artigos:

Daily Mail:

A1 – Daily Mail (2015). Holiday britons caught up in migrant nightmare. *Daily Mail*

[https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5G36-0YV1-JCBD-](https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5G36-0YV1-JCBD-D1KS-00000-00&context=1516831)

[D1KS-00000-00&context=1516831.](https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5G36-0YV1-JCBD-D1KS-00000-00&context=1516831)

- A2** – Martin, D. (2016). Cameron To Double Aid Spending On Refugees Fleeing Syria. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5J0X-TVX1-JCBD-D2SK-00000-00&context=1516831>.
- A3** – Daily Mail. (2015). Fury over uk's migrant opt-out. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5G9K-4JD1-JCBD-D38M-00000-00&context=1516831>.
- A4** – Stevens J.. (2015). Yvette: uk should let in 10,000 syrians. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GTW-5SV1-JCBD-D01G-00000-00&context=1516831>.
- A5** – Daily Mail (2015). MILLIONS MORE SYRIANS COULD HEAD FOR EUROPE. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GX0-WKN1-DYTG-43W7-00000-00&context=1516831>.
- A6** – Daily Mail (2015). First syrian refugees land in Scotland. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HD9-3HV1-DYTG-42BW-00000-00&context=1516831>.
- A7** - JACK Doile, J.. (2015). Nearly half of britons think we're taking too many syrian refugees. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GW8-S5B1-DYTG-40PN-00000-00&context=1516831>.
- A8** – Groves, J. (2015) UK troops could help set up safe havens. *Daily Mail*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GW2-RVN1-JCBD-D217-00000-00&context=1516831>.
- A9** - Petre, J. (2015). Welby: it's right to ask if UK has any more room. *Mail on Sunday*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HKN-2NM1-JCBD-D0KB-00000-00&context=1516831>.
- A10** – Crawford, H. (June 4, 2015 Thursday). Now 200 migrants a day are landing on the island of lesbos. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5G4N-TB01-JCBD-D3HP-00000-00&context=1516831>.
- A11** – Hastings, M. (2015). Deadly threat of britain's enemy within. *Daily Mail*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HCW-5661-JCBD-D0FH-00000-00&context=1516831>.
- A12** – Theodoulou, M. (2015). 1 in 3 cyprus base migrants dangerous'. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HDR-1WN1-DYTG-431H-00000-00&context=1516831>.
- A13** – Stevens, J. (2015). Migrant boats with 114 asylum seekers land on british soil. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5H6F-HDW1-DYTG-42MW-00000-00&context=1516831>.
- A14** – Doughty, S (2015). Bishop who preaches about refugees... But won't take any into his six-bedroom house. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5H5W-WWM1-DYTG-40N3-00000-00&context=1516831>.

A15 - Allen, V. (2015). Two little brothers. One epic tragedy. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GV3-5131-DYTG-403P-00000-00&context=1516831>.

A16 – Greenwood, C. (2015). Arguing and wailing in court, syrian refugees' accused of gang rape. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HDY-11Y1-JCBD-D1RN-00000-00&context=1516831>.

A17 - SEARS, N. (2015). 71 refugees perish in air tight truck. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GT1-92G1-DYTG-4033-00000-00&context=1516831>.

A18 - Daily Mail (2016). Mass exodus from syrian bombings. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5J14-T441-DYTG-441B-00000-00&context=1516831>.

A19 - Wilkes, D. (2016). It opened with 100 families but desert camp in Jordan is now home to 80,000 syrian refugees. *Daily Mail (London)*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5J0X-TVX1-JCBD-D2RF-00000-00&context=1516831>.

A20 – Cohen, T.(2016). Pm to accept 3,000 more child migrants' after samcam charity's plea. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HXT-4431-DYTG-44SM-00000-00&context=1516831>.

A21 – Mohamed, J. (2015). Snp chief sturgeon backtracks on her vow to give a home to syrian refugees. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5H16-FJJ1-DYTG-451D-00000-00&context=1516831>.

A22 - Daily Mail. (2015) Daily mail comment. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GV6-SG81-JCBD-D00M-00000-00&context=1516831>.

The Guardian:

B1 – Goldsmith, R (2015). 'In the spirit of the Kindertransport we want to extend a warm welcome to Syria's refugees'; So far Britain has only taken in 187 refugees from Syria. But across the country there are many who are eager to open their homes and communities, explains Rabbi Goldsmith Malvern's plan to give sanctuary to Syrian refugees met with barriers. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GD0-YYF1-F021-625J-00000-00&context=1516831>.

B2 - Larry Elliott, L & Treanor, J. (2016). Dutch PM says refugee crisis could shut down Europe's open borders for good; EU leaders use Davos economic summit to voice concern at numbers of migrants and warn of threat to Schengen agreement over continent-wide travel. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HX2-J9D1-F021-621H-00000-00&context=1516831>.

B3 – Phipps, C. (2015). Refugee crisis briefing: EU quotas, Australia joins Syria strikes, France rejects 'Christians only' calls; Australia to take an extra 12,000 refugees from Syria and IraqGeorge Osborne: aid 'is why I'm in politics'Hungarian journalist who kicked refugee children is firedSandstorm hits refugee camps in Lebanon. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GWD-4MW1-F021-62CH-00000-00&context=1516831>.

B4 – Weaver, M. (2015). Refugee boats wash up at UK military base in Cyprus; Four boats arrive at base used to launch airstrikes against Islamic State militants in Iraq and Syria. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5H6C-JPJ1-F021-6515-00000-00&context=1516831>.

B5 - Brown, G. (2016). Without education, Syria's children will be a lost generation; 'Double-shift' schools in Lebanon have shown it can be done. It is imperative that money is found to give all young refugees the hope that education provides. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HV4-9KR1-JCJY-G4H6-00000-00&context=1516831>.

B6 - Rankin, J. (2016). Syria refugee crisis: EU and Turkey agree outline of deal; Angela Merkel describes one in, one out proposal as a 'breakthrough' but says time needed to agree final details. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5J80-HFN1-JCJY-G050-00000-00&context=1516831>.

B7 - Galatsidas, A. & Anderson, M. (2015). Syrian refugees: 3.5 million people flee to neighbouring countries; The UN refugee agency has identified the huge impact of the crisis on the Middle East and Turkey, and says 20,000 Syrians have applied for asylum in Europe. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5FGS-DRY1-F021-639S-00000-00&context=1516831>.

B8 – Medhora, S. (2015). Tony Abbott hints at taking fight to Isis in Syria amid pressure to help country's refugees; Australian prime minister says government's response to Middle East crisis 'will become stronger in coming days' as opposition urges boost of 10,000 refugees. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GW0-VMY1-F021-60HK-00000-00&context=1516831>.

B9 - Beaumont, P. (2015). Pushed back into the fire: the refugees who feel compelled to return to Syria; Refugees living outside camps in Jordan are among the most vulnerable but also receive the least assistance, leaving them unable to survive. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GXJ-1FR1-F021-62PG-00000-00&context=1516831>.

B10 - Weaver, M. Borger, J. Mark, T. & Smith, H. (2015)). UK must resettle refugees who arrived on Cyprus military base, says UN; Refugee agency contradicts MoD claims that 114 asylum seekers who arrived to British base after being abandoned by people smugglers are not UK responsibility. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5H6D-XYX1-F021-64NS-00000-00&context=1516831>.

- B11** – Medhora, S. (2015). Peter Dutton: Australia could take more Syrian and Iraqi refugees; Immigration minister says the door is open to take more refugees on top of the one-off 12,000 intake announced in September. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HB6-2411-JCJY-G3WC-00000-00&context=1516831>.
- B12** - Traynor, I. (2015). EU leaders race to secure (EURO)3bn migrant deal with Turkish president; David Cameron is the first leader to pledge funds, offering Recep Tayyip Erdogan (EURO)400m to stem flow of refugees from Syria. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HC4-XM61-JCJY-G4CH-00000-00&context=1516831>.
- B13** – Wintour, P. & Watt, N. (2015). Cameron bows to pressure to let in more Syrian refugees; Prime minister says UK will take thousands of people now housed in UN refugee camps on Syria's border. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GV6-BBG1-F021-63TB-00000-00&context=1516831>.
- B14** - Borger, J. (2015). Syria safe zones will not end need for asylum in west, UN refugee head warns; Antonio Guterres says French-led push for secure areas within Syria will be difficult to achieve and western countries must still be ready to accept refugees. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5H1Y-0XK1-JCJY-G3X6-00000-00&context=1516831>.
- B15** - Malik, S. (2015). Former British general calls for no-fly zone over north-west Syria; Graeme Lamb, who was an architect of the 'surge' strategy in Iraq, advocates establishing safe zone in Syria to enable international aid efforts. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5H19-36F1-JCJY-G0NM-00000-00&context=1516831>.
- B16** – Medhora, S. (2015). Cory Bernardi: Australia must reconsider refugee intake in light of Paris attacks; Liberal senator says he previously backed government's decision to take extra 12,000 Syrian and Iraqi refugees but changed his mind after Paris attacks. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HFC-Y471-JCJY-G10C-00000-00&context=1516831>.
- B17** – Tisdall, S. (2016). Refugees are becoming Russia's weapon of choice in Syria; Turkey sees targeting of civilian hubs as a deliberate attempt to create mass outflow of people and vacuum for pro-Assad forces to fill. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5J3K-45J1-F021-63MM-00000-00&context=1516831>.
- B18** – McCarthy, T. & Gajanan, M. (2015). House Democrats who backed refugee bill face social media backlash; Commenters reject plan to impose extra restrictions on Syria and Iraq refugees Safe Act attracted support of Democrats. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HDV-P621-JCJY-G24R-00000-00&context=1516831>.

B19 – Watt, N. (2015). David Cameron says UK will take thousands more Syrian refugees; Britain will 'act with head and heart' to accept refugees from camps on Syrian borders while working on long-term solution. *The*

Guardian. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GVC-8DF1-F021-600D-00000-00&context=1516831>.

B20 – Fleming, M. (2015). Six reasons why Syrians are fleeing to Europe in increasing numbers; Why are so many more refugees undertaking the long journey to Europe? UNHCR's Melissa Fleming explains. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5H7G-DG81-F021-619V-00000-00&context=1516831>.

B21 – Johnston, C. (2015). UK must emulate Kindertransport to aid refugee crisis, says Lord Sacks; Former chief rabbi says Britain must respond to situation with gesture similar to aiding Jewish children before second world war. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GV9-SMT1-F021-6514-00000-00&context=1516831>.

B22 – Watt, N. & Meikle, J. (2015). Nicola Sturgeon and Yvette Cooper offer to house Syrian refugees; Scottish first minister and Labour leadership contender join Bob Geldof in saying they would open their home to those fleeing war in Syria. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GVT-P791-JCY-G33S-00000-00&context=1516831>.

Le Figaro:

C1 – Le Figaro (2015). 4 millions de réfugiés autour de la Syrie. *Le Figaro Newsflash - News*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GD6-3JB1-F018-N389-00000-00&context=1516831>.

C2 - Detruy, M. (2015). En Autriche, ils étaient 71 dans le camion de la mort; Les réfugiés venaient probablement de Syrie. En Hongrie, la police a retrouvé les hommes qui ont abandonné le véhicule. *Le Figaro*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GT1-V0Y1-JCX3-J1DH-00000-00&context=1516831>.

C3 - Bastié, E. (2015). Après l'appel du Pape, les catholiques mobilisés en masse. *Le Figaro*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GWC-GYB1-F0C5-81H7-00000-00&context=1516831>.

C4 - Berthemet, T. (2015). La nouvelle stratégie perfide des passeurs de migrants; En deux semaines, trois navires poubelles remplis de clandestins ont été lancés sans équipage vers les côtes italiennes. *Le Figaro*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5F08-WP21-F0C5-815N-00000-00&context=1516831>.

C5 - Barotte, N. (2016). Migrants : Merkel sous le feu des critiques; Le lien entre la vague de réfugiés et les violences à Cologne est d'ores et déjà fait et l'Allemagne semble arrivée à saturation. *Le Figaro*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HTD-41S1-F0C5-82VK-00000-00&context=1516831>.

- C6** - Collomp, F. (2015). Londres veut renvoyer les migrants chez eux. *Le Figaro*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5G06-X501-F0C5-82KD-00000-00&context=1516831>.
- C7** - .. Le Figaro (2015). Asile : Hollande et Valls rattrapés par la loi des quotas. *Le Figaro* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GVH-M831-F0C5-801B-00000-00&context=1516831>.
- C8** - Girard, Renaud. (Mardi 8 Mars 2016). L'Europe face au retour de l'histoire. *Le Figaro*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5J80-CT21-JCX3-J4W9-00000-00&context=1516831>.
- C9** - Cornevin, C. (2016). Cazeneuve en Grèce et en Turquie pour colmater Schengen; Le ministre de l'Intérieur devrait notamment rencontrer les autorités grecques avec son homologue allemand. *Le Figaro*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5J0Y-BPY1-JCX3-J464-00000-00&context=1516831>.
- C10** - Leclerc, J. (2015). L'État veut quasiment doubler son parc de logements pour les demandeurs d'asile. *Le Figaro*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HC1-TBY1-F0C5-822P-00000-00&context=1516831>.
- C11** - Le Figaro (2015). L'ONU rejette les appels à refouler des réfugiés. *Le Figaro Newsflash - News*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HD3-B701-JCJ6-Y4M1-00000-00&context=1516831>.
- C12** - Le Figaro (2015). Le premier avion de réfugiés arrivé en Ecosse. *Le Figaro Newsflash - News*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5HD8-Y1K1-JCJ6-Y18F-00000-00&context=1516831>.
- C13** - Le Figaro (2015). Amnesty s'alarme du sort des réfugiés syriens. *Le Figaro Newsflash - News*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5G78-SHJ1-JCJ6-Y051-00000-00&context=1516831>.
- C14** - Le Figaro (2015). Canada : l'opposition propose d'accueillir 46.000 réfugiés. *Le Figaro Newsflash - News*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GWM-VSF1-F018-N03S-00000-00&context=1516831>.
- C15** - Doiezie, M. (2015). Migrants : son piano brûlé par Daech, il s'exile en Europe. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5H01-3B21-F018-N2TH-00000-00&context=1516831>.
- C16** - Le Figaro (2015). Migrants: l'Europe centrale hostile aux quotas. *Le Figaro Newsflash - News*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GWM-VSF1-F018-N1T6-00000-00&context=1516831>.
- C17** - Le Figaro (2015). Immigration: Sarkozy assume ses propositions. *Le Figaro Newsflash - News*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GWP-R5K1-JCJ6-Y24S-00000-00&context=1516831>.
- C18** - Le Figaro (2015). VIDÉO - Allemagne: 400 migrants arrivent de Hongrie. *Le Figaro Newsflash - News*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GTK-17B1-JCJ6-Y07C-00000-00&context=1516831>.

C19 - Le Figaro (2015). Des milliers de réfugiés syriens entrent en Turquie. *Le Figaro Newsflash - News*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5G6Y-8W51-JCJ6-Y3H0-00000-00&context=1516831>.

C20 – Le Figaro (2015). Migrants: une fillette syrienne se noie. *Le Figaro Newsflash - News*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GYJ-0MW1-F018-N2V3-00000-00&context=1516831>.

C21 - Le Figaro (2016). Bulgarie: deux migrantes retrouvées mortes. *Le Figaro Newsflash - News*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5J1N-67D1-F018-N2TP-00000-00&context=1516831>.

C22 - Le figaro.fr. (2015). 6.500 migrants arrivés en Autriche depuis la Hongrie. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:5GW-M-VSD1-F018-N54Y-00000-00&context=1516831>.

Le Monde:

D1 – Le Monde. (2016). La guerre racontée par des enfants réfugiés #Syrie5ans. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/big-browser/article/2016/03/15/la-guerre-racontee-par-des-enfants-refugies-syrie5ans_5991936_4832693.html

D2 – Le Monde. (2016). #Syrie5ans : Révolution, guerre, exil... Réfugiés en France, des Syriens témoignent. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/proche-orient/portfolio/2016/03/15/syrie5ans-revolution-guerre-exil-refugies-en-france-des-syriens-temoignent_4883244_3218.html

D3 – Le Monde. (2016). Le monde D'ingénieure à Alep à réfugiée en Allemagne... le récit d'Aysha #Syrie5ans *Le Monde* https://www.lemonde.fr/big-browser/article/2016/03/15/d-ingenieure-a-alep-a-refugiee-en-allemande-le-recit-d-aysha-syrie5ans_5991928_4832693.html

D4 – Michailof, S. (2015). Le g20 doit aider les pays du Levant à mieux accueillir les réfugiés syriens. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/idees/article/2015/11/13/le-g20-doit-aider-les-pays-du-levant-a-mieux-accueillir-les-refugies-syriens_4809267_3232.html

D5 - Sallon, H. (2016) Plus de 15 000 réfugiés bloqués entre Syrie et Jordanie. *Le Monde*. https://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2016/02/03/plus-de-15-000-refugies-bloques-entre-syrie-et-jordanie_4858521_3218.html

D6 – Soullier, L. (2015). En Turquie, dans la petite Syrie d'Izmir, l'économie parallèle des réfugiés. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/25/en-turquie-dans-le-quartier-little-syria-d-izmir-l-economie-parallele-des-refugies_4772227_3214.html

D7 – Stroobants, J. & Ducourtieux, C. (2015) Réfugiés : l'UE débloque plus d'un milliard d'euros. *Le Monde*. https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/24/refugies-l-ue-debloque-plus-d-un-milliard-d-euros_4769478_3214.html

D8 – Jégo, M. (2015) La Turquie a du mal à retenir les réfugiés venus de Syrie. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/24/la-turquie-a-du-mal-a-retenir-les-refugies-venus-de-syrie_4770072_3214.html

- D9** – Paris, G. (2015) Les Etats-Unis s’ouvrent timidement aux réfugiés venus de Syrie. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2015/09/11/les-etats-unis-s-ouvrent-timidement-aux-refugies-venus-de-syrie_4752578_3210.html
- D10** – Le Monde. (2015) L’Australie décide d’accueillir davantage de réfugiés et de bombardier l’EI en Syrie. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2015/09/09/l-australie-decide-d-accueillir-davantage-de-refugies-et-de-bombarder-l-ei-en-syrie_4749790_3210.html
- D11** – Le Monde (2015). En Syrie, plus de 4 millions de réfugiés en quatre ans de guerre. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2015/07/09/en-syrie-plus-de-4-millions-de-refugies-en-quatre-ans-de-guerre_4677501_3218.html
- D12** – Le Monde (2015). Le Grand Nord à vélo, la nouvelle route des migrants syriens vers l’Europe. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/big-browser/article/2015/09/14/le-grand-nord-a-velo-la-nouvelle-route-des-migrants-syriens-vers-l-europe_5991462_4832693.html
- D13** – Harau, J. (2016) « Invités de l’hiver », des réfugiés syriens racontent leur exil sur scène. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/scenes/article/2016/03/14/invites-d-hiver-des-refugies-syriens-racontent-sur-scene-leur-exil_4882617_1654999.html
- D14** – Jégo, M. (2016) La grande précarité des réfugiés syriens de Torbali, en Turquie. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2016/03/17/la-grande-precarite-des-refugies-syriens-de-torbali_4885288_3218.html
- D15** – Jégo, M. (2016) En Turquie, la deuxième survie des réfugiés syriens. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2016/03/17/en-turquie-la-deuxieme-survie-des-refugies-syriens_4884745_3210.html
- D16** – Le Monde (2016) Réfugiés syriens : la Turquie en première ligne. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2016/03/08/refugies-syriens-la-turquie-en-premiere-ligne_4878671_4355770.html
- D17** – Dembélé, D. (2016) A Bamako, des réfugiés syriens refont leur vie. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/afrique/article/2016/01/08/a-bamako-des-refugies-syriens-refont-leur-vie_4844085_3212.html
- D18** – Lauer, S. (2015) Chez les réfugiés syriens du New Jersey, la peur de l’amalgame. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2015/12/21/chez-les-refugies-syriens-du-new-jersey-la-peur-de-l-amalgame_4835842_3222.html
- D20** – Le Monde (2015) Le Canada accueille ses premiers réfugiés syriens. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2015/12/11/le-canada-accueille-ses-premiers-refugies-syriens_4829513_3222.html
- D21** – Wassermann, L. (2015) A peine 0,4 % des réfugiés syriens veulent venir en France. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/12/09/a-peine-0-4-des-refugies-syriens-veulent-venir-en-france_4827967_3214.html
- D22** - Baumard, M. (2015) Des réfugiés syriens enfermés dans des centres de rétention administrative. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/societe/article/2015/11/14/des-refugies-syriens-enfermes-dans-des-centres-de-retention-administrative_4809903_3224.html

Daily Mail:

E1 - Andy Dolan. (2022). Ukraine refugee, 14, dies af ter she is found on beach. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:67R3-0XW1-JCBW-N1FN-00000-00&context=1516831>.

E2 - Jones, O. (2022). Lecturer rescues 5,000 refugees from Ukraine. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:66F1-8HN1-DYTY-C2YD-00000-00&context=1516831>.

E3 - Kirby, G. (2022). Gr8 news: Mail fund for refugees hits £8million; UKRAINE REFUGEE APPEAL. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:651K-9NW1-DYTY-C22B-00000-00&context=1516831>.

E4 – Daily Mail (2022). On giving shelter to a refugee from Ukraine. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:66YJ-8H81-DYTY-C499-00000-00&context=1516831>.

E5 – Greenhill, S. (2022). A helping hand for tearful refugee who fled bombing; Ukraine refugee appeal. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:651C-BGN1-DYTY-C13M-00000-00&context=1516831>.

E6 - Stevens, J & Ellicott, C. (March 1, 2022 Tuesday). Britain will give sanctuary to 100,000 Ukraine refugees. *Daily Mail* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64WP-62D1-DYTG-43X9-00000-00&context=1516831>.

E7 - Dollimore, L. (2022). Police quizzed me over 'slavery' ... for asking Ukraine refugee to help with the washing up. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:66RB-MCX1-DYTY-C4JD-00000-00&context=1516831>.

E8 – Greenhill, S. & Hookham, M. (2022). £500,000 for charity helping those seeking shelter in Britain; UKRAINE REFUGEE APPEAL. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:6515-CD41-DYTY-C2KW-00000-00&context=1516831>.

E9 - O'Driscoll, S. (2022). Outrage over wave of anti-Ukraine graffiti; Refugees 'fearful and confused' after Russian symbol sprayed in Donegal. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:66TP-0VK1-JCBW-N3BF-00000-00&context=1516831>.

E10 - Begley, I. & Burne, L. (2022). First Ukraine refugees arrive at military camp; More than 100 people move into Army tents as Gormanston opens. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:65YT-3GK1-DYTY-C2DP-00000-00&context=1516831>.

E11 - Lynch, N. (2022). Kaplinsky: My family's persecution inspired me to take in refugees; war in ukraine. *Mail on Sunday*

(London). <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:65XY-NXF1-JCBW-N493-00000-00&context=1516831>.

E12 - Burne, L.& Smyth, R. (2022). B&Bs and hotels get (euro)100m to house refugees; hotels w els warn of refugee squeeze on capacity as state struggles to find accommodation for 50,000 refugees fleeing ukraine war. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:662J-PTS1-DYTY-C1M9-00000-00&context=1516831>.

E13 -Burne, L. (2022). Properties not inspected before refugees housed; war in Ukraine Refugees tell of the misery of the hostel they have been placed in. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:6556-5YP1-DYTY-C1H2-00000-00&context=1516831>.

E14 – McGuirk, C. & Drennan, J. (2022). Irish Red Cross critical of long-term refugees' status. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:66RJ-XPT1-DYTY-C49H-00000-00&context=1516831>

E15 – Marsden, R. (2022). Visa shambles: Now even Tory MPs can't bring refugees here; war in Ukraine. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:656G-G9S1-JCBW-N327-00000-00&context=1516831>.

E16 –MacGowan, S. (2022). Ambassador's refugee crisis remarks 'untrue'; war in Ukraine. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:66PP-7PG1-DYTY-C0V8-00000-00&context=1516831>.

E17 – Craig Hughes, C. Burne, L. & McGowan, S. (2022). no more room for ukraine refugees; Plan for tent cities as arrivals sleep rough Fleeing war and forced to sleep on chairs in the airport. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:65XH-8K41-DYTY-C41P-00000-00&context=1516831>.

E18 – Daily Mail (2023). Arrivals 'equal to Carlow population'. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:68BR-Y531-JCBW-N0FD-00000-00&context=1516831>.

E19 – Drennan, J. (2023). Fine Gael gives a wide berth to talk of housing migrants aboard ships. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:67PF-DDD1-JCBW-N3S9-00000-00&context=1516831>.

E20 – Greenhill, S. (2022). Fabulous £5million!; 32,000 cheques part of amazing sum raised by readers and business UKRAINE REFUGEE APPEAL. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64YN-JRK1-JCBW-N12M-00000-00&context=1516831>.

E21 –Barrett, D. (2022). Priti's crisis meetings to fix refugee scheme; WAR IN UKRAINE. *Mail on Sunday* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:653X-VC01-JCBW-N101-00000-00&context=1516831>.

E22 - Byrne, N. (2022). Town of a thousand welcomes; Locals in Cahersiveen, Co Kerry, have doors and their arms to Ukrainian ref war, they've actively campaigned for ven't just opened their refugees fleeing

Putin's or them to be allowed stay. *Mail on Sunday*
<https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:687C-6SP1-DYTY-C35N-00000-00&context=1516831>.

The Guardian:

F1 - Sweney, M. (2022). Redrow founder vows to pay for 1,000 Ukraine refugees to come to UK. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64YX-2F91-JBNF-W1HK-00000-00&context=1516831>.

F2 – Stewart, H. (2022). Ukraine refugees trying to get UK visas facing 'Kafkaesque' system, MPs told. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:6545-9KD1-JBNF-W0T5-00000-00&context=1516831>.

F3 – Batty, D. (2022). Double Ukraine refugee host payments to aid cost of living, says minister. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:6673-2XK1-JBNF-W4KM-00000-00&context=1516831>.

F4 - Syal, R. & O'Carroll, L. (2022). Where in Europe are Ukraine's refugees going?. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64Y8-51B1-JBNF-W0KG-00000-00&context=1516831>.

F5 - Ahmed, K. Kelly, A. Jones, S. Smith, H. Chrisafis, A. & Giuffrida, A. (2022). How European response to Ukraine refugees differs from UK. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64YW-2JN1-JBNF-W3XC-00000-00&context=1516831>.

F6 - Rankin, J. (2022). Ukraine refugees given right to live in EU for three years. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64X1-5G91-JBNF-W09G-00000-00&context=1516831>.

F7 – Gentleman, A. (2022). Questions mount amid eagerness in UK to help Ukraine refugees. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:651B-P9J1-JBNF-W0WC-00000-00&context=1516831>.

F8 - Bryant, M. (2022). Ukraine refugees homeless in UK after falling out with hosts, say community groups. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:65G5-KSG1-JBNF-W4H8-00000-00&context=1516831>.

F9 - Syal, R. (2022). Stop matching lone female Ukraine refugees with single men, UK told. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:656X-KTW1-DY4H-K3WS-00000-00&context=1516831>.

F10 - Boffey, D. (2022). Macron says UK failing to live up to its 'grand statements' on Ukraine refugees. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64YX-R6V1-DY4H-K0T9-00000-00&context=1516831>.

- F11** - Beaumont, P. (2022). Ukraine has fastest-growing refugee crisis since second world war, says UN. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64XV-6BK1-JBNF-W1J8-00000-00&context=1516831>.
- F12** - Halliday, J & Taylor, D. (2022). Ukraine refugees in UK face waits of up to two years for war trauma therapy. *The Guardian* (London). <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:65DF-5JP1-JBNF-W101-00000-00&context=1516831>.
- F13** - Kelly, A. (2022). Ukraine's refugees: how many are displaced and where will they go?. *The Guardian* (London). <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64X6-98D1-DY4H-K21J-00000-00&context=1516831>.
- F14** - Oltermann P. (2022). 'Tip of the iceberg': Berliners rally to welcome refugees from Ukraine. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64XD-SBV1-DY4H-K4J3-00000-00&context=1516831>.
- F15** – Strzyzyska, W. (2022) 'Meet us before you reject us': Ukraine's Roma refugees face closed doors in Poland. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:65DP-N7N1-JBNF-W1WJ-00000-00&context=1516831>.
- F16** - Kelly, A. Rosie Swash, R. & Fallon, K. (2022). As 1.3 million people flee, Ukraine's refugee crisis is only just beginning. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64XK-7FX1-DY4H-K15D-00000-00&context=1516831>.
- F17** - Gentleman, A. (2023). Ukrainian refugees struggling to find accommodation after leaving UK sponsors. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:67SY-K161-DY4H-K144-00000-00&context=1516831>.
- F18** - Townsend, M. & Fazackerley, A. (2022). Ukraine refugees staying with UK hosts not cleared by DBS criminal record checks. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:65G6-XTV1-DY4H-K1F6-00000-00&context=1516831>.
- F19** - McKenzie, P. (2022). 'Desperate and pleading for action': New Zealand under pressure to help Ukraine refugees. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64Y3-NWC1-DY4H-K4H4-00000-00&context=1516831>.
- F20** – Hall, R. (2022). Charities urge UK to welcome refugees fleeing Ukraine conflict. *The Guardian*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64VX-4NR1-JBNF-W26J-00000-00&context=1516831>.
- F21** - Syal, R. Elgot, J. & Slawson, N. (2022). Priti Patel refuses to waive all visa rules for Ukraine refugees. *The Guardian* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64WJ-J571-JBNF-W29F-00000-00&context=1516831>.

F22 - The Guardian. (2022). The Guardian view on welcoming refugees from Ukraine: Britain must do more. *The Guardian* (London). <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64WK-CPN1-DY4H-K02S-00000-00&context=1516831>.

Le Figaro:

G1 – Le Figaro. (2022). Guerre en Ukraine : le nombre de réfugiés a franchi la barre des 4 millions. *Le Figaro*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:653Y-R2M1-JCJ6-Y00W-00000-00&context=1516831>.

G2 - Le Figaro. (2022). Guerre en Ukraine : le nombre de réfugiés a atteint les 3 millions. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:650S-5F51-F018-N03K-00000-00&context=1516831>.

G3 – Le Figaro (2022). La France passe la barre des 10.000 réfugiés venus d'Ukraine. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64YX-FJ61-F018-N1DT-00000-00&context=1516831>.

G4 - Mendret, M. (2022). Guerre en Ukraine: des réfugiés ukrainiens quittent la Pologne pour regagner leur pays. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:65VP-6HJ1-JCJ6-Y2K5-00000-00&context=1516831>.

G5 - Le Figaro (2022). Ukraine : plus de 50.000 réfugiés en 24 heures. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:659X-XT81-JCJ6-Y2DV-00000-00&context=1516831>.

G6 – Collomp, F. (2022). Solution en vue pour l'échange des billets des réfugiés d'Ukraine. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:654F-06S1-JCJ6-Y1W8-00000-00&context=1516831>.

G7 - Le Figaro (2022). Plus de 500.000 réfugiés venus d'Ukraine recensés par le HCR. *Le Figaro* <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64WJ-S551-F018-N12Y-00000-00&context=1516831>.

G8 - Le Figaro (2022) Trains polonais gratuits pour les Ukrainiens allant en Allemagne. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64YP-G311-F018-N4YG-00000-00&context=1516831>.

G9 - Leclerc, J. (2022). Ukraine: les premiers réfugiés arrivent en France. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64X4-2G91-JCJ6-Y12Y-00000-00&context=1516831>.

G10 - Le Figaro (2022). Guerre en Ukraine : le nombre de réfugiés ukrainiens a dépassé les 2 millions. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64Y7-C9V1-F018-N0MK-00000-00&context=1516831>.

G11 - Le Figaro & AFP agence. (2023). Amazon, Hilton, Marriott et d'autres grandes entreprises promettent des dizaines de milliers d'emplois aux réfugiés en

Europe. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:68H2-PXG1-F018-N0WB-00000-00&context=1516831>.

G12 - Le Figaro (2022). Ukraine: le nombre de réfugiés s'approche de la barre des 5,2 millions. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:6599-0HT1-F018-N33N-00000-00&context=1516831>.

G13 - Le Figaro (2022). Finlande : nombre record de réfugiés en raison de la guerre en Ukraine. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:663W-X561-JCJ6-Y0GJ-00000-00&context=1516831>.

G14 - Drouillac, E. (2022). Le gouvernement annonce la création d'une plateforme facilitant l'accueil des réfugiés ukrainiens. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64Y8-J071-F018-N28Y-00000-00&context=1516831>.

G15 - Le Figaro. (2022). Ukraine : la barre des 2,5 millions de réfugiés franchie en 2 semaines. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64YX-FJ61-F018-N1FG-00000-00&context=1516831>.

G16 - Le Figaro. (2022). Guerre en Ukraine : près d'un million de réfugiés enregistrés en Allemagne. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:6673-FVY1-JCJ6-Y0Y8-00000-00&context=1516831>.

G17 - Le Figaro (2022). Plus de 660.000 réfugiés ont fui l'Ukraine en six jours. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64WR-K601-F018-N273-00000-00&context=1516831>.

G18 - Marchaud, C. (2022). Guerre en Ukraine: ces réfugiés qui rentrent malgré tout au pays. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:6511-F771-F018-N4WM-00000-00&context=1516831>.

G19 - Le Figaro. (2022). Invasion russe : plus de 2,5 millions de personnes ont fui l'Ukraine, selon l'ONU. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:64YX-FJ61-F018-N13D-00000-00&context=1516831>.

G20 - Pervinquier, A. C. Lestienne, C. (2023). Dix images qui racontent un an de souffrances et de résistance ukrainiennes. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:67MR-2D11-F018-N0CG-00000-00&context=1516831>.

G21 - Le Figaro (2022). Guerre en Ukraine : Nice et les Alpes-Maritimes «débordés» par le flux de réfugiés, selon Christian Estrosi. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:650S-5F51-F018-N065-00000-00&context=1516831>.

G22 - Le Figaro. (2022). Le nombre des réfugiés ukrainiens entrés en Pologne dépasse les deux millions. *Lefigaro.fr*. <https://advance.lexis.com/api/document?collection=news&id=urn:contentItem:651D-3K61-F018-N05J-00000-00&context=1516831>.

Le Monde:

- H1** – Tardis, M. (2022). Accueil des réfugiés d’Ukraine : « L’Europe vit ce que d’autres régions du monde connaissent depuis le début du XXI^e siècle » *Le Monde* https://www.lemonde.fr/idees/article/2022/05/17/accueil-des-refugies-d-ukraine-l-europe-vit-ce-que-d-autres-regions-du-monde-connaissent-depuis-le-debut-du-xxi-siecle_6126504_3232.html
- H2** – Pascual, J. (2022) La France, un pays peu attractif pour les réfugiés d’Ukraine, de Syrie ou d’Afghanistan. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/societe/article/2022/04/20/immigration-la-france-un-pays-peu-attractif-pour-les-refugies_6122909_3224.html
- H3** – Rey-Lefebvre, I. (2022) Pour accueillir les réfugiés venus d’Ukraine, l’indispensable médiation des interprètes bénévoles. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/societe/article/2022/04/19/pour-accueillir-les-refugies-venus-d-ukraine-l-indispensable-mediation-des-interpretes-benevoles_6122795_3224.html
- H4** – Vincent, F. & Pascual J. (2023) Avec la guerre en Ukraine, l’Europe connaît son plus grand mouvement de réfugiés depuis la seconde guerre Mondiale. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2023/02/21/un-an-de-guerre-en-ukraine-le-plus-grand-mouvement-de-refugies-sur-le-continent-depuis-la-seconde-guerre-mondiale_6162639_3210.html
- H5** – Chastand, J. (2022) Guerre en Ukraine : en Hongrie, les réfugiés ne font que passer. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2022/03/18/guerre-en-ukraine-en-hongrie-les-refugies-ne-font-que-passer_6118130_3210.html
- H6** - Chastand, J. & Bienvenue, H. (2022) Guerre en Ukraine : en Europe centrale, la générosité envers les réfugiés ukrainiens s’étiole. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2022/06/10/en-europe-centrale-la-generosite-envers-les-refugies-ukrainiens-s-etiole_6129676_3210.html
- H7** – Stroobants, J. (2022) Guerre en Ukraine : l’Union européenne se mobilise pour accueillir les réfugiés. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2022/03/09/guerre-en-ukraine-l-union-europeenne-se-mobilise-pour-accueillir-les-refugies_6116771_3210.html
- H8** – Regnier, I. (2022) Guerre en Ukraine : l’architecte japonais Shigeru Ban au chevet des réfugiés à Chelm, en Pologne. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2022/03/16/l-architecte-japonais-shigeru-ban-au-chevet-des-refugies-ukrainiens-de-chelm-en-pologne_6117731_3210.html
- H9** - Stroobants, J. (2022) Guerre en Ukraine : l’Union européenne mobilise des fonds pour l’accueil des réfugiés. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2022/03/29/guerre-en-ukraine-l-union-europeenne-mobilise-des-fonds-pour-l-accueil-des-refugies_6119557_3210.html
- H10** - Stoquer, V. (2023) Combien de réfugiés sont arrivés en Europe un an après le début de la guerre en Ukraine ? *Le Monde* https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2023/02/20/guerre-en-ukraine-combien-de-refugies-en-europe-un-an-apres-le-debut-de-la-guerre_6162621_4355770.html
- H11** – Boutelet, C. (2023) En Allemagne, un million de réfugiés ukrainiens accueillis en un an. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/emploi/article/2023/02/21/en-allemande-un-million-de-refugies-ukrainiens-accueillis-en-un-an_6162707_1698637.html
- H12** – Chancel E. (2022) La difficile quête d’autonomie des plus de 100 000 réfugiés ukrainiens en France. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/societe/article/2022/12/30/la-difficile-quete-d-autonomie-des-plus-de-100-000-refugies-ukrainiens-en-france_6156042_3224.html
- H13** – Grynszpan, E. (2022) Guerre en Ukraine : les missiles russes annoncent un hiver terrible pour les réfugiés venus dans la ville de Lviv. *Le Monde*

https://www.lemonde.fr/international/article/2022/10/12/pres-de-lviv-les-frappes-de-missiles-russes-annoncent-un-hiver-terrible-pour-les-refugies_6145462_3210.html

H14 – Ducourtieux, C. (2023) Eurovision 2023 : la ville de Liverpool se pare des couleurs de l'Ukraine. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2023/05/13/eurovision-2023-la-ville-de-liverpool-se-pare-des-couleurs-de-l-ukraine_6173228_3210.html

H15 – Rof, G. (2022) L'accueil de réfugiés ukrainiens à bord du ferry « Méditerranée » a coûté près de 6 millions d'euros. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/societe/article/2022/10/24/l-accueil-de-refugies-ukrainiens-a-bord-du-ferry-mediterranee-a-coute-pres-de-6-millions-d-euros_6147117_3224.html

H16 – Hazard, A. (2023) Guerre en Ukraine : une famille réfugiée, le « cœur à Kiev », raconte son année en France, les unes dans un appartement, les autres en foyer. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/societe/article/2023/02/21/une-famille-d-ukrainiens-le-c-ur-a-kiev-raconte-son-annee-en-france-les-unes-dans-un-appartement-les-autres-en-foyer_6162760_3224.html

H17 – Pascual, J. (2023) Pour l'accueil des Ukrainiens, l'Etat français a dépensé 634 millions d'euros en 2022. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/societe/article/2023/02/28/pour-l-accueil-des-ukrainiens-l-etat-francais-a-depense-634-millions-d-euros-en-2022_6163598_3224.html

H18 – Nassi, M. (2023) Comment l'enseignement supérieur s'est mobilisé pour accueillir les jeunes Ukrainiens. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/campus/article/2023/02/21/comment-l-enseignement-superieur-s-est-mobilise-pour-accueillir-les-jeunes-ukrainiens_6162644_4401467.html

H19 – Bienvenu, H. (2023) Un an après le début de la guerre, l'intégration réussie de 1,4 million d'Ukrainiens en Pologne et en République tchèque. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2023/02/21/un-an-apres-le-debut-de-la-guerre-l-integration-reussie-de-1-4-million-d-ukrainiens-en-pologne-et-en-republique-tcheque_6162667_3210.html

H20 – Albertini, A. (2022) Guerre en Ukraine : pour lutter contre les filières criminelles, les autorités françaises « filtrent » les réfugiés. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/societe/article/2022/05/17/guerre-en-ukraine-pour-lutter-contre-les-filieres-criminelles-les-autorites-francaises-filtrent-les-refugies_6126474_3224.html

H21 – Guillard, A. L'Hénoret, S. Battaglia M. & Pouille J. (2022) Exilés ukrainiens et russes en France : « On retombe toujours sur cet obstacle : la barrière de la langue » *Le Monde* https://www.lemonde.fr/societe/article/2022/05/07/exiles-ukrainiens-et-russes-en-france-on-retombe-toujours-sur-cet-obstacle-la-barriere-de-la-langue_6125108_3224.html

H22 – Stroobants, J. & Ducourtieux, C. (2022) Guerre en Ukraine : l'Union européenne en quête de solutions pour accueillir les réfugiés. *Le Monde* https://www.lemonde.fr/international/article/2022/02/28/guerre-en-ukraine-l-union-europeenne-essaie-de-s-adapter-a-une-nouvelle-vague-de-refugies_6115545_3210.html